

ESTRÊA LITTERARIA



JORNAL RECREATIVO



1858 - MARÇO - I

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Annuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
{ Com estampilha 270 "

INTRODUÇÃO.

Mais um jornal sãe a affrontar os escollhos da publicidade! . . . não o hostiliseis, que a sua missão é nobre! . . . prestae-lhe mesmo o vosso auxilio, que assim concorrereis para uma obra meritoria! . . .

Não foi a ambição de renome, nem o orgulho da publicidade, que suscitou aos colaboradores d'este jornal a idéa da sua criação. Não foi tambem um méro passatempo, ou uma vangloria, que os resolveu a entregarem á estampa as primicias da sua vida litteraria! . . . O seu fim é mais sublime; pois que, se alguns mancebos pertencentes á corporação academica, emprehenderam esta publicação, foi para, com os proventos d'ella, coadjuvarem um collega e irmão, que, quasi nos fins da sua lide scientifica, se via pouco favorecido dos meios da fortuna! . . .

A idéa é nobre! e vós haveis não só de a applaudir, mas até de corresponder a ella, prestando os vossos bons auxilios a esta nova subscrição litteraria, na qual cada um dos contribuintes vem lançar o seu obolo intellectual, que depois se ha de converter em rico thesouro material, a proveito d'um filho da sciencia.

Fallar-vos em promessas seria louca pretensão! Os colaboradores d'este jornal abundam em bons desejos; mas, dando-vos na ESTRÊA LITTERARIA OS SEUS primeiros ensaios como escriptores, não vos podem assegurar profundos estudos scientificos, nem mimo-

sas producções litterarias; e a sua propria indigencia os faz implorar a todos, os que cultivam as letras patrias, se dignem concorrer para um jornal, que tem a cumprir tão louvavel missão; e assim, se a sua *Estrêa* lhes não poder servir de padrão de gloria litteraria, ser-lhes-ha brazão glorioso do amor fraternal, que deu origem a tão nova como sublime idéa.

Breves reflexões ácêrca da doutrina das crises, e dos dias criticos.

A palavra *crise* diz á letra — juizo. E a lucta ou violenta perturbação, imminente a alguma evacuação, traduz-se vulgarmente pelo vocabulo — *crise*.

É pois o julgamento final da contenda acalorada entre as forças medicatrizes, e a causa morbifica, que mais propriamente se designa por esta palavra.

As differentes accepções mais são differenças de fórma que de idéa, e comparadas significam o mesmo. Data de Hippocrates a doutrina das crises; e os humoristas foram os que com mais esmero se deram á sua cultura, na persuasão de que a *materia peccante*, depois de passar pelo processo de cocção — *pepasm*, — deveria ser eliminada pelos emuntorios proprios; os quaes portanto foram classificados na ordem da sua importancia, indicada pela frequencia com que eram séde do trabalho critico, v. g., mucosas, pelle, glandulas, tecido cellular, serosas. E segundo os resultados finaes e modo com que se effectuavam, assim as crises eram denominadas — salutaes ou mortaes, regulares ou irregulares,

completas ou incompletas. Se rapidas e com symptomatos intensos, propriamente *crises*; se lentas, *lysis*.

Varias são as questões até hoje suscitadas ácerca da doutrina das crises, e muito differente o interesse, ou proveito do seu debate.

Duvidou-se do facto, e negaram-lhe os fundamentos; d'aqui as duas principaes disputas ainda hoje pendentes.

Não nos parece porém leal a contenda, nem possível o accôrdo nos termos em que corre. Examinemos pois a questão por partes.

I.

Ha crises? . . . Se dos actos normaes da vida podemos argumentar para os pathologicos, é indubitavel, que em certos e determinados prazos, e durante periodos distinctos, e precisos, a economia manifesta phenomenos caracteristicos, que lhe imprimem uma feição peculiar, v. g., gestação, edades, dentições, vigilia, somno, etc.; epochas e circumstancias, que tornam o individuo atreito a certa ordem de padecimentos privativos da occasião e estado.

E muitos d'estes actos, aliás normaes, são verdadeiras phases morbidas, por que se passa na vida, do nascimento á morte.

Se depois d'este exame lançamos os olhos desprevenidos sobre a multiplice variedade de molestias, que o nosso ministerio nos chama a observar, a evidencia dos factos decide a duvida, v. g., a febre do leite, que termina a puerperal; os arrojos, que decidem da gravidade e da existencia d'uma affecção intensa; as excreções, hemorragias, etc., que alliviam, de prompto, estados gravissimos, ludibrio dos esforços da medicina, e vencidos pela efficacia das forças organicas; são phenomenos conhecidos de todos e incontestaveis.

II.

Quaes os symptomatos caracteristicos?

Eis a grande pedra de escandalo para a *medicina*, e para o *medico*. . . Se ha crises, como conhecel-as?

Parece á primeira vista, que um facto evidente deve denunciar-se por caracteres permanentes, e signaes distinctivos, pelos quaes se conheça.

Mas, se advertirmos, em que não será imperceptivel seu apparecimento, ou virá imperceptivel e mal definido ou indefinivel; e

sobretudo se dêmos attenção, a que reveste, forçosamente, a infinidade de feições, que lhe imprime a natureza da molestia, aliás variavel com a constituição, temperamentos, idiosyncrasias, e com as causas e modificações naturaes ou accidentaes do individuo; condições, talvez integrantes, de sua manifestação; se reflectirmos, em que as condições do problema da vida, complicadissimas, variadissimas, não se colhem todas para o formularmos claro e preciso nos termos, como convém para sua resolução possível (o qual, effectivamente no estado de doença, mais se complica com as novas e incompreensíveis feições, muitas vezes fugitivas, que lhe accrescenta a indole especial da molestia), logo nos persuadiremos da impossibilidade de marcar categoricamente os signaes proprios em geral, e ainda os privativos na especialidade de cada doença em cada uma das suas variantes.

Á difficuldade, pois, da materia se deve attribuir o desaccôrdo das opiniões. Todavia póde tomar-se em conta de doutrina corrente, que as crises, se muitas vezes faltam, e se não definem, outras, incertas, mal se devisam, muitas outras denunciam-se por symptomatos precursores; geraes, communs a todas as ordens d'ellas, v. g., dôr, calor, gravame, prurido, etc., no orgão, que vaê ser séde do phenomeno; especiaes, os proprios da vitalidade, e propriedades dos tecidos da parte, bem como da natureza da affecção, ou arrojio critico: não podendo entrar por modo algum em linha de conta as circumstancias da sua duração, regularidade da marcha e ordem de acontecimentos, etc. Tão sujeitas estão á incerteza peculiar dos actos vitais! . . .

III.

Ha dias criticos?

Do que precede facilmente se infere a difficuldade da decisão em materia tão pouco susceptivel de ser submettida a calculo, para darmos ao certo com epocha fixa de casos d'esta ordem.

As observações porém, aturadas, e repetidas vezes comprovadas pelas pessoas mais competentes em taes assumptos (e os factos são tudo em questão de facto), dizem-nos que não é raro encontrar molestia especial, que de ordinario segue seus periodos certos e fataes, embora sujeitos ás variações que são proprias da indole de taes actos, sem perderem nunca o character particular que os distingue. São comtudo numerosas as excepções, que se nos

offerecem, ainda na mesma ordem de padecimentos.

Como quer que seja, parece conforme aos factos, que os dias 7, 14, 20, etc., são aquelles em que mais communmente apparecem crises, sobretudo salutaes.

Acêrca dos dias indicadores 4, 11, 17, etc.; intercalares, 3, 5, 6, 9, etc.; não decretorios, 2, 8, 10, etc.; faltam dados precisos, e a sciencia, quando muito, conserva-se perplexa. E se porventura da dissidencia d'opinões pretendermos tirar illação geral, a unica razoavel será lançar á conta de frequencia relativa as mudanças em dados dias, e abstrair de idéas exclusivas, pouco conformes ao processo normal da vida.

D'este modo não desconhecemos, preoccupados de idéas anticipadas, os esforços da natureza, e o julgamento da lucta travada entre a força medicatriz, e a causa morbifica; e sempre attentos a levar soccorro a pró d'aquella aonde mais accessa fór a porfia, aproveitaremos vigilantes todas as demonstraões salutaes sobre qualquer emunctorio natural, por onde tente expulsar-se o *humor peccante*, facilitando activos e prudentes a saída da materia de *cocção*, *pepasm*.

F. O.

Interesse dos conhecimentos economicos.

A sciencia, que observa as leis do mundo industrial e explica o jogo dos orgãos naturaes da industria, occupa inquestionavelmente o primeiro logar no numero d'aquellas, cujo desenvolvimento mais importa ao progresso da civilisação, ao bem-estar e aperfeçoamento moral das sociedades. Os phenomenos economicos exercem a mais consideravel e salutar influencia no destino das nações, porque o seu estudo offerece ás sociedades as luzes mais proprias para seguirem o caminho da verdadeira civilisação, e evitarem a ruina e a decadencia. O estudo da economia politica entretem actualmente os espiritos eminentes da Europa, e chama a attenção das capacidades litterarias do mundo.

Todas as questões de importancia social prendem naturalmente 'nesta sciencia. Os debates, que se observam nas casas dos parlamentos, nos conselhos de ministros, e em todas as administraões públicas, versam sobre interesses economicos.

Quereis saber o modo como os impostos devem ser lançados, repartidos, cobrados e ar-

recadados com mais interesse para o estado e menor gravame para o contribuinte? Perguntae-o á economia politica.

Quereis saber a explicação do phenomeno, que faz elevar á cathegoria de primeiras nações aquellas, em que o commercio se desenvolve em mais larga eschala, e a industria se exerce com ampla liberdade? Quereis saber a razão por que o ouro e a prata não constituem senão uma pequena parte da riqueza nacional (talvez a quinquagesima da massa dos valores accumulados)? Perguntae-o á economia politica.

Quereis saber o motivo por que não é possível empregar nas trocas duas unidades monetarias distinctas? por que o valor legal das moedas, deve approximar-se ao valor commercial, para não embarçar a circulação? por que na circulação, o credito supprime a moeda e a maior parte das transacções se realisam sem o auxilio d'esta? Perguntae-o á economia politica.

Quereis ainda saber a razão por que o juro do dinheiro é tão legitimo como o de outro qualquer capital, e deve ser respeitada pela lei a vontade das partes na sua fixação? bem como a razão da alta e baixa dos salarios, e da influencia da lei que os quizer determinar? Perguntae-o á economia politica.

E finalmente perguntae á economia politica a razão por que o credito é a alma do commercio, e os bancos a condição indispensavel do seu desenvolvimento; por que os monopolios sao injustos e attentatorios da liberdade e propriedade dos cidadãos; por que a divisão do trabalho e a assosiação são os dois principaes motores e mais poderosos elementos da vida das sociedades. Numa palavra: se quereis saber o melhor meio de combinar os esforços humanos, de modo que se adquira o mais possível com menos trabalho, perguntae-o á economia politica.

Por estas razões a philosophia da industria tem merecido a maior consideração ás grandes nações do mundo. Na Inglaterra ha 4:000 escholas d'ensino primario, onde se estudam os principios elementares d'esta sciencia: as verdades economicas, neste paiz, têm penetrado até no espirito das massas, e destruido com uma facilidade inesperada abusos enraizados em habitos seculares, e que sustentavam interesses poderosos.

Nos Estados-Unidos, o profundo bom senso de Franklin e dos outros fundadores da união, tinham, por assim dizer, precedido as theo-

rias economicas. As instituições d'este paiz, á excepção dos estados em que ainda é reconhecida a escravatura, parece terem sido inspiradas pelas mais sãs doutrinas da sciencia; porque nenhuma outra nação soube restringir d'um modo tão cabal a acção da auctoridade pública aos seus limites racionaes, nem fundar instituições, que deixem tanta liberdade ao trabalho e ás transacções, e favoreçam d'um modo tão decidido o desenvolvimento da actividade individual.

A opinião pública começa a pronunciar-se no mesmo sentido na Belgica, Piemonte, e em alguns Estados de Allemanha e de Italia. Na Hespanha e na Russia a economia politica é considerada como um dos principaes ramos da instrucção pública. E até Portugal, que marcha *cançado* na rectaguarda do progresso, participa já d'este movimento civilizador. ***

BOTANICA.

Generalidades.

Não ha ninguem que ignore, ainda o menos versado no estudo das sciencias, que a botanica é a parte da historia natural, que tracta dos vegetaes, e que nos ensina a dar-lhes nomes, a conhecel-os e a classificá-os.

Pondo de parte a sua grande utilidade, é indubitavel que um encanto particular atráe para o estudo da botanica todos os espiritos bem formados e curiosos, que sabem quantas são as maravilhas, que possui o reino vegetal. Desgraçadamente porém, não é este estudo tão simples, como parece devia ser, e a razão se acha na multidão infinita das plantas, que cobrem o globo.

Para distinguil-as entre si necessitamos de examinar primeiro os seus mais apparentes caracteres, descendo depois aos signaes de menor evidencia, e em fim ás minuciosidades, que só um espirito attento poderá descobrir. Devemos classificá-as, isto é, grupal-as pela ordem das suas analogias, afim de que d'est'arte seja possivel tirar inducções geraes das que mais se approximam pelo todo de suas fórmas, sendo em seguida necessario, que dividamos e subdividamos cada um dos grupos, ao passo que melhor se estudam estes seres. A sciencia tem caminhado ora dividindo, ora reunindo, servindo-se assim de duas operações oppostas, que muitas vezes têm complicado a sua marcha. Finalmente, ao passo que vae ap-

parecendo maior numero de vegetaes, crescem as minuciosidades, e, estando o espirito indagador bem entretido ao principio, torna-se pouco a pouco depois cançado pelo longo estudo, sendo vasta a sciencia, e de grandes difficuldades.

Mas o estudo das plantas não consiste em separar umas das outras, em conhecel-as pelo seu nome, sendo este um prejuizo que fez acreditar a alguns espiritos preguiçosos, que a botanica não era senão uma sciencia de palavras, um puro exercicio da memoria.

Conhecer uma planta não consiste só em dar-lhe o seu nome, mas tambem em descrever a sua figura e organização; em dizer as relações, que têm umas com as outras e o logar, que occupam no reino vegetal; numa palavra em conhecer suas propriedades geraes e particulares. Deveremos talvez dizer já, que a historia natural, e particularmente a botanica, não se occupa unicamente da simples denominação dos corpos naturaes, como tambem o estudo d'uma lingua não consiste só no conhecimento dos termos do seu dictionario.

Não ha sciencia, que tenha maior alcance, mais fecundas inducções, e applicações tão variadas e numerosas. Quem ignora que as plantas servem para a nutrição do homem e dos animaes? . . . que ellas fornecem ás artes, á industria, ao commercio, á navegação, á medicina e á economia domestica os mais multiplicados e uteis materiaes?

Vê-se, pois, que um conhecimento tão vasto e tão importante não se póde limitar á simples nomenclatura dos objectos de que tracta.

A botanica, na verdade, comprehende não só o conhecimento do nome e usos das plantas, senão tambem o da sua organização interna e externa, e de todos os phenomenos physiologicos, que lhes dizem respeito. Abraça, demais a mais, a consideração do plano, segundo o qual foi creada esta multidão de fórmas vegetaes, as combinações admiraveis que deram logar aos órgãos das plantas, as leis que regulam a distribuição das especies segundo os climas, e a influencia que estes têm para o seu desenvolvimento.

Todavia, queremos admittir por um pouco, que só tractassemos de conhecer os vegetaes pelo seu nome, porque, sendo este conhecido, nada mais nos restava do que procurar nos livros os seus outros caracteres. Como conhecer, pois, este nome? seria mais commodo o sabel-o por tradição, pela bocca d'um professor; mas, além d'este meio, ser muito longo,

e estudando-se muitas vezes a botanica sem mestre, é certo que o modo mais seguro e racional consiste em cada individuo se exercitar na descoberta do nome das plantas pela analyse dos seus characteres.

O estudo dos characteres d'uma planta comprehende o exame de todas as suas partes. Não ha ninguem que não conheça a physionomia, e até o nome vulgar, dos vegetaes mais espalhados pelos nossos campos e jardins. Ora é a estes vegetaes que primeiro deveremos dirigir-nos, e bastará olhar para elles mais atenta e miudamente, para notar quaes os lagos, que prendem estas plantas bem conhecidas com as outras especies.

Estas relações cada vez augmentarão mais com o numero de minuciosidades observadas, e assim daremos passos gigantescos 'numa sciencia realmente menos facil do que á primeira vista nos parece. M.

(Continúa.)

Philosophia da moda.

Estamos na epocha das philosophias, e todos hoje são philosophos. Tudo se explica, tudo se faz, e tudo se desculpa por philosophia.

Tem philosophia o sapateiro, o caixeiro, o servo, o politico e o mentecapto.

É philosophia frequentar ás claras os prostibulos e passar a vida em orgias. É ainda philosophia desprezar todas as considerações da decencia, da moral e da religião.

Por philosophia offendem-se os bons costumes, desprezam-se os amigos, desattendem-se os superiores. Só não deu a estes *espíritos fortes* para erigir novo culto, novos templos e queimar novos incensos em honra da virtude. Não!... que seria falta de *espírito*, e é bem de vêr que não pôde deixar de se associar muito *espírito* com philosophia de tal jaez...

Quando assim vae o mundo tão cheio de philosophias e de *espíritos*, ser-nos-ha permitido perguntar, se porventura sabem elles o que seja a *philosophia*?... Talvez!... que esses queridos do *espírito*,... mal se sabe se serão pobres de *espírito*.

— Mãe das sciencias — chamam-lhe os sabios... mas... não sei se dizem cousa que se entenda.

— Desprezo das cousas terrestres — ensina a mystica, mas... que loucura!... quem está

no mundo a que veiu, senão para viver do mundo?!...

— Amor das sciencias e pensar com acerto — eis, quanto a nós, em que consiste a philosophia, e tanto mais que isto mesmo significa a palavra.

Não constitue sciencia verdadeira e sã, apenas conhecer, e seguir o curso dos astros; explicar e comprehender o fluxo e refluxo das marés; imitar e repetir o estampido do trovão, as violencias do raio; dispôr dos elementos; calcular as affinidades dos corpos minimos, e as attracções ou gravitação dos planetas e das estrellas; adivinhar as leis reconditas que regem os systemas do firmamento; prognosticar os eclipses, e apparição dos cometas, descobrir-lhes as orbitas, explicar-lhes a velocidade variavel, medir-lhes o volume, a distancia, e a densidade, etc. etc. Tudo isto por si só não basta para fazer o sabio. Sabio será o que a estes conhecimentos junctar pureza de coração, e practica de virtudes; porque só então se elevará á eminente cathogoria de perfeito philosopho.

Em verdade a ignorancia do vicio, e das maldades do mundo, é sciencia, e mais util ao corpo e ao espirito, de que tão variada instrucção ácêrca dos actos e phenomenos da natureza.

A Cresso, disse um dia o philosopho Anacharsis — «quereis saber em que consiste a sabedoria na academia de Athenas? — em aprender, não a mandar e a governar, mas a ser mandado e obedecer; não a fallar, mas a saber calar; não a disputar, mas a cumprir obrigações; não a vingança, mas o perdão; não a apropriar o alheio, mas a dar o seu; não a ambição, mas a virtude; não a conseguir riquezas, mas a saber regular o pouco!»

Isto porém não quadra aos *espíritos fortes* d'esta epocha positiva de interesses materiaes; e como menos custa o alarde da falsa instrucção balofa, e mais brilham os ouropeis da fingida sciencia afogada em palavrinhas enfeitadas, com arte adrede escolhidas para o *effeito*, eis a razão de tanta philosophia maçcabada com tantos vicios, e tamanha ignorancia. F. O.

Extr.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Quasi-romance da actualidade.

Caxaco previo.

Uma das scenas mais frequentes na actua-

alidade é a de qualquer, em publicando a menor cousa, vir logo dar ao respeitavel público explicações do que fez, como o fez, porque o fez, e para que o fez. E tal é o costume, que torna indispensavel da parte do auctor a representação d'esta scena, á qual já de antemão o público se tem preparado para assistir! . E a isto chama-se uma introdução, e o author, com grave detrimento dos leitores sisudos, tem de empalmar suas vinte paginas á materia do livro, para as consagrar á introdução, especie de symphonia de abertura sem a qual se não pôde levantar o panno! . . . São leis do habito! . . . não ha fugir-lhes!! . e eu, que publico hoje *scenas contemporaneas da vida academica*, começarei pela representação d'esta scena, actualmente commum a todos os escriptores públicos; explicando-vos com a devida minucia o que fiz e como o fiz, por que o fiz, e para que o fiz. E, para que mais rigoroso seja no methodo, dividirei esta scena em duas scenas.

SCENA I.

**O author diz ao público em geral
o que fez e como o fez.**

Tentando descrever as scenas da vida intima na academia contemporanea, para isso creei dois typos, que, se por um lado são filhos da imaginação, por outro são os representantes de acções muito verdadeiras, acontecidas entre os estudantes. Nem elles personificam ninguem, por isso que, sendo por mim adornados com as acções mais notaveis praticadas por toda a academia, representam a todos em geral.

E portanto d'aqui já declaro, que se alguem encontrar no meu Ricardo ou no meu Carlos algum factó, que pertença á sua vida, deve denegar-lhe a paternidade e não ver 'nelle uma allusão pessoal.

Com as senhoras porém era ainda o caso mais serio, porquanto o seu melindre não consentiria mesmo, que o pobre author fôsse colher uma leve particularidade da sua vida para adornar o ramilhete, que de imaginação tinha creado, encarnando-a em D. Constança ou em Adelaide! . . . E portanto vi-me na necessidade de phantasiar os meus typos femininos, para nem por sombras levar o mais leve dissabor ás melindrosas filhas de Eva.

Creados assim os personagens, era mistér dar-lhes acção; e para isso crear um enredo! . . . Um enredo!? santo Deus!! eu, que sempre embirrei com gente enredadeira, fazer um enredo!! . . Mas que remedio havia senão agra-

dar ao público, que é do que mais gosta é de enredos?! Pensei e decidi-me! . . .

Romance, ou quer que seja, sem amores é panella sem toucinho! por conseguinte era preciso este tempêro ao meu livro! . . . Barafustei por todas as vidas conhecidas, não exceptuando a minha propria, e por fim saí-me como um enredo de amores, em que pretendia fazer ver este affecto nas tres fôrmas ou variedades por que pôde dominar no coração do homem.

A idéa não era nova, nem eu já creio na possibilidade de crear uma idéa nova, por mais que barafuste toda a vida! A idéa encontrei-a até consignada nas *Viagens á minha terra* do illustre Garrett, quando diz:

« Ha tres especies de mulheres n'este mundo: a mulher que se admira, a mulher que se deseja, a mulher que se ama.

« Não sei o que é; mas sei que se pôde admirar uma mulher sem a desejar, que se pôde desejar sem a amar.

« O amor não está definido, nem o pôde ser nunca. O amor verdadeiro; que as outras cousas não são isso. »

Nem podia deixar de assim ser! esta expressão veridica dos affectos do homem não poderia ter escapado aos romancistas, investigadores até ao intimo do sentimento, que têm feito as mais delicadas disseccões microscopicas no coração vivo! . . .

Pouco tempo depois lia eu no romance *Onde está a felicidade?* do sr. Camillo Castello-Branco o seguinte:

« O amor puro e sancto da mocidade já lá vae; o amor appetite esfriou; o amor vaidade, o unico possivel em ti, já não recebe estimulos. »

Estas palavras, dirigidas pelo poeta ao seu amigo, provam que o author admite tambem tres especies de amores.

Do mesmo modo Madame de Girardin dizendo « ama-se com todos os amores, amor de natureza, amor de coração, amor de orgulho, » parece-me, que não deixou de expressar o mesmo pensamento; porquanto o amor de natureza ou o amor appetite é o que se consagra á mulher, que se deseja; á mulher, que se admira dá-se-lhe o amor vaidade ou o amor de orgulho, e finalmente é só para a mulher, que se ama, que se reserva o amor puro e sancto de mocidade, o amor do coração.

Assim, parecendo-me a idéa boa, e á min-goia d'outra original; e tambem porque o enredo entrava no meu trabalho como incidente,

que ligando as scenas descriptas, generalisasse mais o interesse de uma obra, que ás damas não agradaria não havendo amores, decidi-me e abracei-a!

Estas expressões consigno eu aqui por causa de uma certa classe de gente, que ha cá por este mundo, chamada malsins do plagiato, que não deixam pôr pé em ramo verde a um pobre de Christo, que, para arranjar a sua vida litteraria, tem de fazer d'estas trampolinas. Assim pois, já denunciei o contrabando á alfandega d'estes meus senhores, paguei os direitos e... posso passar.

«Póde passar!... isso nem por graça!... venha cá vm.^{co} e diga-me que ousadia o accommetteu para chamar romance a isso, que publica?... (Interrogação d'um litterato de primeira força, que já escreveu uma comedia para a rua dos Condes!)

(Resposta.) Pensava eu que se tinham acabado as satisfações, quando vem este senhor apoquentar-me!... paciencia!... aconteceu-me como a Ulisses, quando, suppondo estar livre de trabalhos, viu que se enganára e exclamou para sua cara metade a sr.^a D. Penelope:

«..... οὐ γὰρ πω πάντων ἐπὶ πείρατ' ἀθλῶν
ἤλθομεν, ἀλλ' ἐτ' ὄπιθεν ἀμέτρως πόνος ἔσται
Πολλὸς καὶ χαλεπός.....»

Lá váe pois a explicação.

Eu para a minha obra, á falta de nome, de baixo de cuja designação podesse ser classificada, tive o trabalho de o crear, e de hoje em diante fica instituida a classe do *quasi-romance* para as obras, que, como esta, não forem cousa nenhuma; logo não tive a ousadia de chrismar em romance a minha obra... e posso passar!...

«Ainda não, meu caro senhor!... primeiro terá de me dizer porque é que não desenhou os seus personagens? bem vê que 'numa cousa, que se quer parecer com romance, é isto uma lacuna imperdoavel.»

Eu, que me vejo assaltado com tanta pergunta, exclamo como o bom Diniz da Cruz:

«Se eu d'esta me escapar a salvamento
A céra mandarei logo pesar-me.»

Mas a citação não me vale! e os meus inflexíveis seringadores não me largam sem eu lhes satisfazer as suas interminaveis perguntas.

Então fiquem sabendo, que não desenhei os

meus personagens, porque uma vez lendo e tornando a ler o retrato de Cecilia na *Mocidade de D. João v*, a dois pintores meus amigos, pedi-lhe, que m'a reproduzissem tal, qual pela descripção a tinham concebido. Cada qual se me safu com coisa muito differente do que eu tinha imaginado, e ellas mesmo muito differentes entre si!... descri então dos retratos feitos á pehna!... e portanto, e porque é melhor, que cada um phantasie os personagens conforme d'elles mais gostar; deixei-lhe essa liberdade, e assim os que sympathisarem com as senhoras loiras, facil é imaginal-as de dourados cabellos; os que amarem as morenas, phantasiar-as-hão com uns olhos còr da noite, fazendo d'este modo a vontade a todos e a mim, que as crio na mente confórme mais me agradam, livrando-me, ainda por este meio, de ir involuntariamente descrever algum typo com existencia real, o que, podendo parecer allusão, seria muito melindroso para o sexo feminino.

Poderei agora passar?...

«Ainda não, que tens de nos explicar a razão por que não adornaste a tua obra com a descripção dos monumentos de Coimbra, que tanto abunda 'nesse genero.» (Esta apoquentação agora é d'um leitor cuja bossa de constructividade se manifestou desde os verdes annos fazendo tanques e casinhas de cal e arêa no pateo de sua casa.)

Amavel senhor (lhe respondo eu), vêde que os motivos acima ponderados até certo ponto são communs aos monumentos da arte.

«Não ha tal, não ha tal (replica o profundissimo architector). A distancia dos olhos d'uma senhora ou a que medeia entre o nariz e a bocca não se póde medir ás pollegadas como se mede aos palmos a que separa duas ogivas ou duas columnatas.»

(Lá váe a treplica). Ainda que assim fósse, que eu soubesse descrever portaes gothicos ou mosarabes, janellas de renascença ou da actualidade, isso só a vós e a outros como vós, que amaes essas antiquilhas architectonicas, encantaria: quanto mais que, ou havia de fazer uma descripção dos monumentos de Coimbra, e isso na minha obra vinha tão deslocado como Pilatos no crédo, ou devia desenhav-vos as casas, em que se dão as scenas, que eu descrevo, e essas, além de serem de impossivel descripção, pela falta absoluta de tudo quanto é ordem ou symetria, não poderiam encantar sequer um mestre d'obras de aldeia, novato no officio!

Máo! que ainda cá temos, pela prôa, outro guarda-barreira da propriedade litteraria a

bradar que nas minhas *scenas* anda plagiado da *Vie à vingt ans* de Dumas filho.

É necessario responder a este amigo e mostrar-lhe, que aquelle auctor considera o amor em relação á mulher debaixo de tres fórmas differentes *ou dans sa triple unité, l'amour de passion, l'amour de caprice, et l'amour de commerce*; os quaes parecem *resumer tous les exigences du coeur, de l'esprit et des sens*; e nós consideramos este affecto no coração do homem e votado por elle á mulher; o que faz differença.

Mas o peor não está ahí!... O peor é que na *Vie à vingt ans* ha um *Emmanuel de ...*, rapaz de vinte annos, que tem não sei quantas mil libras de renda e gasta noventa mil francos com uma dansarina napolitana, e que entretém relações amorosas com tres mulheres diversas, a saber: Henriqueta de Harnebey, Augustina e Antonia.

A isso responderei: 1.º que a vida aos vinte annos é a mesma em toda a parte; que alli era o possuidor d'uma boa fortuna dispendendo milhares de francos com uma *fille de l'opera*; aqui é um estudante, que apenas gasta com a filha da sua servente alguns pobres restos da sua mezada de doze mil réis. 2.º lá tem esse rapaz differentes namoros, como em toda a parte todos os rapazes têm; aqui acontece o mesmo, sem que haja de commum entre a *Vie à vingt ans* e as *scenas contemporaneas* mais do que aquillo que é commum aos rapazes de vinte annos em toda a parte. E copiando nós ambos do natural, as nossas descrições deviam necessariamente de se encontrar sem que houvesse plagiado de parte a parte.

«Basta! póde passar!»

Isto de introdução é uma especie de confissão geral, por meio da qual um pobre auctor exclamando *peccavi*, como aquelle celebre rei David, tão amigo das musas, que tocava harpa, cantava psalmos e até dansou de frente da arca sancta, busca plena absolvição das suas culpas perante o tribunal solemne da censura publica.

E agora que já posso dizer com Tolentino

« Por milagre fiquei vivo,
E devo pesar-me a cera.»

passo immediatamente á scena 2.ª, antes que algum outro seringador me apanhe.

(Continúa o cavaco.)

Um Estudante.

A AMIZADE DA MULHER.

A

Amitié, doux repos de l'âme,
Crépuscule charmant des coeurs,
Pourquoi, dans les yeux d'une femme,
As-tu des plus tendres langueurs?...

LAMARTINE.

Neste deserto d'infinita ardencia,
Que envolve a essencia d'um cruel soffrer,
Só ha um doce, divinal abrigo
No peito amigo de louça mulher! . . .

A creença pura, que o meu peito alenta
Entre a tormenta do fatal descrer,
Só acha fogo, que lhe accenda a vida
Na fé sentida por gentil mulher;

Só tem um fecho de suave brilho,
Que aponte o trilho, que lhe diz prazer;
Só tem um lume, que e soffrer lhe creste,
No olhar celeste de louça mulher!

E o riso puro, que do labio pende,
Que enleia e prende do meu peito o ser;
É meigo encanto, que se ostenta bello
No rir singello de gentil mulher! . . .

E a mente busca, em desvairado sonho,
O amor risonho, que viu n'alma arder;
E só o encontra no suave aneio
Do arfar do seio de louça mulher:

E busca ainda passageiro goso,
Que achou formoso numa voz pender;
É apenas póde ir encontrar encantos
Nos doces cantos de gentil mulher.

E no delirio, que lhe abraza a vida,
Visão tão q'rida busca então rever;
E só lhe brilha no suave affecto,
Meigo e selecto de louça mulher!

Tudo o que a mente do mancebo sonha,
Creença risonha, divinal prazer,
Sonhei na infancia, — mas depois achei-o
No doce enleio de gentil mulher.

E hoje entre os crepes de lethal tristeza,
Que assim vem presa ao meu cruel soffrer,
Só acho um eden de eternal ventura
Na creença pura de louça mulher.

A.

Tivemos hoje o gosto de receber uma mimosa poesia do Ex.º Sr. Dr. A. P. Zagallo, que, agradecendo infinitamente, publicaremos no proximo numero.

ESTRÊA LITTERARIA



JORNAL RECREATIVO



1858 - MARÇO - 15

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Annuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
 { Com estampilha 270 "

A ESTRÊA LITTERARIA.

Este jornal, cujo fim é bem conhecido, não teve nem podia ter a pretensão de instruir. As *estrêas litterarias* d'alguns mancebos, que começavam desvellados a cultura das letras patrias, não podia arrogar a si o pomposo titulo de jornal instructivo! Tambem se não podia comprometter a, sobre os variados ramos das sciencias, diffundir as luzes, com que o progresso da observação, da experiencia e do profundo cogitar dos homem doutos as costumam enriquecer. Não! esta singella publicação, se era o primeiro ensaio nos campos da litteratura, era tambem o primeiro e vacillante passo no trilhão das sciencias! . . . passo arriscado e tímido, que mais poderia mostrar a applicação e aproveitamento de quem encetava apenas este difficil caminho, do que os resultados brilhantes de profundos estudos e aturadas locubrações! Tambem por isso lhe não competia o titulo de jornal scientifico! . . .

O seu scopo era agradar a todos; e como a uns recreia mais a leitura d'essas paginas, que á sciencia consagra, a outros só apraz o divagar nos jardins da litteratura, não deixa de ser recreativa a *Estrêa*, ainda quando dos conhecimentos scientificos se occupa, com aquelle comedimento, que ás suas forças compete.

A *Estrêa* não fez, nem podia fazer lisongeiros promettimentos para o futuro, porquanto se via até na necessidade de implorar o valimento de todos os cultores das letras patrias; hoje porém, que, contando apenas o 2.º numero de existencia, já vê as suas columnas adornadas com duas mimosas poesias dos Ex.^{mos} Srs. Drs. Antonio Pereira Zagallo e Francisco de Castro Freire, concebe a mais lisongeira esperança de que todos os cultores da littera-

tura nacional venham alistar-se debaixo da bandeira, que aquelles dous tão denodados campeões acabam de arvorar.

Agradecimento pois e louvor a quem assim tomou a iniciativa 'neste chamamento litterario, que deve animar a todos a seguir tão bello exemplo! . . .

A. M. da Cunha Bellem.

Importancia do estudo da Chimica para a Physiologia.

Além das relações vagas e remotas, que ligam todas as sciencias, esclarecendo-se reciprocamente, entre as varias secções d'ellas ha dependencias intimas e restrictas, em virtude das quaes certas são como accessorias forçadas d'outras, a que subministram idéas preliminares; prestadio auxilio de preceitos e de meios indispensaveis para o proficuo estudo, e interpretação racional dos phenomenos privados das subsidiadas.

Esta verdade ácêrca de muitas incontestavel, e nas sciencias naturaes trivial, é obvia entre a chimica e a physiologia.

A chimica para com a physiologia faz d'accessoria, e esta relativamente áquella, póde suppôr-se, de certo modo, a expressão mais sublime d'ella, quando envolve em mysterios os mais subtís e reconditos de seus actos.

Como se depreheende aliás das respectivas definições: v. g.

A sciencia, que estuda as leis a que está sujeita a materia em suas transformações chama-se — chimica; i. é, a sciencia, que em geral estuda a constituição dos corpos, especialmente as modificações experimentadas na sua composição.

Physiologia é a sciencia da vida; e vida os phenomenos activos da organisação? ou — diz Robin — sciencia, cujo sujeito são os seres organisados em actividade = *estado dinamico*, e cujo objecto o conhecimento de seus actos.

A actividade organica, de qualquer fórma manifesta, é legitimamente representada pela *nutrição*, propriedade de todas a mais geral, que consiste no duplo movimento de composição e de decomposição sem aniquilamento do proprio corpo, e á qual por derradeiro se reduzem, comprehendendo-se 'nella, as elementares dos tecidos.

Effectivamente em quanto subsiste nutrição existe vida, embora se suspendam todas as manifestações vitais d'outra ordem: e com o desaparecimento da nutrição cessa a vida. Se pois a physiologia é a sciencia da vida, cujo caracter typico, o duplo movimento de composição e de decomposição succedido de continuo no organismo sem se destruir, i. é, a nutrição, designa; talvez lhe compita a denominação de chimica dos seres vivos, epitheto com que se indicaria ser a physiologia a feição obscura e secreta da chimica; ou mais propriamente a secção mysteriosa d'ella, na qual os actos moleculares se passam envolvidos em sombras impenetraveis.

Esta conclusão tomada com menos reserva concede á chimica acceção, que porventura actualmente os sabios lhe não dão, porque, ignorando-se ainda as relações de causalidade entre os phenomenos da vida animal e organica, fóra absurdo affirmar, que é unicamente a chimica dos seres vivos.

Todavia não tem tal caracter; mas circumscripção nos limites estreitos dos actos vitais, restringe-se ás justas proporções, que lhe marca o estado dos conhecimentos actuaes.

A vida evidentemente não consiste em transformações apenas de composição material; e, na verdade, a physiologia abrange no seu dominio phenomenos estranhos á chimica, e não só estranhos, senão irreconciliaveis com ella. Porque, se a nutrição symbolisa a vida, como sua representação formal, nem por isso significa, que a vida consista unicamente em actos chimicos de reacções atomicas, podendo aliás revestir fórmulas proprias de ordem differente, irreductiveis ás de ordem chimica.

E do mesmo modo, se as idéas de vida e de nutrição, correspondentes inseparaveis, indicam estreitas relações entre os actos organicos e sua causa desconhecida, não se segue, que a idéa de nutrição encerre todos os predica-

dos da idéa de vida, e servindo-lhe d'emblema exprima todos os attributos d'ella; i. é, se onde cessa a vida acaba a nutrição, e onde esta se suspende termina a vida; não implica esta conexão das duas idéas, identidade de condições, de attributos e d'essencia das duas qualidades de phenomenos; designa porém, ligações mutuas, talvez circumstancias genéticas, verdadeira dependencia d'effeitos para com sua causa efficiente.

Pois que sendo correlatas as noções da causa e d'effeito, a causa não é causa senão pela condição de produzir effeito, e este não existe sem causa em que resida a razão da sua existencia.

Por conseguinte, em quanto não fôrem definidas todas as circumstancias da vida, e reduzidas ás fórmulas precisas e palpaveis dos actos chimicos, ha de a palavra *vida* designar phenomenos complexos, já chimicos, já d'ordem muito distincta, e incompativeis com as leis da materia bruta. Logo a physiologia comprehenderá não só o estudo das transformações moleculares organicas, que os tecidos, na serie indefinida dos actos vitais de desenvolvimento, reparação, crescimento, diminuição, e de regeneração, experimentam; e 'nesta especialidade pôde considerar-se synonyma de chimica vital; senão que alcança aos actos dinamicos, puramente vivos, regidos por leis complicadas, excepcionaes, e por isso incomparavelmente distinctos dos actos da natureza mineral. (Continúa.) F. O.

BOTANICA.

Generalidades.

Continuado do numero 1.º

Structura das plantas. Órgãos elementares.

Fôrma o estudo dos caracteres das plantas a secção mais importante da botanica, que se compõe do conhecimento das differentes partes, órgãos ou apparatus, que constituem a structura dos vegetaes, ou a sua *organographia*; do conhecimento das funções, a que presidem estes órgãos, ou a sua *physiologia*; e finalmente da divisão das plantas em um certo numero de categorias segundo as suas analogias e affinidades, ou a sua *classificação*.

É assim que procederemos na confecção d'este nosso trabalho. E sem duvida, á vista dos innumerados vegetaes, que cobrem o solo, e que parecem ter entre si differenças de

tamanho, configuração e organização, pôde á primeira vista recuar-se diante de tanta complicação; mas reflectindo bem, comprehende-se logo que o meio de simplificar o estudo consiste na criação de divisões entre todos estes objectos, formando tambem grupos de todos os seres, que se assemelham mais pelos seus characteres apparentes, escolhendo em cada grupo a planta que tem estes characteres mais completos para fazer d'ella o typo da divisão. Em fim a reunião de tudo o que tem muitas ligações communs, e a separação de tudo o que differe por principaes characteristicos, é a marcha seguida na sciencia, sendo assim que ella sempre vae progredindo.

Começemos, pois, pelo estudo dos órgãos e das suas funções, isto é, pela organographia e physiologia vegetaes.

Os vegetaes são individuos naturaes, que vivem nutrido-se e reproduzindo-se, mas que não sentem nem se movem espontaneamente.

Quando examinamos attentamente a structura geral das plantas, observa-se serem formadas por diversos tecidos que lhes constituem o esqueleto, e compostos de partes elementares com forma e natureza diversas, combinados de differentes maneiras são atravessados por fluidos, ora absorvidos pelo vegetal, servindo d'est'arte para o seu desenvolvimento, ora excretados depois de preencherem algum acto vital.

O tecido das diversas partes d'um vegetal, observado ao microscopio, mostra ser formado, umas vezes, de pequenas esferas ou cellulas (utriculos) com paredes delgadas e transparentes, mais ou menos regulares, fechadas por todos os lados, contiguas umas ás outras, tendo semelhança com a espuma do sabão ou com os alveolos d'um favo de mel; e outras vezes de pequenos tubos ou vasos alongados, cylindricos ou comprimidos, espalhados ou reunidos, applicados pelas suas extremidades, ou aggregados em fasciculos. O primeiro modo de organização é denominado tecido celular, o qual tem, como propriedade mais notavel, grande excitabilidade organica, que o torna apto para absorver os fluidos, e per si só constitue certos órgãos como a medulla, o parenchyma, e mesmo alguns vegetaes como as algas e os fungos.

O segundo modo de organização, que tem o nome de tecido vascular, é constituído por cellulas, que se alongam e estreitam nas duas extremidades, desaparecendo-lhes os diaphra-

gmás, e que dão logar a tubos destinados para a circulação dos fluidos, soldando-se algumas vezes no sentido do seu comprimento e constituindo a *fibra*, parte solida dos vegetaes mais consistente. M.

(Continda.)

O homem.

A palavra homem, ou tire originariamente sua derivação de — *humus* — terra; porque da terra nasceu, e a ella hade volver. . . *Memento homo quia pulvis es, et in pulverem revertaris*: ou de *homo*, o proximo; tendo a todos creado Deus na pessoa de nosso primeiro pae, á sua feição e semelhança; significa individuo racional, varão, e especie humana — humanidade.

O homem, composto heterogeneo de *materia*, barro da terra amassado pelas mãos do Creator; e d'*espírito*, sopro divino, com que o Ser Supremo animou o barro humilde, quando no enchente das suas graças e maravilhas, o lançou como enigma indecifrável e inconsequente ao meio da criação, para testemunho da sua bondade, do seu poder infinito, e da sua omnisciencia; o homem. . . por qual d'aquellas denominações será propriamente definido?! . . . Por nenhuma. . .

O rei da criação, o enté perfectível, o privilegiado dos seres, a imagem da divindade na terra, é. . . quando muito, um symbolo indefinível e contradictorio; ou alegoria mysteriosa, representação emblematica da natureza — microcosmo. Na *materia* resume o universo, e suas leis; pelo *espírito* representa a Deus.

Na verdade a *materia* e o *espírito*, combinados em admiravel concerto, dão de si não poucos resultados de desharmonia, que a final deparam em morte. . .

E que é a morte?

A extincção da vida? . . . Talvez! . . . E para que foi creado o homem? Deus o sabe! . . .

Como symbolo é um mytho; indecifráveis seus destinos; as vistas da Providencia insondáveis. . .

O que se vê, a julgar por isso, não é muito, mas instructivo. O corpo em continua destruição e reparação, até que com a morte pertence em podridão aos vermes; o *espírito* sempre a lidar com sossobrantos angustias, e devoradores cuidados, soffrendo cá no mundo acerbos martyrios, torturado no potro homicida das suas cogitações; se preparam, aquelle a vir dar em pó d'onde saiu; este, para na

eternidade seguir os destinos, a que o guiaram suas obras meritorias, ou culposas.

Eis a condição humana!.. Podridão e condenação, pó e castigos! luctas na materia entre os elementos, luctas na alma pelo sentimento!.. Nasce, e abre passo ao soffrer, e entre gemidos e lagrimas, vem com dôres ao mundo.

E por que chora então?.. É que no coração, os instinctos ao vivo lhe pintam as tribulações que o esperam, a vida amargurada que ha de arrastar na terra; pois que a vida é a imagem natural da morte, e a morte principio de penar eterno sem descanso.

O homem é isso — nasce para soffrer, e soffre para morrer; e porque nasce, soffre e morre, espera-o a saldar contas a eternidade.

Vaidades e chimeras, suspiros e saudades, dôres e ais, esperanças e miseria, ambição e baixesa, crimes e remorsos, aniquilação e penas; tal é o quadro real, e mui veridico do que veio buscar a este degredo de provações e o ha de acompanhar ao *tribunal supremo da justiça divina*.

Que grande mostra não é esta de primasia tão caro comprada e nem sempre reconhecida! d'intelligencia aguda e sublimada, mas de traiçoeira, cruel!

Da salvação á perdição medeia um passo, transpôl-o é facil. Do acto nasce o habito, do uso vem o abuso, d'este o vicio, do vicio a culpa, da culpa emfim a pena!..

É uma como cadéa, cujos elos se prendem por successivos, e insolvaveis laços da infima acção indifferente ao gravissimo crime imperdoavel, e d'este logo á quêda no castigo sem remissão.

D'aqui se conclue que a morte vale mais que a vida, e o estado do que não nasceu, e não experimentou os males d'ella, quando seja preferivel a ambas?..

Se pela intelligencia, que n'alma lhe arde acêsa em chammas vivas, o homem recebeu a supremacia na criação; em troca a nudez que o não abriga, a fraqueza que o não defende, a ignorancia que os instinctos não guiam, e a contumacia que o perde, são bem máos dotes para compensar aquella só. E se não fóra a eternidade, que o espera com delicias, ou tormentos, conforme cumprir a vontade divina, melhor seria largar contente a vida para gozar do descanso do bruto, feito em materia bruta, pois que em quanto no mundo andar, e d'estes elementos fór composto — dizer homem, será... dizer — miseria.

F. O.

Recordações de Coimbra.

Ha homens que pensam com a alma,
outros que pensam com o coração.
O nosso livro é só para os segundos.

J. FREYRE.

Como rapida e vagarosa ao mesmo tempo se escôda a vida!.. como é curto o espaço, que vae do limiar da existencia — a mocidade — até á idade madura!.. Aquem e além d'esses dous termos não ha vida, porque o infante que brinca e se desenvolve, mas que não crê nem espera; porque o homem que reflecte e calcula sem illusões e sem esperanças — esses decerto não vivem; aquelle vegeta com todo o frescor de uma seiva abundante e viçosa, este apenas existe com todo o estiolamento de uma estufa escura e fria, chamada sociedade!

A vida é pois concentrada 'nessa quadra de mancebo, que espera e crê, que sorri e receia; e que, ainda não deslembado dos brincos de sua infancia, nem sequer antevê o calculo frio e egoista, em que um dia ha de envolver a sua existencia.

E como este espaço da mocidade se desliza rapido e ao mesmo tempo vagaroso!..

Tal como a sensação experimentada pelo nauta, que ao deixar a terra cara da patria, vê com indizível rapidez fugirem-lhe as margens do seu paiz, sem que o ligeiro baixel pareça avisinhar-se com equal presteza do anhelado porto, onde o pharol das ambições o guia; assim o mancebo vê fugir rapida e apressadamente essa delectosa quadra da vida, — a infancia, — sem que o tempo se deslize com a rapidez desejada, para chegar ao marco miliario das suas esperanças e aspirações!

Esta transformação do infante, que folga no prado, em homem, que reflecte e calcula, é vagarosa e pausada, e absorve todo o tempo da mocidade, d'essa ditosa estancia, em que se vive só pelo coração, antes de se entrar 'nessa outra quadra, em que se existe só pelo pensar!.. Alli! os sonhos da imaginação!.. aqui o positivismo do calculo.

E como é lento este sacrificio da metamorphose do homem da criação no homem da sociedade!.. Cada traço que se compõe na mascara da hypocrisia, cada conhecimento positivo que se adquire, é uma illusão saudosa que desaba com doloroso gemido da mocidade!.. E o homem, que se vae assim preparando para a transformação completa, é como a larva que

envolvida pouco a pouco no seu casulo, prepara a futura borboleta, que um dia se ha de queimar no facho das ambições!..

Anhelante entre o recordar com saudade e o esperar com ardor — a vida da mocidade se escôa rapida e ao mesmo tempo vagarosa!.. É as illusões que fenecem e as esperanças que intibiam e a alma que immurchece e descora são preludios do grande holocausto, que se ha de offerecer nas aras da sociedade, quando o homem fenecer na vida do coração e trocar as gallas da mocidade, pelo burel da vida especulativa, pelo claustro das aspirações e affectos, chamado — idade madura!..

E então, nem as recordações, nem as esperanças lhe vêm refrigerar o peito, crestado pela aridez do calculo, bafejado pelo violento simoum das ambições, e deserto de illusão e de crença!

Então a infancia com os seus folguedos, a mocidade com as suas paixões são como duas sombras phantasticas, que se balouçam no horisonte escuro e indeciso do passado como a nuvensinha de fumo, que além se eleva da choupana situada no fundo do valle, e que se perde, vista de longe ao cerrar da noite, nas sombras de verdura, que reveste o arvoredo da encosta!..

E como rapida e vagarosa se escôa a vida do coração, a vida da mocidade!..

(Continúa.) A. M. da Cunha Bellem.

o mundo é uma comedia.

Em todas as boccas, a cada passo, se ouve repetido, com todo o proposito o epiphonema, que serve d'epigraphe.

Depois de grave meditação sobre sentença tão repassada do grande senso commum, com que nossos antepassados, talvez menôs instruidos, mas, com certeza, mais maduros, e circumspectos, sazonavam os proverbios, que nos legaram, vim a convencer-me da verdade do facto, e, o que mais é, deparei algures com a idéa desenvolvida. Nasceu-me logo o desejo de transcrever aqui o quadro e fazel-o correr mundo para edificação dos mais confiados e desenganos dos illudidos.

É o mundo, no dizer dos poetas, mar de delicias; — dos velhos, selva d'espinhos; — das beatas, valle de lagrimas; — talvez cada um falando da festa, (como é sabido) conforme lhe vae 'nella.

Pois enganam-se todos.

O mundo é, sem tirar nem pôr, uma comedia. E como comedia suppõe theatro, direi melhor, no globo terraquiu, theatro do mundo, quanto se vê e quanto se passa 'nelle é comedia, e provo o que digo: attendei.

Os homens são actores; os acasos compõem a peça; a fortuna distribue os papeis e marca as condições. Os politicos governam o machinismo, e os philosophos fazem de expectadores; se ricos occupam os camarotes, nobres e poderosos a tribuna; a platêa é para a plebe.

A mulher, anjo consolador, mitiga as penas offerecendo, como refrescos, distracções; ou, demonio tentador, accende a discordia, exalta as paixões e perverte o coração, accrescentando pezares amargos ao pêso da vida desgraçada.

São d'estes infelizes quem espevita as luzes.

Das loucuras se fórma a orchestra; o tempó corre o panno; e a peça, muito moral (segundo o costume), intitula-se — *O mundo quer ser enganado, logo enganemol-o*.

O bilhete de entrada é marcado com a charisma da humanidade — *inquietação*.

A comedia principia por lagrimas e suspiros em guiza da symphonia.

O primeiro acto consta de projectos chimericos dos mancebos. Os loucos applaudem com palmas, os sensatos dão pateada por impostura.

A variedade das periepecias diverte por um pouco os expectadores, O desenlace das intrigas faz rir de compaixão os philosophos, punge ao povo, enfastia aos ricos e enjoa os grandes, que de enfadados enchem o tempo a bocejar ou a dormir.

Ora apparecem em scena gigantes, que instantaneamente se fazem pygmeus por transição rapida, como invisivel; — ora anãos, que crescem de repente sem se perceber, e dentro em pouco estão gigantes.

Aqui, este, que toma todas as medidas e precauções imaginaveis para traçar a melhor via de alcançar o que tanto almeja; e nada obtem.

Alli, aquelle, saltando por cima de todas as considerações, desprezando todos os cuidados, e a final, contra toda a rasão, consegue o maximo das felicidades humanas.

Agora, um, a quem enche de gozos isso, que se chama fortuna, mas que ainda se não symbolisou, e que mal se sabe se será ficção, ou realidade; e figura a par do sabio sendo stulto.

Logo, outro, que corre apoz, e jámais alcança, esse imaginairo phantasma, que reparte os bens da terra ás cegas, sem criterio, para

ao fim de inúteis e fadigosos trabalhos acabar em miséria, coberto de martyrios.

Mais além, est'outro doma e subjuga á sua vontade ferrea e inexoravel os caprichos da sorte e a sorte de seus semelhantes... Este é o heroe, e quem sabe se não será o maior louco?... etc., etc.

Digam lá agora que não é esta a comedia mui veridica d'este nosso mundo de embustes e trapaças, em que todos tomamos parte activa e onde figuram tanto ao vivo as ambições desmedidas e torpes, as invejas ridiculas e vis, as intrigas malevolas e atraícoadas; e esse longo apanagio de todas as torpezas da alma depravada, immunda e baixa. Onde, alternativamente, actores ou expectadores, conforme os baldões da sorte e o embate das paixões humanas que nos obsecam, somos ora senhores, ora escravos, e sempre o ludibrio dos favorecidos do destino!..

Eu por mim, visto que é questão de sorte, já me dou por contente se me demorar pouco em scena; porque a final de contas quem quizer gozar d'esta comedia, rir e divertir-se, deve collocar-se no logar da *indifferença*, sitio seguro e sobranceiro para vêr tudo, e não ser visto de ninguém. F. O.

Extr.

Dialogo de Calembourgs, a que deu logar a leitura das scenas contemporaneas.

Author e censor.

C. (entrando.) Muito estimo enconral-o; pois vinha para dar-lhe um *conselho*, que tenho *jugado* conveniente para seu *governo*: *civil* como é, ha de acceital-o; porquanto seu *juizo de direito* me reveste para fazer de *legado* da opinião pública, 'neste *conselho* que lhe *ministro*, e que deve receber não como de qual-quer *juiz ordinario*, mas como *conselho superior*...

A. Reconheço a sua *auctoridade* e se errei acceito desde já o seu aviso, por conhecer que vem de uma amizade *avara da justiça*.

C. A *vara da justiça!* calembourg!.. É justamente ácerca de tal assumpto nas scenas de v. s.^a, que vou dar o meu *juizo*.

A. Acceito com todo o gosto, apezar que ninguém dá o que não tem...

C. Nego o axioma, porque eu dei-lhe *senhoría*, que não tinha.

A. Então não móra em casas de *renda*?..

C. Deus me *defenda*, d'ahi a abrir-lhe uma *fenda*, a *fural-as*, e vir tudo a terra, não ia nada.

A. Mas que tinha isso?... depois de *aforadas!*...

C. Vamos porém ao que importa... á sua *obra*, que eu já *nellá* vejo *andar* muita coisa, que *por tal fórma* se não *casa* com o meu gosto, que me *arrisco* a dizer-lhe que se deve cortar *alli cerce*. .. 'Numa palavra, *leia as scenas*.

A. *Lei ás scenas?* só se as *quinas* lh'a *impoz*erem!

C. Essa opinião não me *quadra*, e até, se não temesse tornar-me um *massador eterno*, mostrar-lhe-ia, que foi o heroe do *Sena* que 'numa terrivel *scena* quasi que com o *Massena* *impoz* lei ás *quinas*. Entende?

A. *Adivinho!*..

C. *Ha de vinho* infelizmente muito pouco por causa do mal!.. ainda este anno não *vi uca*.

A. *Acredito*.

C. *Acre dito* é esse!.. porém, vamos á leitura das scenas do viver academico.

A. *Isso!* *isso!*..

C. *E suiso?*.. é cousa de que lá se não falla! Mas seja como fór, *leia* ao acaso.

A. (lendo) «isso só a vós e a outros como vós, que amais as antiquilhas architectonicas encantaria...»

Então que acha este periodo?..

C. Duas *asneiras!*.. Porque nem só *avós* amam as antiquilhas, nem estas são só em *cantaria*.

A. Não póde tomar nada a serio!.. «*Encantaria*» *li eu*.

C. *Em cantaria Lieu!* tal e qual!.. é muito máo gosto 'num anno em que ha tão pouco vinho, fazer estatuas de pedra a *Baccho*.

A. *Abaco* é em columnas e não em estatuas!

C. Está com a mania de architectura; ninguém o atura!

A. E o senhor!.. não póde ninguém dar-lhe nunca *fé* ás suas criticas pela mania dos calembourgs... Isto não póde *ser*, veja se falla d'outró modo. Eu cá não *limo nada* o meu discurso, e se algum faço é só da necessidade...

C. Só a holla que *fór chata*, é que não vê que 'nisso anda *espirito!* O senhor tambem faz o seu calemboursito?..

A. Eu cá fazia *isto d'antes* com perfeição!

C. Fazia *estudantes?* *Essa é velha!*..

A. *Sé velha* é um monumento *d'arte!*.. está como a balda da architectura!

C. Isso é que o senhor aprendeu com alguma velha, que já de ha muito está na *modrada* dos anjos.

A. *Namorada* dos anjos! Isso é plagiato a Moore.

C. Ora o senhor fallar em plagiato *entre nós!*.. na verdade!..

A. Em *trenós* ou em diligencia?

C. *Diligencia* vejo eu que o senhor faz já para arranjar um *calembourg bom*.

A. *Bourbon!*.. esse é *real!*..

C. Um *real* não dou eu por elle, porque acredite, sou *franco!*— talvez não *ache lingua* mais verdadeira que a minha!.. *Enfadam-me chicanas* de politica, e vejo sempre de braços *cruzados* estes levantamentos *tão* debatidos em que se põe em *almoeda* a posse das *corbas*, porque não sei se *nota*, que estas dissidencias como lh'as *pinto*, são sempre uma grande *peça* em que muita gente se *desequilibra*, e por isso tanto me importa um *Napoleão* como um *Luiz!*.. Mas o motivo por que aqui *vim* tem acabado, e por isso vou-me *safando* que é noite.

A. Vae talvez a casa de seu *cunhado* a ver se *rilha* a cêa, para assim *ser ceado* lautamente.

C. Com effeito, vou ver se *intimo* o sobre-dicto para me servir de *escudo* á fome que me toca a *rebate* no estomago, porque como ainda não recebi o *soldo* estou muito falto de *dinheiro*. Adeus!.. desejo-lhe *patacos* (vae-se.)

C. e A.

A AMIZADE DA MULHER.

(Imitação d'uma poesia de Mr. de Lamartine.)

Amizade, encanto d'alma,

E mimo do coração,

Da mulher nos olhos meigos

Porque tens mais expressão?

E mais és a mesma sempre!

No coração que teu fôr,

Não é a mulher que se ama,

E o seu nome perde o amor.

Mas, qual do espelho pulido

Melhor se reflecte a luz,

Assim n'uns olhos formosos

Mais effeito se produz.

E a voz suave, argentina,

Mais ternos accents tem;

Da noss'alma os castos gozos

Vão aos sentidos tambem.

O braço nervoso d'homem

Seguro apoio será,

Mas a mulher com afagos

Mais forte apoio nos dá.

Meiga ou severa, a amizade

Sempre foi o encanto meu;

Diz a mão, que a minha aperta:

Este coração é teu.

Minha mão acceta sempre

Este emblema da fé pura;

Mas, se a mão é mais mimosa,

Aperto-a com mais ternura.

(F.)

SONETO.

Tu, regente supremo, que presides

À creação com summa providencia;

Que do mundo regulas a existencia

Nessa porção do espaço, onde resides;

Tu, que tempéras as humanas lides

Concentrado na tua omnipotencia;

Tu, que dos vastos céus sobre a eminencia

Qualquer problema a teu sabor decides;

Tu... mas que digo? Ao homem, que aborreço

Tudo, que máu, ou bom, lhe existe ao lado,

Deverás perdoar, se, a lei o esquece?

Deixa-o correr seu miserando fado;

O homem paradoxal emfim perece

Entre remorsos pela dór mirrado.

A. P. Zagallo.

SCENAS CONTEMPORANEAS.

Continuado do n.º 1.

SCENA II.

O author declara por que fez e para que fez as scenas contemporaneas.

É de todos bem sabido, que aquelles, que têm cursado a universidade, gostam de lèr tudo que diga a ella respeito. As descripções que lhe fazem das colicas e do acto, — da cabra e do estudo, — das diversões e passeios, — d'esta e d'aquella rua por onde tanta vez passaram, têm sempre para elles encantos inexplicaveis!.. o encontrarem em letrã redonda estas reproducções das scenas da sua vida aca-

demica, é como uma especie de alpondras por sobre as quaes a memoria vae atravessando o lethes do passado, e cada um, ao rever na imaginação despertada pela leitura, os sitios tão seus conhecidos nos bellos dias de estudante, exclama como Lamartine :

« Que ces sites sont doux, que ces lieux sont touchants. »

Foi este um dos motivos que mais me decidiram a compôr estas *scenas*; além de que, sendo a vida academia tão fértil em aventuras, não me consta que ninguém as historiasse completamente, pelo menos em relação á actualidade.

O prefacio da *Mulher* pelo sr. Sequeira Barreto é lido com avidez por todos que tem transposto a porta ferrea encadernados 'numa capa e batina.

O *Estudante de Coimbra ou relampago da historia portugueza*, é apreciado por todos os que, apesar da sua extrema raridade, têm a dita de o alcançar; — e finalmente não ha ninguém que viesse uma vez a Coimbra e que não tenha lido o *Palito metrico* e a *Cabulogia*.

E comtudo nenhum d'estes livros satisfaz ás exigencias da actualidade: estes dous ultimos porque nos relatam *scenas* do que foi, e do que já não existe; — o *relampago da historia portugueza*, porque, além de nos não relatar as *scenas* contemporaneas, se envolve na politica, e descreve principalmente os acontecimentos da revolução de 1830; e finalmente a introducção da *Mulher*, porque apenas é um esboço muito succinto de umas ferias de ponto.

Um folheto appareceu o anno passado, obra muito moral e instructiva, intitulada o *Estudante*, e que custava 60 réis!... mas, oh! dor!... era em verso!... e o seculo das luzes, que não precisa d'esta especie de lamparinas intellectuaes, chamadas poesias, fechou os olhos, e ficou ás escuras sem lér esta descripção poetica do *prego*, das *colicas* e da *cabula*!...

Que prosa!!!...

Havia pois uma lacuna e era preciso encher-a!... era preciso contar ao público, que não conhecia a nossa vida, que

— Era uma vez um ...

— Estudante aventureiro

— Tanto farto de feição

— Quanto falto de dinheiro, mal metido

— Este sem ter um real

— Pisou os frios geraes.

e tudo mais que o jocoso Malhão de si mesmo conta. Era preciso dar este alegrão aos pobres bachareis formados de ha pouco, que lá do seu cantinho domestico, lembram apenas com uma saudade indefinida e vaga os bellos dias das suas rapaziadas, enviando um adeus saudoso ao tempo dos seus tempos como diria um author da *Phenix renascida*.

E finalmente aos bachareis d'outros tempos, era preciso mostrar-lhes que a sua Coimbra já não é a mesma d'outr'ora; que apesar de não ter mudado de posição na carta geographica, está tão differente do que era, que com diffiduldade elles a conheceriam. Que ao seu tanger das tristes, especie de toque de recolher academico, chama-se hoje o tocar da cabra; que os arcos do correio já não existem; que os caloiros, tão victimados 'noutros tempos, alcançaram carta de alforria, e já nem uma cassoadá soffrem! Numa palavra, era mistér fazel-os scientes das modificações trazidas pelo progresso, desde os botequins e batinas-casacos, até á metamorphose dos verdeaes e das mantilhas!... E os bons dos velhotes gozariam tambem a sua hora de prazer a comparar as suas antigas rapaziadas de *boa feição* com as nossas *partidas* e *pandigas* de agora! entreitando-se a contemplar aquillo que no estudante é e será sempre immudavel, como colicas, extravagancias e faltas de dinheiro!...

Tudo isto era muito bom!... mas terei eu preenchido esta lacuna? Não sei, e até creio que não, mesmo porque no dia em que apprehendi esta publicação aconteceu-me como a *Bocage*:

..... e ave agoureira

De noite me piou sobre o telhado!

Fiquei com um ferro damnado! mas como a obra já estava concebida e como eu lucrava 'nella o ter entretenimento para as noites de eterna semsaboria que aqui passo, resolvi-me a não desistir do intento, que, se não tiver outro proveito, poderá despertar a alguém mais idoneo a idéa de romantizar melhor a nossa vida 'neste seculo, em que tudo se romantisa e em que se tem dado tão pequeno cultivo ao romance popular nacional, sempre tão estimado.

E dadas estas explicações entro em materia.

(Começa). Um estudante.

ESTRÊA LITTERARIA



JORNAL RECREATIVO



1858 - ABRIL - I

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Anuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
Com estampilha 270 "

SEXTA FEIRA SANCTA.

Que pesado e negro véu se desenrola sobre a terra, deixando-a em densas trevas sepultada!!

Que medonho estampido é este, que, repercutindo-se de valle em valle, revôa pela amplidão do espaço?!

Estranho e temeroso espectáculo!...

O rei dos astros escondeu a fronte nas nuvens; e o manto escuro e lúgubre d'uma noite sem estrellas, pesa sobre a terra, como uma lapide de marmore negro, sobre um tumulo!

Apenas, de momentos a momentos, a lua, desannuviando-se por um pouco, despede um olhar frouxo e consternado, que mais aviva o horror d'esta scena de lucto e desolação!

A terra, em intima agonia, estremece com violencia; e os montes, gemendo, se fendem, por terriveis convulsões abalados!

Das negras nuvens, que agglomeradas, se chocam, desprendem-se grossas torrentes d'agua; e o Cedron, saindo de seu leito sinuoso, se arroja pelos campos intumescido e arrebatado!

O tufão rebrame impetuoso: na sua rapida passagem tudo derruba, tudo destrôe: e até mesmo o carvalho annoso e o cedro gigante, que affrontaram impavidos o furor de mil tormentas, dobram as frentes altivas e jazem prostrados no chão!

Lá estala o raio; e o fugaz relampago,

lambendo a superficie da terra, parece querer abraza-la!

Lá rebomba o trovão... lá echôa o som ao longe... mui ao longe... lá se foi perder a ultima vibração na immensidade do espaço!

O terror vergou os animos mais robustos. Os elementos, agitados e confundidos, luctam entre si, bramindo furiosos; e, em vista de tamanho horror, dir-se-hia que a natureza estava prestes a succumbir, curvada sob o peso de um cataclysmo universal!

Mas que vejo!... Rasga-se o véu do templo... as lousas quebram-se... e as carcomidas ossadas dos cadaveres de mil annos alvejam por entre as luctuosas trevas, que envolvem o mundo inteiro!...

Deus de misericordia!... Deus de piedade!... eis-nos prostrados por terra... Não ha duvida! O suppliciado do Golgotha era o verdadeiro Messias; era o Filho de Deus Humanado; era o Martyr, o Redemptor da humanidade!...

.....
Eis verificado o que os prophetas e as sibyllas vaticinaram! Eis o genero humano resgatado da culpa original! Eis a cruz, outr'ora supplicio infame, convertida em emblema d'honra e de nobreza, e trophéu da conquistada immortalidade e da redempção universal! Finalmente, eis o homem em contacto com o céu!

Sim: a divida da humanidade está paga á justiça divina! Mas a que preço?!

A preço do sangue do Filho de Deus... a preço da vida de Jesus-Christo... d'Aquelle, que veiu ao mundo só para remil-o da escravidão, quebrando os duros ferros, que o maneavam, e outorgando-lhe uma lei sublime, toda amor e charidade; d'Aquelle em fim, que, ainda mesmo pregado na cruz, só tinha palavras para implorar o perdão de seus proprios algozes!...

Ingratos!... É como podestes desconhecer tão grandes beneficios, virtudes tão sublimes?!

Treme, ó impia Jerusalem, treme do futuro castigo, castigo tremendo e espantoso!

Insensata, não procures illudir-te! A voz da consciencia sôa mais alto que esses gritos rouquinhos e freneticos, que soltas delirante no meio de infames orgias!

Baldados esforços!... Ás admoestações do propheta tu respondes com imprecações e blasphemias; e entretanto vaes correndo a passos agigantados para o abysmo horrendo que te ha de engulir!

Exulta, suberba prostituta, exulta desgrenhada e doudejante em tuas criminosas e torpes festas!...

Pútrido cadaver, de vicios e paixões roído, alardêa essas gallas que a podridão te encobre!

Da tremenda punição futura, não receosa, cospe na face do Eterno tuas nefandas torpezas, teus abominaveis vicios, teus execrandos delictos!...

Ai! de ti, cidade orgulhosa e maldita, ai! de ti... Os tempos se approximam... O braço do homem, guiado por Deus, te derubará por terra... tudo se fará ruinas... não ficará pedra sobre pedra... e tua raça amaldiçoada vagará errante pelo mundo!...

E tudo se realisou!... A justiça de Deus estendeu-se sobre a cidade maldita: d'ella só restam tristes ruinas!...

Os filhos dos deicidas perpassam pela terra acoçados, testemunhas irrecusaveis da propria verdade que negam. Infelizes! o excesso de luz lhes destumbra os olhos d'alma!

Mas lá está o Golgotha, lá está o thea-

tro sublime dos augustos mysterios da Redempção! Foi alli que o Filho do Eterno remiu a especie humana: foi alli que elle nos legou a vida eterna, morrendo pregado na cruz, na cruz que se tornou em symbolo da nossa fé!...

Salve! sacrosancto lenho da cruz! Salve! medianeira entre Deus e os homens! O teu culto durará em quanto o mundo existir; e tempos virão, em que tu não serás o emblema de uma religião, mas sim o emblema do mundo inteiro!

Prostremo-nos por terra; e, rojando a fronte no pó, adoremos o sagrado lenho aonde expirou o Messias, o Redemptor do mundo, o Homem-Deus, o Christo do Senhor!...

C. de M. e Brito.

Breves considerações ácêrca do mechanismo da nutrição e secreções.

O sangue no seu movimento continuo soffre mudanças diversas, como diferentes são os órgãos, que percorre.

O sangue venoso d'um musculo não encontra analogo noutro ponto da economia.

O sangue, que volta de fornecer os elementos á secreção d'um órgão, apresenta differenças characteristics, se o compararmos com o que regressa de preencher fins analogos em órgãos diversos.

Órgãos diferentes tiram do sangue diversos principios para a sua nutrição; e o mesmo acontece para os actos secretores.

Mas estes principios assim tirados ao sangue, não vão nutrir o órgão, nem formar o liquido segregado, sem que préviamente tenham experimentado modificações mais ou menos intensas. Se o contrario se desse, a nutrição seria apenas uma apposição de moleculas, a secreção uma simples exsudação

Separação do sangue de liquidos diferentes d'elle, e que, depois d'uma elaboração mais ou menos completa, não vão fazer parte d'órgão algum secretor, é a definição que mais compete á função da secreção; e equal valor tem a de nutrição, concebida nos seguintes termos: função, em virtude da qual os órgãos appropriam do sangue certos principios, que transformam em substancia propria.

Para bem comprehender o mechanismo da

nutrição, cumpre notar que no sangue não se encontram todos os principios immediatos dos tecidos. Uma elaboração particular se deve admittir para a sua formação.

Nem a musculina se encontra senão nos musculos, nem a osteína senão nos ossos, etc.

O plasma sanguineo, verdadeiro succo nutritivo, transuda das paredes dos vasos. Albuminoso, contendo fibrina em dissolução, saes diversos e pequena porção de materias gordas, reúne as condições necessarias para nutrir os diversos órgãos, depois d'uma metamorphose, mais ou menos completa, fóra da corrente circulatoria. Este blastema em contacto com tecidos vivos, tende a elevar-se do mais simples e elementar grau d'organisação, em que se achava a um mais superior, e porventura ao mais perfeito.

Assim na epiderme, epithelio, etc. a *substancia organizada*, toma a fórma de cellulas, e a organisação não vae além, dando origem ao grupo de tecidos, que Segond denomina *cellulosos*.

Nos tecidos conjunctivo, muscular, etc. esta mesma substancia adquire um grau mais elevado d'organisação, e fórma os tecidos denominados *fibrosos*. Finalmente, adquirindo o maximo grau, chega a formar o tecido nervoso, que se encarrega dos phenomenos physiologicos mais importantes e incompreensíveis.

Mas para que se formem estes tecidos, será necessario que a *substancia organizada*, ou blastema, percorra sempre periodos successivos ao seu desenvolvimento, ou tomará directa e immediatamente o grau d'organisação, que lhe compete, em harmonia com os órgãos com que está em contacto? A cellula será o elemento primitivo de todos os tecidos, e em todo o tempo da vida, podendo considerar-se a nutrição como uma repetição da geração? A metamorphose directa e immediata d'estas cellulas, formará os diversos tecidos, ou o seu desaparecimento e liquefacção espontanea, será condição essencial da origem dos de ordem um pouco elevada?

F. A. Alves.

(Continúa.)

Poderá ser absolvido um réu por se allegar em seu favor a mania instantanea?

Se ha principio incontroverso aos olhos da sciencia e da razão, é, que só as acções livres e espontaneas são susceptíveis de imputabilidade, e por conseguinte de premio ou castigo!

A imputação suppõe, que o acto foi practicado por quem conhecia o dever, as ligações d'este com aquelle, e que foi livre em o practicar; ou, em duas palavras, por alguém dotado de intelligencia e liberdade!...

O homem, que, ao caír d'uma janella, mata o viandante, não é mais criminoso do que a pedra, que em virtude do seu peso se despenha sobre o incauto, que passa; nem a criança ou o louco, que incendeiam uma casa, têm mais imputabilidade do que a faisca, que, pegando casualmente em um feixe de palha, reduz a cinzas uma propriedade!...

Entre as causas, que privam da liberdade e intelligencia, excluindo por conseguinte a imputabilidade, figuram as affecções mentaes, que consistem no desarranjo das faculdades intellectuaes, moraes ou affectivas. Este desarranjo póde nascer ou da perversão d'aquellas faculdades ou da sua obliteração, consistindo a primeira na alteração da intelligencia depois de desenvolvida e a segunda na paralyzação completa da mesma, já antes, já immediatamente depois do seu desenvolvimento, ficando em todo o caso as faculdades de tal fórma obliteradas e nullas como se nunca tivessem funcionado realmente.

Differentes têm sido os nomes dados pelos medicos aos diversos graus d'estas enfermidades, o que todavia pouco nos importa, a nós, que nos occupamos exclusivamente da especie de alienação mental mais commum, — a mania.

Nesta, que sob differentes aspectos se póde apresentar, e que, até certo ponto, se reconhece pelo incerto, espantado, e fixo do olhar, pela particular expressão do rosto e alterações sensíveis na saúde do individuo affectado, 'nesta dizemos, tanto as faculdades intellectuaes como as affectivas estão comprometidas, havendo um delirio geral, acompanhado de exaltação, mais ou menos violenta, de illusões e de allucinações.

A mania póde appresentar-se repentinamente ou ser precedida d'alguns signaes. No primeiro caso o individuo atacado, e que no primeiro accesso commette um crime, póde ser examinado pelo medico, para se verificar a existencia do mal, que, por muito rapido que seja, deixa sempre vestigios, pelos quaes se possa avaliar; no segundo o individuo sente de ordinario o desarranjo, que se lhe opéra na mente; e, já pelos precedentes, já pelos consequentes, póde a justiça orientar-se ácerca da imputabilidade, que lhe cabe, se acaso 'neste accesso commetteu um crime.

Poderá admittir-se, porém, a mania instantanea e transitoria? isto é, poder-se-ha admittir, que um individuo, achando-se em perfeito estado de sanidade mental, seja repentinamente accomettido d'uma mania, e practique em virtude d'ella qualquer acto, tornando logo depois a recobrar a razão, sem que fique um só indicio de loucura, e sem que até ao momento, em que practicou esse acto, a mania se revelasse pelo mais pequeno signal? . . . E poderá tal mania ser allegada para escusar da imputação o agente? . . . Eis a questão sobre que vamos expôr algumas breves considerações.

Affirmativamente respondem alguns authores á primeira these, citando mesmo numerosos exemplos de manias repentinas, taes como as referidas por Briand, Boys de Lhoury, Boileau de Castelnau, A. Toulmouche, Pinel, Esquirol, Marc e outros muitos: graves authores, porém, ha, que pelo contrario attribuem os mencionados accessos a somnambulismo, a paixões e a outras causas, não admittindo a mania instantanea! . . .

Sem nos intromettermos na questão medica, para que não somos competentes, bastanos reconhecer e tomar nota de que a mania instantanea não é um facto tão claro, tão incontroverso, tão reconhecidamente aceite pela sciencia, que autoridades respeitaveis o não hajam contestado! . . .

Trazendo pois a questão para o ponto de direito criminal, que deverá fazer o juiz e o jury quando se lhe apresente um caso d'esta natureza? . . .

É de certo grande a responsabilidade, que em tal decisão cabe ao julgador! . . . Uma como maxima em direito criminal diz que vale mais fiquem cem criminosos impunes, do que seja punido um innocente. Outros principios inquestionaveis porém se nos appresentam pelo lado contrario: taes são, que os crimes jámais devem ficar impunes, aliás a desordem e a anarchia subverteriam a ordem e tranquillidade pública; que o julgador deve attender ás provas, fazendo obra por ellas e não por meras asserções, que os factos desmentem, e que podem vir a ser a porta aberta aos mais graves abusos! Da desharmonia de taes principios resulta a difficuldade em resolver a questão.

Sem querermos pôr em duvida o principio de que antes cem criminosos fiquem impunes do que seja condemnado um innocente, não podemos deixar comtudo de reconhecer, que elle deve soffrer restricções; porquanto, se tal

principio fôsse admittido em toda a sua extensão, iria mais longe do que os seus proprios defensores quereriam, e a punição dos crimes ficaria apenas reduzida a alguns casos rarissimos, em que o facto fôsse por tal fórma público, que o seu author o não podesse negar: taes seriam os dos regicidas Orsini, Martin Merino, ou Pierri e muito poucos mais: todavia é certo que de ordinario se escolhe occasião oportuna para a execução do delicto, e o jury, que, na maior parte dos casos, absolve ou condemna por indicios mais ou menos falliveis, não podendo obter a evidencia de que o réu practicou o crime, devia absolvel-o pelo principio enunciado!!!

Na nossa hypothese appresenta-se um assassino, um ladrão ou um incendiario perante o tribunal; as testemunhas, os factos, o proprio réu depõem que o acto foi practicado, e a defesa unicamente se reduz a dizer: «fui atacado d'um accesso da mania instantanea, durante o qual practiquei o facto de que sou accusado; mas, visto que não estava *sana mente*, devo ser absolvido;» e o jury consulta os medicos, que attestam o perfeito estado intellectual do réu! e o seu medico usual confirma o mesmo ácêrca do seu estado anterior á practica do delicto e o principio invocado acima ha de pronunciar-lhe a absolvição para que não seja castigado innocentemente? . . .

Não podemos admittil-o! . . . C. O.

(Continúa.)

É com o maior prazer que publicamos este excellente artigo do nosso particular amigo de infancia C. de Oliveira, ainda que com elle não podemos estar completamente de accôrdo.

Importancia do estudo da Chimica para a Physiologia.

(Continuado do n.º 2.)

Ficou á evidencia demonstrado pela simples comparação das definições, quanto a chimica presta á physiologia, e os laços estreitos que as prendem entre si.

Descendo porém á determinação dos subsidios recebidos, e ao exame das circumstancias e modo como foram applicados, outras são as considerações e contradictorios os resultados.

A chimica não deu proveito, antes se tornou em grande prejuizo da physiologia, quando

gratuitamente dos actos da natureza anorganica, se inferiu para os da natureza viva; quando dos phenomenos passados nos laboratorios, debaixo da influencia dos reagentes chimicos, se argumentou para os phenomenos vitales e apenas se reconheceu na vida actos puramente chimicos da natureza bruta. Tão dominados estavam os animos de preconceitos das doutrinas materialistas!

D'aquí as hypotheses innumeraveis, cuja consequencia necessaria foi desperdiçar tempo em cogitações despropositadas, desvairar as intelligencias, e estorvar-se o progressivo andamento da sciencia.

Assim foram assemelhadas — a digestão, a fermentação, a respiração, a hematose e a nutrição, a combustões: assim se crearam os radicaes hypotheticos, v. g. a proteina; a separação arbitraria dos alimentos em combustiveis e plasticos; as fórmulas dos principios immediatos, indefiniveis, e tão incertas como os systemas, que lhes deram origem, e fallazes como as observações dos authores; e essa infinita quantidade de principios immediatos, gratiosos productos de gabinete, etc.

A chimica subministra á physiologia prestantes subsidios, quando lhe proporciona instrumentos, processos, meios e preceitos, que sirvam para, sem alteração extremar os principios immediatos; i. é, principios constituintes do organismo em que anatomicamente, sem subdivisão em outros, a não se alterar sua natureza chimica, é decomposta a substancia organica; e quando pela analyse decompõe estes principios nos respectivos elementos chimicos, e lhes assigna a natureza material caracteristica, indicando-lhes, ora só a qualidade, ora tambem a quantidade dos elementos constitutivos, se definidos.

No primeiro caso, é um méro ramo da anatomia, e serve para a dissecação dos humores, separando-lhes os elementos anatomicos e principios immediatos; ou, complementar de dissecação dos solidos, pelo escalpelo continúa a destruição da estrutura e textura e os decompõe nos elementos organicos; e a estes nos principios immediatos correspondentes.

No segundo caso, caracteriza e differencia por sua natureza chimica os diversos principios immediatos e indica-nos as modificações e fórmulas que revestem nas varias circumstancias e condições d'existencia; do que se filiam as transformações successivas, que um principio experimenta na sua evolução organica.

(Continua.) F. O.

BOTANICA.

Generalidades.

Continuado do numero 2.º

Structura das plantas. Orgãos elementares.

Os vasos têm structura e forma diversas, segundo as funcções para que são destinados; uns com uma superficie desigual, cheia de linhas ou pontos quasi sempre dispostos em spiral, chamam-se *vasos* ou *tubos spiraes*; outros com as paredes lisas, denominam-se *vasos proprios* ou *laticiferos*.

Pelo que toca aos vasos spiraes devemos fallar das trachêas, dos vasos annulares e reticulares, dos riscados e pontuados.

As trachêas são compostas por um tubo cylindrico, membranoso, cuja parte interna é forrada por um fio disposto em spira, d'um branco de madre-perola em tudo semelhante na sua disposição a um elastico das aças.

Os *vasos annulares* são mais grossos do que as trachêas, e o fio interno, com a disposição spiral, que naquellas se encontra, é aqui substituído por uma serie de anneis que são algumas vezes irregulares.

E conforme existem estas anomalias, sendo os anneis ora quebrados, ora ligados, assim formam uma rede mais ou menos apertada, — *reticulares*.

Finalmente notam-se outros mais volumosos do que os precedentes, parecendo crivados de pequenos orificios dispostos horizontalmente, são os *vasos pontuados*, cujas pontuações resultam das lacunas da camada interna do tubo, sendo contínua a externa.

Os laticiferos contém o latex ou os succos proprios das plantas; são membranosos, transparentes, de paredes homogeneas, com desigualdades ás vezes na sua espessura.

Os tubos têm a configuração cylindrica com dilatações communicantes entre si, em consequencia de ramos transversaes, formando d'este modo uma rede.

Os orgãos elementares, que acabamos de descrever, combinados uns com os outros, dão origem aos *compostos*. E estes se reúnem tambem para formarem *apparehos*, que são encarregados de diversas funcções.

O vegetal no seu principio, quando ainda faz parte do que lhe deu origem, tem a forma

d'um utriculo simples, que contém na sua cavidade uma substancia granulosa, isto é, apresenta-se no estado d'embryão.

Algumas vezes em volta da primeira cellula se grupam outras, e 'neste caso o embryão augmenta de volume, sem que se observe differença nas partes que compõem o individuo, cuja fórma ás vezes se desenha ao passo que elle cresce, apparecendo-lhe pouco depois um eixo central alongado; e aos lados da porção oval do centro, apresentam-se elevações, ou só uma ou duas, do meio das quaes se desenvolverá o embryão que ha de transformar-se na *plantasinha*. Estas elevações são os cotyledones.

Têm, portanto, lugar 'neste primeiro periodo tres circumstancias, que dão motivo a tres grandes divisões entre as plantas — sem cotyledones — acotyledoneas; com um só — monocotyledoneas; com dous — dicotyledoneas.

Os primeiros rudimentos do caule e da raiz, bem como o cotyledone simples ou duplo, consideram-se os orgãos *fundamentais* da planta, sendo apenas modificações d'estes os que se desenvolvem ao depois.

Ora estes tres orgãos estão primeiramente reunidos na *semente*, que podemos considerar como o ovo vegetal, e não precisam para desenvolver-se senão de certas circumstancias, em que figuram indubitavelmente em primeiro logar a humidade e o calor, mas que antes resultam da reunião simultanea e complexa das acções physicas, chímicas e principalmente das physiologicas.

Na verdade, é evidente, que o calor e a humidade não servem senão para 'neste caso favorecerem a reacção dos elementos contados na semente, elementos que não podem reagir entre si sem o intermedio dos differentes agentes que, ao mesmo tempo, lhes são fornecidos pelo solo, atmospheria e temperatura.

(Continúa.)

M.

o homem.

Oh! nous sommes heureux parmi les créatures!

LAMARTINE.

(Resposta ao artigo inserto no n.º 2.)

O homem, esse mytho indecifrável e indefinível, lançado ao meio da criação para carpir e soffrer, não encontrará em toda a senda da

vida senão abrolhos, que o torturem 'num equileo de soffrimentos e que, arrancando-lhe lagrimas e suspiros, lhe dêem por companheiro inseparavel o martyrio?...

Não!... O homem... o ser perfectivel e privilegiado, que das mãos do Creador safu formado á sua imagem, vivificado pelo halito do espirito divino, 'nesse raio de luz celeste, chamado intelligencia... o homem não podia vir á terra das provações e das lagrimas, só para entregar pacifico, depois de um perigrinar ephemero, o corpo á podridão e aos vermes, — quando, livre, o espirito subisse perante o julgamento solemne da celestial justiça. Porque então essa parcella da essencia divina, que Deus insufflou no barro humilde, vegetaria nas sendas da vida material, algemada apenas ao fatal dilemma, de ou anhelar anciosa o momento de libertar-se, ou esquecendo que a sua missão é transitoria no mundo, engolfar-se, escrava da materia, no lodaçal dos vícios!...

A alma não podia elevar-se continuamente á contemplação ascetica da immortal ventura, deslembrando quasi que tem de animar o corpo, cujo reino é este, e que além da campa encontra apenas, em vez de gloria immarcessivel e perenne, a podridão que ha de servir de pabulo aos vermes do sepulchro!...

O espirito, ligado ao corpo nas angustias do viver terrestre, acompanha-o igualmente nos gozos dos sentidos, sem que por isso macule a sua angelical pureza; porque o cysne tambem se banha em turvo lago, sem que desmereça a sua alvura; porque a donzella tambem entra nos bulícios da festa, sem que lhe murche uma só das flores, que adornam sua capella virginal!...

Estes gozos puros do corpo em que a alma o acompanha!... este gozar do espirito em que a materia não é como atrophada, é o que constitue a felicidade!... E não será a felicidade um sonho?... uma chimera vã que antevemos ao despontar da existencia para nos fugir, apenas assomados aos umbraes da vida?... Não!... A providencia que imbuu no homem a idêa de felicidade, que lhe inoculou n'alma o insaciavel desejo de a conseguir, seria injusta ou contraditoria, se, facil e singella, como é sempre nos meios que emprega, lhe não desse, 'nelle mesmo, tudo quanto lhe era mistér para ser feliz!...

O corpo, que não vae, no reino dos espiritos, cercar-se d'uma aureola luminosa, mas que envolvido nas pregas do sudario, não terá

força que lhe electrise as fibras, que a podridão corrompe... o corpo, no seu mundo, também goza do aroma das flores, como do matizado panorama das campinas; do sabor e da fragancia dos mais primorosos e assetinados pomos, como da viração, que se balouça mollemente, erguendo um hymno de magia no ciciar da ramagem!...

E não será esta a verdadeira e singella felicidade, que o espirito soubéra apreciar, se não tivesse descido a conspurcar-se na torpe abjecção da materialidade, ou, se asphyxiado pelo pestifero veneno das ambições irrealisaveis, não pairasse apenas na região das chimeras? Sem duvida!...

Julgae-vos felizes e sel-o-heis!.. Appreciae os pequenos gozos, não pelo que elles são em si, mas pelo que differem das grandes attribulações; consolae-vos nos mais acerbos soffrimentos pela convicção que alguém ha mais infelizo do que vós; transitae pela senda da virtude, e, se vos pareceu talhada entre penhascos, no pender de abysmos insondaveis, eivada de sarças e de espinhos, enconral-a-heis juncada de rosas e jasmims e talhada entre campinas vecejantes, onde a imaginação se passeia despreendida d'esses escolhos, em que a materialidade acha torturas e em que a ambição encontra desenganos e soffrimentos!...

Quem ao imprimir o primeiro osculo de amor na face pudibunda e nacarada de virginal donzella, ousaria descrever da felicidade?!.. Quem se não julga feliz ao sentir essa expansão d'alma, que acompanha a practica d'uma acção boa, ou esse calor vivificante que ao peito lhe trazem as consolações de um amigo no proprio soffrimento?!.. Quem ao escutar o vagido infantil, ou ao rever-se no primeiro riso das innocentes primicias do seu amor, ousaria descrever da felicidade?!..

O homem não podia vir á terra para viver ignorado no seio da criação, confundido com os outros seres, que nascem, vegetam e morrem no circulo limitado e estreito, que lhe marcam as leis eternas e immudaveis da natureza!... para, vivendo entre martyrios, receber a sentença do penar eterno, depois que sobre o corpo se houver cerrado a lousa tumular!..

Não!... aos olhos da natureza — no mundo, dizer homem, será dizer — o rei da criação, no reino dos espiritos, será dizer o primeiro dos entes creados, o privilegiado dos seres!..

A. M. da Cunha Bellem.

PHANTASIA.

Quando vago nestas selvas,
Longe dos homens, não vejo
Nem verdes prados, nem relvas
N'este paiz sertanejo;
Porém descubro esse monte
Difficil, alcantilado;
No fundo tudo é mirrado,
Não ha ribeiro, nem fonte.

Este deserto seria
De feras habitação,
Onde quasi a luz do dia
É da noite a escuridão:
Eu sinto 'neste deserto,
Que o mundo dirá horrivel,
Impressão grata, aprazivel,
A imagem do céu aberto!..

No meio d'este arvoredor,
Cuja sombra a alma entristece,
Ora de mim, tenho medo,
Ora a mente se engradece:
N'este meu isolamento,
Que só pezarés me inspira,
Minha existencia é mentira,
É mentira o pensamento.

A imagem do céu aberto!!
Hyperbólica expressão!
Aqui só ha, e de certo
Negruras da solidão:
N'este estranho labyrintho
É negro, o que me rodêa,
É negra em mim toda a idéa,
É negro tudo, o que sinto.

A minha misanthropia
De qualquer outra differe;
Como ha de têt-a macia,
Quem dos homens nada espere?
Vossas sombras tutelares,
Ó plantas d'este retiro,
São aquellas, que eu prefiro
Do mundo aos tristes azares.

N'estes bosques isolados
De tudo, quanto ha na terra,
Quero viver consolado
Sem buscar nem paz, nem guerra:
Eis a unica ambição,
Que em minh'alma se alimenta,
Eis a esp'rança, que inda alenta
Um infeliz coração.

A. P. Zagallo.

SONETO.

A saudade.

(1830.)

Trajando roupas d'enlutadas côres,
De mirrado cypreste ornada a fronte,
Solta sentidos ais; c'o pranto ardente,
Do rosto innunda as desbotadas flôres.

Da esp'rança os mimos, illusões d'amores,
Em seu peito ralado já não sente;
Sem tino, sem razão, louca, demente,
Exaspera-se, grita, arde em furores!!

Do mundo ás scenas foge e ao seu ruido;
Vae perseguir com feia atrocidade,
Quem na ausencia d'um bem geme insoffrido.

Eis a deusa cruel, que, sem piedade,
Crava em meu coração punhal buido;
Eis minha socia eterna; eis a saudade!!

(F.)

As quatro edades.

Le monde marche!!!

E. Pelletan.

Como vem na leda infancia
Pungir saudades crueis
De prados de mais fragancia,
De mais risonhos vergeis! . . .
O homem chora o passado
E em tristeza, abysmado
Descrê já do seu porvir! . . .
E a mulher descrente, sceptica
Já nos affirma estar hectica
E até nem sabe tussir! . . .

Vem depois a adolescencia,
Não mais ditosa estação,
Em que o gelo vence a ardencia
Das crenças do coração;
Em que a mente jaz deserta
Ao ver perto a campa aberta
Que se ha de cerrar sem dó,
E, da dôr tomando o sceptro,
O homem torna-se espectro
A mulher um noitebó! . . .

Depois surge p'rá donzella
Risonha a idade viril,
Em que se faz amarella,
Mas seductora e gentil! . . .
Em que tem sonhos singellos,
Dôres de callos, anhellos,
Crenças, fé e vermelhão!
E então o mancebo pasma

Em ver misturar com asthma
As crenças do coração! . . .

Cessam da vida os abrolhos
Que a velhice vem por fim!
E lançam chammas os olhos
Com debruns de marroquim! . . .
E, co'as dôres de enxaqueca,
A virgem ama a boneca,
Sentindo em seu peito o amor!
E o mancebo ama em segredo,
Da palmatoria com medo,
Uma mulher . . . um tambor! . . .

Tal vae o mundo hoje em dia
Na sua marcha louçã,
Que assim prova a poesia
O dito de Pelletan! . . .
Ha na infancia atroz saudade,
Vem depois, na mocidade,
O soffrimento, o descrêr,
O amor na idade madura
E na velhice a doçura
Dos bollos e do viver! . . .

A. M. da Cunha Bellem.

Prazeres verdadeiros.

Se são numerosos os divertimentos e os vícios, os prazeres são tão raros como as virtudes. Para ir em busca do prazer, que intitula verdadeiro, despreza o sabio todas as distrações, e lá se engolfa no estudo das escolhas da antiguidade, segue todas as scenas da poesia d'então, consulta os philosophos de remotas eras, senta-se com Platão á sombra da virtude, revolve todos os arcanos da sciencia, prescruta os mais subtis mysterios da philosophia, perde-se no labyrintho dos seus systemas abstractos e incompreensíveis, e quando já cansado de tanto divagar, volve os olhos para o fructo de seus trabalhos, pasma do pouco que colheu de suas lucubrações e, descorçoado da sciencia antiga, desenganado das esperanças vãs que depozêra no genio creador dos sabios dos primitivos tempos, volta-se, confiado para a sciencia de hoje, redobra d'affan, desce ás minucias mais rasteiras da arte, amolda-se ás idéas da epocha, despe-se das phantasmagoricas subtilidades scholasticas, encarna em si o positivismo material dos apregoados interesses economicos; emfim apostolo do progresso, alista-se na seita dos propugnadores da perfectibilidade indefinida, e mendigando por

cada um dos ramos mais ricos da industria e das sciencias contemporaneas, apesar do muito, immenso, que reconhece, soffre no desejo o ultimo desengano; e em breve se convence, que, de tanto material desconnexo accumulado, pouco ha de decisivo proveito, muito pouco util, muitissimo prejudicial, infinito inteiramente inutil, e portanto que o homem vive hoje, como sempre, d'utopias, engodos traçoeiros com que illude a sua miseria e mesquinha condição.

D'aqui por conseguinte, póde concluir, que entre tanta abundancia, deve considerar-se pobre, e que a pobreza do já adquirido, não compensa o trabalho insano para o manter; e por modo nenhum comporta comparação com a riqueza immensa das minas inexgotaveis, offerecida pela natureza ao seu genio empreendedor e esforços das mais agudas intelligencias, por isso, que depois de profundas e laboriosas investigações, conhece ter esperado mais da sciencia do que ella tinha para dar, e que é tão difficil encontrar ventura na abundancia de conhecimentos estereis, como a sabedoria um diluvio de palavras ócas.

Alfim de tudo, é forçoso confessar, que de tantas vigílias, apenas colheu ficar noviço no estudo, e nem sequer tem chegado a pizar os umbraes do incommensuravel edificio das sciencias; e que portanto é já feliz, se de longe enxerga os vastissimos campos da sabedoria.

Todavia, não é tempo perdido o que tiver gasto em divagar pelo estudo da natureza, e póde affouto afirmar, que o homem cujo coração abunda em pura e ingenua piedade, e que considera, como deve, o author da criação, não póde, mas só elle, deixar de saborear o mais sublime dos prazeres, quando contempla os estupendos e innumeraveis effeitos da bondade divina.

Então a propria convicção do seu demerito longe de o desanimar ou diminuir-lhe o gozo, augmenta-lhe os prazeres, porque acha na indulgencia e tolerancia do Creator ainda mais provas da sua grandeza. Nesta contemplação o espirito fixa-se no presente, recorda o passado, e investiga o futuro com uma satisfação que se eleva até onde sóbe o seu pensamento. A veneração do Ser Supremo e amor do proximo são fontes inexauriveis de prazer.

A contemplação das bellezas da natureza, o gozo da amizade cordeal, o deleite do amor casto, os suaves prazeres da moral, são os unicos manancias d'onde brotam os germes da

verdadeira felicidade. São estas no parecer do sabio as origens de todo o bem.

Outro tanto não acontece com os entretenimentos estrepitosos e desregrados da maioria d'essa gente, para quem é tudo o baile, o vinho, e os acepipes com mil outros passatempos, em que brilha o luxo com esplendor, a intimidade além do comedimento, o deleite até á devassidão.

Então, quando não mais, apparece apoz as orgias fastio invencivel para com os transitórios e inspidos prazeres de momento, e velhice precoce e amargurada, por viver demasiado em pouco, e gastar tudo de repente.

Então, como a natureza nunca perde os seus direitos, apaga-se o sentimento na razão da vivacidade das sensações provocadas, e eil-os apossados d'essa amargura indefinida, desgosto da vida, aggravado pela cegueira da razão tresvariada e escurecida, que os impelle irresistivelmente ao sacrificio deshumano e immoral da propria existencia; barbara e bruta obstinação de covarde loucura.

Deus, — origem de todo o bem, não aprecia a grandeza do effeito, senão no crime para o castigar, mas a pureza da intenção no acto para o premiar.

F. O.

Extr.

Recordações de Colmbra.

Continuado do numero 2.º

II.

Que importa!... é sempre um sonho esta existencia.
CASTILHO.

Muitas e variadas são as sensações, que n'esta quadra ditosa commovem o coração!...

E assim devia ser!... Mais impressionado aos agentes, que desenvolvem n'elle a sua electrica influencia esta se patenteia mais repetidas vezes, quer triste, quer alegre; quer de expansão e jubilo, quer de martyrio e penar!...

O mancebo, que no verdor dos annos perde o arrimo d'um pae carinhoso; que, ao entrar vacilante no trilho da vida, perde os carinhos da mãe, que o conduzia pela mão, atravez de precipicios por senda juncada de rosas e jacynthos, se não tem um anjo bom que venha sentar-se na borda do sepulchro d'esses entes queridos, vacilla e cae no abysmo d'esse lodacal profundo a que a sociedade chama vida, a que a philosophia chama dissolução e a que os preceitos evangelicos chamarão porventura crime!...

Outras vezes, porém, a vida se escoa ligeira entre os gozos de peregrina ventura; e a mocidade não é mais do que entre-acto preenchido de agradável orchestra, que vem preceder as primeiras scenas do drama social, drama de grande apparatus em que o protagonista subirá ao capitolio de suas ambições para ser ahi coroado entre os felizes!... Mas esses poucos são?...

Qual é o mancebo, que em toda a sua mocidade não tem uma ao menos chegado aos labios o calix das amarguras?... qual é o mancebo que em horas de attribuição não tem ao menos evocado as sombras meias sumidas do campanario da sua parochia e dos mansoléos d'essa egreja onde elle proprio recebeu o nome de christão?... qual é o que nestes angustiados momentos, não tem reproduzido na mente as vinhas e os prados do visinho outeiro e a fontezinha da encosta e até ainda talvez os mesmos socios do folgar?...

E então a imaginação, cançada de longo perigrinar na senda do presente, passeia-se com indolencia e como para repousar nos jardins amenos d'um passado delicioso!...

(Continúa.) A. M. da C. Belleme.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do n.º 2.

I.

Um capello.

São 18 de Julho de 185-. O tempo está magnifico apesar d'um excessivo calor, que faz andar tudo em braza. O relógio da Sé acabava de anunciar dez horas e os sinos da Universidade erguiam aos ares os seus hymnos festivos. — Coimbra preparava-se para uma d'essas festas mil vezes repetidas mas sempre cheia de encantos para os habitantes, que, ou vêem nella a realização do seu mais querido sonho ou o fastigio da gloria a que póde subir algum seu parente ou amigo. Era um capello!...

A festa do capello, apesar de ser magestosa, não tem muito que ver!... mas é sempre grande a concorrência, tanto dos estudantes, como da gente da cidade, a ponto de encherem completamente a sala grande dos capellos.

É á entrada d'esta que costumava ter logar o mais estúpido de todos os brinquedos.

Ora imaginem os meus caros leitores, sessenta ou setenta estudantes comprimindo-se successivamente contra a porta ainda fechada, refluindo depois a compressão da porta para o exterior e assim havendo ás vezes taes embates das forças concentricas, que um pobre de Christo, se por infelicidade acontecia achar-se na confluyente d'aquellas innumeraveis maquinas d'alta pressão, ficava reduzido a bagaço. E a isto chamava-se a *onda*!... e todos corriam com prazer feroz, a um divertimento d'onde tinham a certeza de sair, pelo menos, sem metade da capa... para irem depois de chofre, quando a porta se abria repentinamente, parar ao meio da sala.

Alli então, 'nessa casa adornada em volta com os retratos de todos os nossos reis, entresachados de tribunas, d'onde despontavam os mais bellos rostos femininos, via-se o novo encapellado com a sua murça de garrida cor, e nos doutoraes todo o corpo cathedratico, adornado de eguaes romeiras de variegados matizes, com as suas borlas, cousa, que para trazer na cabeça é a mais exquisita que modernos ou antigos tenham inventado. Os archeiros, força armada, que veiu substituir os antigos verdeaes, formam a guarda de honra, vestidos com o seu fardamento de galla!... E ao fundo toca a charamella, que é a musica mais desentoadada que se conhece desde o cortejo dos pretos de S. Jorge até á orchestra do real theatro de S. Carlos.

Consiste em pouco a cerimonia. O proximo futuro doutor recita uma oração, que não sei por que hade ser em latim!... Os dous oppositores mais modernos igualmente recitam os seus discursos na mesma lingua, e por fim tambem o presidente faz o seu *speech* em latim ao novo adepto.

Depois de tanta latinidade vae este jurar ainda em latim, não sei o que, de joelhos aos pés do presidente, que lhe põe então a borla e lhe dá o anel. E o meu amigo está Doutor!...

Depois passa o novissimo graduado á cerimonia dos abraços, especie de agradecimento final, ou de primeira prova de fraternisação, que consiste, nem mais nem menos, do que em cingir todos os seus predecessores nos doutoraes universitarios em cordeal amplexo, ao som das melodias da charamella!... Concluida a cerimonia vae o novo doutor através da *via latina*, toda enramalhada do verde e popular loureiro, que serve para todo o regosijo público, desde uma capellinha de S.º Antonio

até a um arco triumphal e que se põe em toda a parte desde a porta das tavernas até á frente dos herões; partindo em fim de sege com o seu padrinho pela rua larga fóra! . . . e para em tudo haver miscellanea de côres garridas e variadas, todos os moradores das ruas, por onde elle tem de passar, fazem ás janellas a mais vistosa exposição de cobertas de damasco de todas as côres, herdadas de paes a filhos, com o fim tradicional de adornar as janellas em procissões e capellos.

Eis-aqui a descripção succinta d'essa festa para que se preparava Coimbra! . . .

A missa solemne cantada antes do capello, e á qual assiste o novo adepto, já estava a mais de sanctos; a rapaziada já se ia aggrupando ao pé da porta da sala; o pateo estava coalhado de gente, mórmente 'nesse dia, em que, por estarem já poucos *veteranos* em Coimbra, toda a calourada, livre do medo das caçoadas, affluia a ver a festa. As ferias é effectivamente o tempo dos calouros! . . . desaffrontados então de receios, correm a toda a parte para dar pasto á sua excessiva curiosidade!

Não os vêdes, espalhados pelo pateo e pelas escadas? não os conheceis pelas caras?

«O que? conhecer os calouros pelas caras?» observa agora um judicioso leitor.—É verdade, meu caro senhor! . . . É mais facil distinguir se um ente que traja batina é calouro ou não, do que differençar um homem d'um kanguroo, ou chimpanzé; e não creiam que eu sou algum Lavater, ainda assim! . . . Não senhores, ha coisas, que todos os genios vulgares distinguem com perfeição, como por exemplo, meia libra em oiro d'um tostão em prata, um diamante mesmo pequeno d'uma pedra de calçada, ou um veterano, ainda que de batina, nova d'um calouro, embora com ella velha; e aqui se prova a verdade d'aquelle ditado portuguez muito velho e muito certo — *o habito não faz o monge*.

Em todo o caso, attestada a veracidade do facto, porque contra factos não ha argumentos, pergunto eu agora aos illustres physionomistas, a esses, que pelas feições conhecem não só se um individuo é racional ou irracional (não se riam que não é tão facil como parece á primeira vista); se experto se parvo; se profundo, se superficial; mas penetram ainda, por um mover dos olhos ou das commissuras dos labios, a idéa dominante, que o agita 'nesse momento, as intenções que têm as suas palavras e outras coisas de tão minuciosa como exacta (!!) observação, a estes

senhores, especie de verrumas artesianas dos pensamentos alheios, pergunto pois, como se explica esta facilidade em distinguir o calouro do veterano:

Dae-me d'um lado, o rapaz mais experto, e mesmo o mais desenvolvido, encaixae-o 'numa capa e batina velha, bem velha, mostrae-lhe de noite e ás escondidas todas as ruas de Coimbra, para que elle se não engane, apresentae-o em público, e todos os que tiverem vivido um anno em Coimbra, exclamarão — é calouro: — ao passo que se do outro lado puzeres o estudante mais acanhado e menos desenvolvido, trajando batina nova e parecendo até receiar dos outros, ninguem se intrometterá com elle! . . . Não sei o que é, mas ha um certo ar no traçar da capa, no pôr do gorro, 'numa palavra, em cem minuciosidadesinhas, que só o habito de trajar tal habito (passe o gongorismo) é que ensina! . . .

Estas differenças, já se vê, caducam no calouro chronico, especie hybrida, que pertence ao veterano pelo muito tempo, que tem de Coimbra, e ao calouro pelo pouco aproveitamento que 'nella tem colhido.

Mas o capello? Ah é verdade! já nos ia esquecendo que estavamos á espera que a missa acabasse, para irmos assistir á cerimonia do capello, onde não queremos entrar senão no fim, por causa da onda, em virtude tambem d'outro rifão que diz *quem tem calos não vá a apertos*.

Muito gósto eu de proverbios! Não invejo a Salomão nem toda a sua sciencia, nem a riqueza do seu templo, nem a visita da rainha de Sabá, mas só lhe tenho inveja á gloria de ser author d'um livro de proverbios! . . . Acabada esta digressão de proverbios, que ainda se explica por outro proverbio, *o que o berço dá a tumba o leva*, volto ao capello.

Ora sabido é que 'nesse dia o novo doutor dá um jantar a todos os seus amigos, cujo numero augmenta então consideravelmente, e á noite dá um baile.

É esta a parte mais interessante de todo o festejo do capello! Um baile! . . . É prazer que chega a todos, e que faz sair Coimbra em pezo dos eixos da sua normalidade! É como as festas da aclamação em Lisboa! . . . Nos oito dias antecedentes vendem as lojas mais do que em todo o resto do anno! . . . Bemdita seja pois a festa do capello, que dá tão grande impulso ao commercio; bemdita seja a festa do capello, que dá pasto ao sentimentalismo, fazendo com que as bellas (e não bellas) filhas

do mondego, sonhem oito dias antes com as impressões do baile e oito dias depois ainda pensem n'ellas.

Ainda por mais de oito dias gemem as impressões com os espirituosos folhetins dos conspícuos litteratos, que levam até á anatomia microscópica a analyse rigorosa de todos os episodios os mais insignificantes do baile; bemdita seja portanto a festa do capello que assim anima a litteratura patria, e finalmente bemdita seja esta festividade, que, dando-nos assumpto para o primeiro capitulo, fez com que a nossa tão verdadeira como interessante historia não ficasse no tinteiro por falta de principio, falta na realidade insanavel e de que não sabiamos como nos haviamos de saír, porquanto ha grande falta de principios pelo mundo!..

Mas como escapámos de tal perigo passaremos ao capitulo II, onde o leitor vae fazer conhecimento particular com um estudante de quem ha de por força chegar a ser amigo se quer que nós o sejamos seu; espere portanto pelo outro numero e achará o tal capitulo seguinte que é inquestionavelmente o segundo.

(Continúa.) Um estudante.

Prejuizos populares.

Entre os muitos, que abundam por este pobre Portugal, consignamos os dois seguintes, cujas historias são curiosas.

Ha dias entrou na enfermaria da eschola um rapaz, que fugira da casa paterna para demandar os soccorros da medicina. Os parentes apenas tal souberam, tractaram immediatamente de o vir buscar, porque suppunham que o facto de entrada de um individuo da sua familia no hospital, era não só uma cousa infamante para toda ella, mas até uma acção reprovada por Deus.

E era levado a tal ponto o seu fanatismo religioso, que a mãe do rapaz julgava-se por este facto manchada a ponto de não poder ouvir missa nas sete egrejas mais proximas da sua freguezia. E para que esta velha não tivesse de ir buscar a missa á oitava igreja, salu o pobre do filho no estado em que entrára!..

Outro não menos curioso é o de um artista, que, tendo o labio lepurino simples congenito, rejeitou sujeitar-se á operação, que de graça lhe faziam, só porque sua mãe, tendo na sua infancia rejeitado igual offerta, dizia, e elle acreditava, que Deus, que o tinha creado

assim, se escandalisaria do seu consentimento em os homens tentarem aperfeçoar o que elle fizera imperfecto.

E com o receio do peccado, ficou defeituoso.

Quando deixará o povo de ter estas superstições?....

Pedimos venia ao *Instituto* para transcreever aqui algumas linhas que o ex.^{mo} sr. C. B. consagra ao elogio das publicações latinas do Sr. Francisco de Paula Sancta Clara. Diz o illustre censor: «Por estes escriptos manifesta o engenhoso e estimavel moço, não só o cabedal de latinidade que já possui, senão que lhe são favoraveis as musas latinas. Já desd'õ tempo em que elle nos ouvira, com gosto vimos madrugar nelle a generosa inclinação para o bello, a viveza d'imaginação, e um coração sensível aos incantos da poesia. E, se antes quizeramos ver agora aquelles opusculos na lingua, com que fomos creados, tão rica! tão suave! tão louçã! todavia, como é, ainda hoje, estimada prenda o bem latinizar, grande louvor cabe ao sr. Sancta Clara, pela publicação dos mesmos escriptos.» Este elogio feito por pessoa tão competente é o maior brazão de gloria para o talentoso mancebo, e os nossos encomios nada lhe podem accrescentar. Nós só fazemos votos para ter muitas occasiões de registar no nosso jornal factos, que honrem, como este, a corporação a que pertencemos.

CHARADA.

Apezar de ser segunda	}	1
Venho antes da segunda		
Sendo de tudo a primeira	}	1
Sou tambem sempre a segunda		
Do todo sendo a segunda	}	1
Das sete sou a primeira		
Tu és sempre para o sabio,		
Como o affirma a primeira,		
O que dizem junctamente		
A segunda co'a terceira.		

C. B.

ERRATAS 'NESTE NUMERO.

Na pag. 10, col. 1.^a, lin. 2.^a, onde se lê — pereunal — lê-se perennal.

Na mesma pag., col. 1.^a, lin. 11, onde se lê — não tem uma ao menos — lê-se — não tem uma vez ao menos.

ESTRÊA LITTERARIA



N.º 4

JORNAL RECREATIVO



Vol. I

1858 - ABRIL - 15

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Annuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
Com estampilha 270 "

Importancia do estudo da Chimica para a Physiologia.

(Continuado do n.º 3.)

A razão da utilidade dos subsidios, de que a chimica fornece a physiologia, quando formulados pelos principios e condições de conveniencia expostos no precedente artigo, de sua natureza manifesta, não carece de commentarios. Comtudo não basta para reconhecer ao certo a dependencia intrinseca, que subordina completamente uma á outra; por cujo motivo se torna indispensavel entrar miudamente com este intuito na analyse departida dos serviços relevantes, com que se enriqueceu a physiologia, e campea ufana do grande cabedal de factos, e doutrinas despidas das vãs especulações de gabinete, mas repassadas d'aquelle character de verdade, que lhe imprime a observação e experienciencia, alheias a systemas e a preocupações.

Cumpre, pois, descer á individuação succinta dos dons recebidos sem entrar em minucias, que se não precisa de tanto; e, antes d'encetar o exame das funcções organicas, de necessidade releva indicar, ao menos ligeiramente, o respectivo aos principios immediatos, expondo quanto importa para 'num lance d'olhos, colher noções geraes do assumpto.

As conveniencias do estudo dos principios immediatos medem-se pela estimacção dos officios, que desempenham na economia. Ora, assim como os conhecimentos anatomicos habilitam para a comprehensão das funcções dos órgãos, assim tambem as noções adquiridas ácerca dos principios immediatos instruem para com proveito se prescrutarem os phenomenos mais intimos da vida, passados nos seios d'ella.

E se as lesões dos órgãos suppõem alteração no exercicio de seus actos, a noticia cabal das mudanças experimentadas em sua constituição anatomica, e das modificações de seus principios constituintes organicos, leva a adivinhar a natureza da affecção, e os meios de a corrigir, com o subido gráu de probabilidade, que de perto rasteje a verdade, até onde chegar a intelligencia humana, se não tocar na certeza.

O estado, portanto, apparente, ou dissimulado, constituição chimica e organica, e transformações naturaes, ou accidentaes, dos órgãos, tecidos, elementos anatomicos, e principios immediatos integrantes d'elles, são materia de grave momento, que muito importa á physiologia estudar.

Quando a chimica nos não esclarecera ácerca do estado e modificações da albumina, como se poderia attribuir-lhe os altos destinos para que a creou a vida? ou suspeitar, sequer, da existencia d'ella no sangue, por sua solubibilidade mantendo dissolvidos saes, e outros principios immediatos? tão disfarçada se vê pela fibrina incomparavelmente menos abundante!

Muito fóra para desejar, que seu progressivo aperfeioamento lhe concedesse foros de sciencia exacta, e podesse então ministrar ás subsidiadas amplas noções da mais alta transcendencia.

Até mais vêr, porém, é forçoso contentar com o que dá, e se não satisfaz ás necessidades, assaz de genuino presta ella, e quanto tem para dar, na esperança do que falta, e com promessa do que em perspectiva se antolha. Por em quanto a destrinçar difficuldades, resolvendo duvidas, das que entram nas attribuições do seu ministerio, não faz pouco: v. g. ácerca da existencia e estado real dos

principios immediatos no organismo, respectivamente ao modo como são obtidos exulados, diz-nos hoje melhor aconselhada, quaes e conforme subsistam na economia; por ex. albumina, fibrina, assucar, gordura, etc.

Vae mais longe; — demonstra os encargos organicos de cada um, e suas feições peculiares nas diversas phases do proprio desenvolvimento; — descobre, que de principios immediatos amorphos se formam os elementos anatomicos e tecidos organicos, e d'estes os orgãos, que diversificam em propriedades segundo a natureza dos principios integrantes, circumstancia que caracteriza os seres vivos; — indica o lugar de seu nascimento; como por ex., o acido pneumico no pulmão com destino á hematose, etc. etc.; — ensina, como se engendram nas secreções, nutrição e digestão, etc. mediante acções chemicas directas, ou indirectas — *catalyses isomericas de combinação* — na assimilação; e — *catalyses isomericas por desdobraimento* — na desassimilação, quer dos principios do sangue, quer dos orgãos; — revela, finalmente, que pela assimilação os tecidos os incorporam, dissolvendo-os, ou por directa união, transformados ou no estado preexistente, destruindo-lhes, porventura, aos definidos as tendencias a crystallisarem; e que pela desassimilação os convertem de indefinidos — amorphos em definidos — crystallinos, e como taes improprios á nutrição, se préviamente não forem de novo preparados na hematose, etc.

(Continúa)

F. O.

Connexão entre todas as artes e doutrinas (a).

Sciencia é uma série de principios, constituidos, por sua ordem genealogico-ideal, de modo, que os subsequentes estejam, em sua intensão e extensão, subordinados aos antecedentes. Doutrina é a sciencia deduzida methodicamente, para a facil comprehensão de seus principios. Arte é um complexo de regras, destinadas á consecução d'um fim, que se encontra, como um typo ideal, na esphera do exercicio physico ou moral da humanidade. A arte, portanto, é posterior á sciencia, porque ella é um modo da sua realisação práctica.

Se a arte e a doutrina não são mais, que

(a) Entre todas as artes e doutrinas ha duas especies de relações; a de principio, porque todas ellas partem de um mesmo tronco; e a de finalidade subjectiva, porque todas ellas conduzem ao mesmo fim — perfeição humana.

diversos aspectos, sob que se póde considerar a sciencia, é claro, que estão intimamente ligadas com ella, e *vice versa*; demais, como todos os conhecimentos humanos fluem d'uma unica fonte, que é a actividade humana, devem ter, necessariamente, o mesmo character primordial, e por isso estreita relação.

Distincto de todos os seres viventes, pela sua personalidade, o homem, é um ser dotado de razão e liberdade, e por isso o unico inclassificavel d'envolta com os outros seres; razão esta, em consequencia da qual alguns genios eminentes o têm collocado 'num reino particular e exclusivo — o hominal. Na personalidade, o ser humano, existe e se resume em sua unidade e totalidade: o *eu* é a sua expressão, e na unidade do *eu* se distinguem as tres faculdades — intelligencia, sentimento, e vontade, as quaes provem d'uma unica primitiva e superior, que é a actividade humana. Estas faculdades, que se referem ao *eu*, e se estendem, em seguida, a todas as ordens de existencia, não se derivam, como querem alguns psychologos modernos, umas das outras; mas, pelo contrario, cada uma exprime uma relação particular, na qual o *eu* se acha com tudo o que existe. Entretanto que, na luz da consciencia e do pensamento, o *eu* comprehende todas as cousas distinctas entre si e d'elle, une-se a ellas, e as penetra pelo calor do sentimento, e se torna uma causa determinante e impulsiva para a vontade.

Estas tres faculdades, originariamente unidas no *eu*, e actuando simultaneamente, ainda que com differente intensidade, combinam-se para uma acção harmonica, a fim de que a vida espirital do homem, unica em sua fonte, appresente tambem unidade e harmonia na actividade interna e externa de todas as suas faculdades.

Do que levamos dito, se infere, que o homem, como ser dotado de razão e liberdade, se dirige sempre d'um modo unico e exclusivo, e, como elle tende a um fim determinado, é evidente, que os meios consecutivos são identicos, com relação ao mesmo fim. Mas quaes são estes meios? São, em geral, os conhecimentos, que elle possui, e cuja existencia prende, d'um lado, nos principios elementares da sua natureza, e d'outro, no fim a conseguir; por consequencia esses conhecimentos, ou as sciencias, doutrinas e artes, em virtude do papel que representam, têm entre si uma intima connexão. J. Machado Cabral e Castro.

(Continúa)

Recordações de Coimbra.

Continuação do numero 3.

III.

Oh! como é bom ser feliz.

A. HERCULANO.

Alvorçado o espirito com o desejo d'essa chimerica ventura, que não pôde encontrar no presente, real e positivo, a imaginação se perde assim nas seductoras veigas do passado.

Outras vezes é ao futuro que o mancebo vae demandar phantasmagorias, que lhe enlevem a mente! Então é sonhar palacios encantados, é conversar com fadas, em grutas de cristal, em que, por tapete, se pizam jasmims e violetas.

E o baixel das aspirações se deslisa guiado pela bussola de uma imaginação ardente, em procura do anhelado porto da satisfação, porto que, por um singular effeito de miragem inexplicavel, se vê sempre longe... muito longe; para o qual se caminha sempre, sem que seja possível alcançal-a jámais.

Eis o que é a vida de mancebo! Ora reproduzindo as impressões da infancia, ora creando phantasticas visões do porvir!...

No meio, porém, de tão deleitosos extremos em que a mente desprendida das impressões physicas, se balouça entre estes dois reinos de fadas e de archanjos — lá se desdobra inflexivel o presente!

Doce e alegre para uns, é triste e acerbo para outros. Aquelles o gozo positivo da actualidade... a estes o irem mais vezes decaixar á sombra de recordações antigas, ou debaixo da folhagem vecejante, com que a arvore da esperanza lhe sorri, qual oasis de ameno frescor, no extremo do deserto!...

Tal é a vida do mancebo!...

Vivendo sempre mais fóra do presente do que na vida actual e positiva, recordando e anhelando, assim se escôa rapida essa doce quadra da existencial!...

(Continúa.)

A. M. da C. Bellem.

A ultima despedida.

Y eran los hijos sin padres
Sin casados las casadas,

ROMANCERO.

— Adeus, minha vida, adeus meu thesouro!

— Já partes? — É força. — Permite, meu bem,

Que a espada te aperte, flagello do mouro.

— Pois queres?... — Se quero! Consente. Que tem?

— No arnez, e nas chapas de ferro burnido

Magóas o seio. — Não sinto. Convem

Que a espada te cinjo, senhor meu marido,

Melhor que o teu pagem, melhor que ninguem.

— Convenho. — Não partes? — Não posso em teus braços:

A patria me chama, essa voz me detem.

— Pois fica. — Vil fico. Desata esses laços

Se a honra me presas, e a tua tambem.

É tanto? — A almenára já deu, ao sol posto

Signal de Agarenos nas serras d'além.

— Vai, parte, e desculpa! Que fogo em teu rosto!

Não podem render-te nem vinte, nem cem!

Partiu. Noite e dia no seu miradouro

A esposa procura se vê vir alguém.

Quebrara-se a espada, flagello do mouro,

Nas mãos de um cadaver. O esposo não vem!

1858.

M. L. (J.)

NO ALBUM DO ILLUSTRISSIMO SENHOR

Antonio Martins Leorne.

Illustrissimo Senhor

Antonio Martins Leorne,

Quer então «que do seu Album

Uma pagina lhe adorne!...»

Ora gabo-lhe o descóco!

E se eu me fizesse mouco?!...

Forte praga é esta d'Albums!

Safa, que estou já cançado!...

É muito embirrar co'a gente!...

Sempre ha muito desalmado!...

O melhor é responder:

«Não senhor, não pôde ser.»

Sáio da cama ha dous mezes,

Escapo á febre amarella,

Não me tenho inda nas pernas,

Estou mesmo na espinela,

E aqui me vem outra vez

Apoquentar um fréguez.

E se eu recaír?!.. Não quero

Expôr a minha familia

A perder-me para sempre

Por causa de tal quezilia:

Fugite, Album funesto,

Eu te odeio, eu te detesto!...

Ahi ficam quatro estrophes

Que não valem dous reaes:

Por mais que roesse as unhas,

Não se pôde arranjar mais.

Sempre sou muito cortex;

Torne p'ra cá outra vez!...

Alexandre Magno de Castilho.

Das companhias.

Dize-me com quem vives, eu te direi os costames que tens.

São os proverbios axiomas das nações, de remotas eras firmados pelo assenso dos doutos como verdades infalliveis e incontrastaveis. O homem avalia-se pelas companhias, que frequenta... Razão, por que nada mais util, e proveitoso, ha para um mancebo, do que o uso das boas companhias, que sirvam de modelo de comportamento, de bons costumes, e de probidade.

A primeira faculdade do homem, que elle possui em summo gráu, é a da imitação. Sem proposito, nem tenção, impensadamente, é cópia viva das qualidades boas ou más, de quem toma para companheiros e amigos no tracto da vida.

A melhor indole está logo corrompida, e perde-se na convivencia dos devassos, não obstante aos instinctos naturaes repugnar a prevaricação, e desregramento dos costumes depravados. Ainda quando as maximas salutaes e sanctas, desde a infancia bebidas, apesar da educação attenta e cuidadosa de sabios e virtuosos mentôres, seja embora sã a doctrina, honrada a lição, esmerado o conselho, e docil, esperto, ávido o espirito do mancebo, boas as inclinações, angelico o genio, e character, deem-lhe os máus exemplos, despreze-se a escolha das companhias, e perdidos são os votos e trabalhos dos melhores pedagogos; perdido vae o fructo de tantos cuidados, sãe apedrado, combalido, e prestes é pôdre.

Aqui bate o ponto, aqui se topa com a raiz do mal, e se para todos os que affligem a humanidade houvera tão bom, como effizaz remedio, eterna seria a especie humana.

Não é, porém, á mocidade, que se deve deixar a escolha, mas aos directores aconselhar e guiar os subordinados.

As paixões vivas, ardentes; os vehementes desejos, que são attributo dos mancebos; a inconsideração, e a vaidade; a ignorancia, e a emulação: a pertinacia, e a precipitação; os impellem para quem de perdido unicamente cuida em lisongear as más acções dos inexperientes noveis; e lh'os entregam cegos, ingenuos e submissos, ás sugestões traiçoeiras de suas almas depravadas, e damnada malvadez.

Quantos sendo as esperanças e honra d'uma familia honesta, os encantos d'um pae extremo, alma e vida de carinhosa mãe, não vão, arrastados no turbilhão de desenfreadas paixões, mergulhar e atolar-se no lodaçal do vicio, onde perdem até os mais tenues sentimentos de seus deveres, e nem sequer á sua mente tresvariada lhes vislumbram fugitivos raios da luz da moral, e da religião!... E eil-os ficam para sempre perdidos, desgraçados; e nos fins da vida, a encarar com a morte, padecendo de contínuo acerbos remorsos, entregam 'numa ultima maldição seu cadaver aos vermes; porque a alma de ha muito está soffrendo os tormentos dos condemnados!

Extr.

F. O.

O tempo e seu emprego.

É uso muito recebido para o desenvolvimento de qualquer assumpto, principiar por alguma definição. O assumpto é, o que fica acima designado; já se vê, que se torna necessaria uma definição do tempo.

E como definirei eu o tempo? Se o tempo fóra uma cousa palpavel, e visivel, abrangendo partes, que podessem apprehender-se com as mãos, vêr-se, ouvir-se, e cheirar-se, teriamos um corpo, que poderíamos dizer curto, ou comprido, verde, ou amarello, harmonioso, ou inharmonico, odorifero, ou inodóro! Então como deverá definir-se o tempo, uma idéa abstracta, obra provavelmente dos sentidos internos, sem physica realidade, e quasi equivalente ao nada? Já de lado estou ouvindo, em tom magistral, e profundo, que, se esta proposição fóra verdadeira, então muitas outras cousas, que nem vemos, nem palpamos, equivaleriam ao nada. De vagar, meus senhores; longe de mim o scepticismo; tenho minhas crenças; não quero perdê-las, nem fazer estremecer as dos outros; não! não farei estremecer; pois quem sou eu, *nihil in rerum natura*, para obter um tal resultado?

O mais prudente é prescindir de semelhante definição; esta deliberação é util para encubrir-se tal, ou qual ignorancia sobre este objecto. Eternidade, tempo, annos, mezes, dias, horas, minutos, e segundos, (paremos aqui), constituem uma familia, muito unida, e participando, — que sei eu? da mesma natureza: demos isto, como uma série de realidades, que effectivamente são: nos calculos mathematicos abundam os membros de tal familia, cuja existencia, se não fósse verdadeira, de certo nelles se não mencionaria.

É portanto o tempo, independentemente de definição, uma realidade; isto será bastante; e assim fico desembaraçado do labyrintho, em que me precipitaria, se tentasse definir o que não sei, nem quero saber.

No presupposto d'uma realidade, todo o mundo diz, que o tempo está bom, que o tempo está máu, que está chuvoso, que está sêcco, frio, ou quente, e assim por diante; e como eu tambem pertenco ao mundo, farei côr com elle.

É por conseguinte o tempo uma realidade, meus senhores. Agora digámos alguma cousa do seu emprego. Sobre esta segunda parte ha tantas variantes, que é difficil pôl-as em ordem, por isso que cada um emprega o seu

tempo nisto, ou naquillo, conforme lhe apraz; uns estão sempre em movimento contínuo, em quanto dormem outros; uns tractam de enganar os outros, sendo elles muitas vezes os enganados; no jôgo perdem-se muitas horas, que seria necessario aproveitar; nas casas de Baccho, ou de Venus arrastam-se muitas existencias, que fóra justo conservar incolumes; a politica absorve muitas intelligencias; e em quanto d'esta se cuida, no meio de quantas paixões ella accarreta, desprezam-se outros cuidados, mais necessarios ao bem-estar de cada um; para muita gente são sagrados outros deveres, de cujo exercicio depende a commum felicidade: quando esta verdade entra bem no fundo d'alma, cada individuo practica, o que é justo e honesto, e apparece a prosperidade geral. Eis-aqui presentes muitas maneiras de empregar o tempo; e ha outras mais, que não se mencionam aqui, e que podem facilmente imaginar-se. O tempo, que bem se emprega, é origem de felicidade; do cumprimento de deveres resulta sempre um prazer, que mal pôde traduzir-se; a consciencia repousa, sem que venha perturbar-a o pezar de não se haver feito o que devia fazer-se. São isto idéas bem tangiveis; e quizera, que o fôssem para todos, porque assim seria o mundo melhor. Mas as cousas se passam d'esta fórmula? Emquanto se vir, que o vicio, e o crime campêam, que o roubo se perpetra, que a injustiça fere muitas vezes a probidade, e a innocencia, que a ambição desordenada atropella os objectos mais sanctos para conseguir um triumpho, que serve de deshonra, e que as paixões violentas, tumultuosas, e infrenes tractam de arrojarem no abysmo um homem, uma patria, uma nação, fazendo desaparecer do horizonte as auras d'uma regrada liberdade... oh! em quanto se vir tudo isto, e ainda muito mais, affirme-se sem trepidar, que o mundo assim não convem, e que o tempo tem só um emprego fúnesto.

Mas, vou apercebendo-me, que este razoado cheira a sermão de missão, para o que não tenho geito; epilogando o meu transumpto, resta-me confessar, que quiz definir o tempo, e que não soube defini-lo; resta-me tambem declarar, que mencionei varios modos de empregar o tempo; e assim preenchi, o que me propuz no pensamento.

Se na presença d'esta geringonça surgir algum Aristarcho, que soltando a voz do trovão exclame: «longe d'aqui, homem inepto; se não sabes, o que dizes, para que te collocas

no officio de scribléro?» Ó tu, quem quer que fores, que surges d'alguma catacumba, tem indulgencia comigo; eu já morri; e então por caridade, ou generoso esforço, *parce sepultis.* (Z.)

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do n.º 3.

II.

Arranjos de baile.

Deixemos o joven doutor atravessar os geraes e a via latina, embandeirados do classico loureiro, e tomar assento na sala dos capellos, que, em quanto se recitam as orações latinas, lardeadas de melodias harmoniosas de charmella, vamos nós acompanhar o leitor ao Arco de Almedina, aonde se vae passar uma scena capaz de commover um coração de bronze!...

Não imaginem, porém, que ós vou levar a serem testemunhas dos prantos de D. Ignez aos pés de Afonso IV, ou a presenciarem o caso infando do Sob-ripas! a minha scena é talvez mais triste do que as sevicias dos Coelho e dos Pachecos, ou do que o delicto cruel de D. João no assassinio de sua espoza; é talvez mais triste, mas por um notavel effeito das idéas dominantes do seculo, em que não ha romançe, que não tenha a figurarem todas as classes da sociedade desde um Principe Rodolpho ou Monte-Christo até um Rolante ou Edmundo Dantés, a minha scena vae passar-se entre um estudante e um sapateiro!...

O sr. Ricardo Pereira de Aboim, matriculado no quarto anno da faculdade de direito, fôra dos ditosos contemplados na vespera com um cartão de convite para o baile; ou, para fallar com mais lisura, o nosso amigo tinha mettido agulhas por alfinetes, para alcançar o desejado convite. O infeliz porém não tinha trazido fato á futrica para Coimbra, e por conseguinte achava-se numa perfeita tortura, vendo aberto o paraizo, mas faltando-lhe as azas, com que podésse voar para elle.

Quem me ouvir dizer, que a falta de fato á futrica importava a falta de azas para poder voar, supportará, pelo menos, que o tal fato á futrica é alguma especie de vestido dos anjinhos de precissão, á tragica, com suas azas de pennas de pato, ou de gase branco, fingindo azas de mosca!... pois engana-se completamente. Na luza Athenas denomina-se fato á futrica tudo o que serve para vestir, e que

não seja a abbatina, desde a garotal jaleca á hespanhola de guizos e cordões, até á casaca aristocratica ou á democrata quinzena!...

Era uma d'estas *toilettes* de baile, que faltava ao nosso amigo!... mas resolvido qual novo Icaro, a arranjar as azas inda que pregadas com cera, tractou logo de pedir emprestada a um seu collega a casaca, que embóra lhe fugisse um pouco do corpo, o habilitava comtudo a entrar naquella terra de promissão chamada sala de baile.

O solícito filho de Themis arranjava, pelo mesmo meio, as calças, o colete, a camisa de bretanha e a gravata; mas oh! dór!... faltavam-lhe os sapatos!... e além da vergonha de os pedir emprestados, havendo-os sempre feitos á venda, nenhum dos rapazes da sua convivencia tinha sapatos, que lhe servissem e que podessem entrar impunemente numa sala do baile. O seu primeiro cuidado, portanto, apenas se levantou, foi sair em busca d'um meio para arranjar a unica peça de adorno, que lhe faltava.

Mas... dir-me-ha agora o leitor «que grande difficuldade póde haver em arranjar uns sapatos para ir ao baile quando muitos sapateiros da cidade os têm sempre feitos?...»

Ora ahí é que o leitor mostra a sua profundissima ignorancia de vida academica!... É preciso que elle saiba, que ha 'nesta terra uma coisa, chamada mezada, que só no primeiro do mez se recebe, e que, em se gastando, está acabada sem remissão!... Ora o nosso heroe já não tinha uma de *xis* de tal mezada de julho e tinha alcançado um adiantamento de parte de d'Agosto, a troco do modesto rebate de pinto por moeda; e assim estava, o que se diz, á divina!...

Acudirá agora o honrado pae de familias, «mas como tentava elle, sem dinheiro, arranjar sapatos? quem o não tem não vae a festas.»

Devagar! meu caro senhor! para vossa senhoria ou excellencia, que recebe as suas rendas, o seu soldo, o seu ordenado ou qualquer outra fonte de receita, e que tem o juizo prudencial necessario, para moderar as despesas, por isso mesmo que não tem appetites, que vão além d'esses rendimentos, não ha já-mais difficuldades em satisfazer esses caprichos, que tão pequeninos são: mas para o pobre estudante, limitado apenas aos tristes doze mil réis ou tres moedas no primeiro do mez, com trinta mil appetites, que a idade lhe dá, com o descuido, a *insouciance* do dia de amanhã, não acontece o mesmo: consome insensivel-

mente a mesada em insignificancias, ficando-lhe apenas o absolutamente indispensavel para os provimentos de bocca, e depois, quando se lhe appresenta um d'estes divertimentos honestos e legitimos, mas para o gozo dos quaes é mistér fazer uma despesa de 2:880, vê-se embaraçado como se viu o nosso Ricardo!...

Eil-o pois, que desce os dois lanços da sua estreita escada, e parte, da Rua dos Grillos, onde é situada a sua casa, até á Rua larga, indo á ventura em demanda do almejado par de sapatos.

Ao embocar na rua de S. João, deparou com Julio, seu condiscipulo e amigo, que, ao vel-o, exclamou — Oh! meu mandrião!... pois hoje, sendo feriado, madrugaste tanto!...

— Deixa-me, homem, que estou damnado.

— Aposto que se fôsse dia de aula havias de te levantar tão tarde, que te arriscasses a dar uma falta.

Isto lhe dizia Julio, agarrando-lhe pela ponta da capa, que elle tentava livrar das mãos do seu amigo.

— Não me apoquentes, larga-me que tenho que fazer!...

— Arranjos para o baile ein?

— Sim! — disse Ricardo exhalando um suspiro!

— Mandaste fazer casaca?

— Não — e exhalou outro suspiro.

— Que diabo!.. tu estás mysterioso!.. Dize-me o que tens.

— Se me perguntasses o que não tenho, dir-te-hia que era dinheiro; mas como queres saber o que tenho, responder-te-hei que é falta d'elle!..

— E é isso o que te faz estar assim tão macambuzio? — disse Julio, que, começando a interessar-se pela tristeza do seu amigo, lhe largara a capa e se collocara perfeitamente de frente d'elle.

— Se te parece, — respondeu Ricardo, — são estas horas e eu sem umas botas para ir ao baile!...

— Mas então não tens sapateiro freguez que te abone?

— Não — disse Ricardo com terceiro suspiro. Era este um dos dias mais apoquentados de sua vida! por falta de dinheiro não tinha uns sapatos e por falta de uns sapatos não ia ao baile!...

— Diabo!.. o meu sapateiro é o Albino, que é um honrado homem, mas bem sabes, que não tem calçado feito; senão a coisa arranjava-se... Mas... o teu correspondente?...

— Já me adeantou parte de mezada de Agosto e não me dá mais nem cinco réis!..

— Mas tenta sempre!..

— É baldado! hontem mandei-lhe pedir meia libra e negou-m'a absolutamente.

— E o Paulo?... porque não vaes tu ter com o Paulo?

Este Paulo é um pobre homem, que empresta dinheiro sem fiador a muita gente e que por conseguinte, apesar da exorbitancia do juro, é um optimo recurso 'nestes apertos, em que elle, para valer, precisa d'este ganho exagerado, que lhe contrabalance alguns desfalques, occasionados por uma coisa chamada *cães* em phrase academica.

— O Paulo já me não empresta nada. Ha dois mezes que lhe não pago juros de tres moedas, que lhe devo e por isso não tenho cara para lhe apparecer.

— Máo é isso! — retroquiu Julio com certo constangimento. — Eu se tivesses, acredita que te servia.

— Obrigado! — respondeu Ricardo, a quem tinha de repente saltado uma idèa luminosa; aquella desculpa de Julio talvez fôsse apenas um meio de se fazer pedir, era preciso tentar!.. mas como?

Ricardo olhou para o chão, metteu os dedos pelo cabello, assobiou por entre dentes um bocadinho da Traviata, em quanto que o seu interlocutor tirava do bolso da batina um cigarro e o embrulhava pausadamente!..

— Ora dize-me — rosnou por fim, com voz tremula, Ricardo, — querer-me-hias tu fazer um favor?

Ricardo parecia um réu que esperava a sentença de morte da bocca do juiz.

— Se poder — respondeu friamente Julio.

— Olha — lhe tornou aquelle — eu não sei a quem me hei de dirigir para arranjar o dinheiro que preciso... se tu m'o pedisses a algum dos teus companheiros...

— Hoje?... a 18...? Estão todos nas quantidades negativas!..

Houve um pequeno silencio! Era mais uma esperança que se murchava.

— E tu?...

— Eu já te disse, que estou sem cheta... quando não...

Valha-me Deus... mas... outra coisa... não tens nada que me emprestes para metter no prego?...

— Ah! — exclamou Julio com profundo suspiro — não tenho nada absolutamente!

— E o teu relógio?

— Já lá está!...
 — E as pistolas?
 — Foram hontem.
 — E já não tens dinheiro?
 — Nem cinco réis, foi-se hontem mesmo todo na batota. Cheguei a ter de ganho trez libras, mas depois fui á gloria.

Era a ultima esperanza!...

Os sinos da Universidade recommçavam alegres os seus repiques, as seges de Coimbra, que só nestes dias se reúnem todas, começavam a saír do pateo, seguidas e precedidas por duzias de garotos, serventes, e criados, que, em sacos de damasco e bucelas de papelão, tambem de varias cores, levavam, para casa, capellos e borlas de seus amos.

A festa havia acabado!

Ricardo exclamou: — São onze horas e eu sem nada arranjado!... adeus!...

— Adeus — lhe disse Julio, — estimarei que arranjes o que queres.

E separaram-se. Ricardo tomou pela rua de S. João abaixo e Julio foi para o Jacob, almoçar a credito o modesto chá com torradas.

E nós que não vimos o capello!... Esperavamos que as orações latinas demorassem mais! paciencia... ficará isso para outra vez.

«Mas o encapellado, como dizes, já pronunciou o solemne juramento, já recebeu as insignias de doutor, e concluiu a cerimonia dos abraços, e tu privas-nos do gosto de ver a festa, promettendo levar-nos ao Arco de Almeida, e depois intertens-nos a ouvir o dialogo das miserias escolasticas!! São estas horas e a tragica scena de casa do sapateiro ainda não appareceu!!» (Reprehensão muita justa dos amaveis leitores).

Vamos immediatamente para lá!! E já lá podiamos estar se não fôsse o inesperado encontro com Julio. Elle é que tem a culpa!... Nós pensavamos, que duas orações enormes em latim davam tempo para tudo, mas dois estudantes sem dinheiro ainda gastam mais tempo a conjecturarem os meios de o alcançarem!.. É questão vital!... têm desculpa.

(Continúa.) Um estudante

Agradecimento.

O Ex.^{mo} sr. Alexandre Magno de Castilho, um dos membros não menos illustres d'essa familia privilegiada, em que o talento é patrimonio, acabava de nos mimosear com a sua chistosa poesia, quando o distincto poeta o

Ex.^{mo} sr. José de Silva Mendes Leal, veio tambem socorrer a inopia da *Estrea* com uma poesia lindissima!... É nobre realmente a generosidade, com que estes ornamentos da litteratura patria se prestam a auxiliar uma empreza, em que a philantropia transluz a par do amor das letras, e em que se acha empenhada a vontade de mancebos, que, valendo pouco por si, têm implorado valimento, áquelles, que melhor os podem auxiliar.

Os nossos agradecimentos a estes dois illustres senhores, já pelos preciosos donativos com que nos mimosearam, já pelas delicadissimas e sobremodo lisongeiras cartas com que se dignaram honrar-nos, não encontram phrase bastante eloquente para os traduzir; e, consignando aqui o nosso reconhecimento aos eximios cultores das nossas glorias litterarias, cuja bondade nos anima a ousadia, atrevemo-nos a implorar-lhes, que uma e muitas vezes se lembrem da *Estrea*, com as suas dadas de inestimavel valor, que para ella serão as mais ricas perolas dos seus adornos.

As poesias, *Ultima despedida*, e *N'um album*, já hoje abrilhantam as paginas d'este jornal.

A. M. da Cunha Bellem.

CHARADA.

Juncto ao Minho tendo assento
 Sou estrada ou sou viella

De fá co' acompanhamento
 Quem não falla, falla n'ella

Se não queres cançar o miollo
 Tens o premio de premio não ter,
 «Nem ha premio que pague o consolo
 De dez horas na cama jazer.» C. B.

EXPLICAÇÃO DA ANTECEDENTE.

É quasi escusado dizer, que é — estudo.

ERRATAS DO NUMERO ANTECEDENTE.

Na pag. 2, col. 1.^a, lin. 29.^a, onde se lê — encobre — lea-se — encobriu.

Na pag. 3, col. 1.^a, lin. 44.^a, onde se lê — dos solidos, pelo escalpelo — lea-se — dos solidos pelo escalpelo,

ESTRÊA LITTERARIA



N.º 5

JORNAL RECREATIVO



Vol. I

1858 - MAIO - I

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Anuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
Com estampilha 270 .

Breves considerações ácerca do mechanismo da nutrição e secreções.

Continuado do numero 3.

Taes são, em resumo do quadro, as diversas questões, que têm agitado os histologistas, e physiologistas, em campos inteiramente oppositos.

O blasteme não se organisa, tomando directa e immediatamente a fórma, e natureza dos elementos anatomicos, que compõem o tecido, com que está em contacto. Mas será a cellula o elemento anatomico, que constantemente se fórma, o facto — principio de todas as transformações, que têm como resultado a formação de tecido identico ao já existente? Assim o julgamos, apesar da doutrina em contrario, professada por Mandl, e formulada do modo seguinte: « Ordinariamente a pretendida cellula não é mais do que um corpusculo solido. Se alguns tecidos se desenvolvem da metamorphose das cellulas, ou dos corpusculos, o maior numero depende incontestavelmente da condensação do blasteme em placas membraniformes, e da sua divisão longitudinal em fibras. » Esta doutrina é por Mandl applicada tanto ao desenvolvimento dos tecidos physiologicos, como pathologicos.

A formação livre da cellula no blasteme é facto averiguado em histologia; ainda que ultimamente Remack o negue, e Wirchow o julgue muito duvidoso. A formação endogene das cellulas, ou a multiplicação por scissão não são os unicos meios da sua origem. Se o plasma sanguineo é um blasteme, se a cellula é o primeiro gráu d'organisação, nada custa a conceber, que a cellula seja o facto — principio da formação dos diversos tecidos, e que appa-

reça antes que se formem elementos anatomicos d'ordem superior. F. A. Alves.

(Continúa.)

Importancia do estudo da Chimica para a Physiologia.

(Continuado do n.º 4.)

Propriedades d'outra ordem manifesta igualmente a chimica, quaes são os attributos vi-taes — *dinamicos*; e então explica, como effectivamente cada principio immediato exulado, per si só, não tem representação vital; mas que o concurso de todos, combinados de modo vario, e reunidos em grupos de contextura enredada — *tecidos*, dão origem a substancias, que se *nutrem, desenvolvem, e reproduzem*, regenerando-se. E aqui contracteis, alli sensiveis; ora resistentes, fortes, compactas, duras, elasticas; ora friaveis, brandas, ócas, molles, inextensiveis, debaixo das mais adequadas fórmas, segundo lhes foi commettido pela natureza; abrem canaes, estendem membranas, fecham cavidades, debruam aberturas, foram paredes, revestem seios, enchem excavações, nivelam superficies, conformam feições, tecem e envolvem emaranhados parenchymas, prendem entre si partes distinctas, separam e limitam regiões diversas, e aggregadas em corpo unido, sustentam toda a machina, dando character typico ao individuo; e por fim distribuidas com admiravel concerto compõem orgãos, apparatus e systemas, e levantam essa complicada fabrica animal, com infinito artificio, e não menos subtil engenho, construida, na qual estão exemplificadas todas as leis da mechanica, e não falta nenhuma das leis da chimica, e da physica.

Eil-a, pois, em quadro resumido a descripção fiel das vitæes attribuições e modos inherentes aos principios immediatos, aos elementos anatomicos, e aos tecidos derivados, quando da sua combinação, congruente entre si, resulta a contextura organica: recondito, e tenebroso laboratorio, onde se preparam os materiaes da reparação e vivificação, com que se mantêm integro o regime dos orgãos, e onde se criam da maneira mais mysteriosa os elementos vitæes, aquella quinta essencia da vida, em que potencialmente se encerra uma geração inteira.

D'esta sorte se vêem os diversos e mui distinctos orgãos, cada um com seu uso privativo, convergindo ao mesmo fim commum, constituirem um amplo e anfractuoso aparelho, ao qual está encarregada função nobre e importante; v. g. o aparelho digestivo para a conversão dos alimentos em materia assimilavel — digestão, etc.; o aparelho respiratorio com todos seus accessorios para a sanguificação — *hematosa*, etc. etc.: funções compostas das elementares — *usos* — respectivas a cada orgão especial, ou a grupos d'elles, se tem acções synergicas e conformidade d'intentos.

Assim se vê um vasto tecido uniformemente canaliculado e disperso (que enredando-se de modo inextricavel, irradia d'um ponto central, e leva seus ramos á mais longinqua região do organismo) exercer unica e universal função, em que reside o grande poder vital — entidade indissolúvel do individuo; — e presente em toda a parte presidir aos mais insignificantes phenomenos da vida, a que subministra elementos de força e de substancia, indispensaveis para a efficacia dos actos vitæes; v. g. os systemas nervoso, e o sanguineo, etc.

Assim finalmente se vêem tecidos encorporados em massas homogeneas, comparativamente da mesma natureza intrinseca, mas distinctas; cada qual com seu exercicio funcional peculiar, porém em todas identico; satisfazendo separadamente ao seu empenho privativo, e combinando esforços reciprocos, como lhes é mister; concorrerem para a harmonia do todo complexo: v. g. o systema muscular, fibroso, osseo, etc.

Tudo estreitamente vinculado por aquelle nexo mystico, que prende as diversas partes d'esta confederação unida para o fim unico, a que conspiram associadas. E, abstraindo dos phenomenos puramente vitæes, em que mais figura o systema nervoso, não consistirão estas influencias mutuas em meros actos chimicos

sui generis concernentes aos phenomenos de nutrição, e incidentalmente em actos physicos, acções endo e exosmicas, etc. se não fórem radicalmente provenientes de repetidas, poderosas, e insitas correntes electricas, talvez causa efficiente da excitação vital? F. O.

(Continúa.)

Com a maior delicia acabamos de lêr a obra intitulada *L'insecte*, ha pouco saída da imprensa franceza, e por toda a parte acolhida com o mais vivo interesse e acceitação. Logo concebemos a idéa de fazer de nossos leitores participantes no goso exquisito da leitura ao mesmo tempo tão amena e delectosa, quanto instructiva, vertendo em linguagem das breves paginas, assim recheadas de bons conceitos, como de sã doutrina, e encantadora eloquencia, os primores da sciencia offerecidos de modo, e em estylo o mais sympathico e attractivo.

Muito da graça original ha de perder a versão, que o enfeite da fórma desaparece no traslado das bellezas primitivas. Todavia o esforço, e diligencia, não poupados, se não copiam fielmente a elegancia da phrase, talvez conservem a elevação do pensamento, e a genuina expressão da idéa; e o fructo colhido, embora do aspecto se lhe não suspeite o sabor, não deixará de ser saudavel, delicado e grato ao paladar; e para mais apazivel, despedido de todo o amargor, de proposito se fugirá, ao que, por mais ingrato, fór méramente scientifico.

Imperceptíveis constructores do globo.

Por baixo, ao de cima, dentro, em derredor d'este mundo ha outro, de cuja existencia nem suspeitamos.

A momentos se ouve apenas brando murmuro, sussurrar ligeiro, a que d'insignificante se diz — *é quasi nada, não é nada*. Este *nada*, porém, é... o infinito.

Infinito — sim — da vida invisivel, silenciosa; mundo da noite, dos seios da terra e do oceano tenebroso; — invisiveis do ar, que aspiramos; invisiveis, que circulam desapercebidos d'envolta com nossos humores dentro de nós ..

Mundo immensamente poderoso, individual-

mente desprezível, mas, quando manifesto nas grandes revelações imprevistas, assombroso!

Recreia-se o navegante ao vêr de noite o oceano scintillando chispas, e a dançar coroado de fogo. Levado nas azas do vento o baixel percorre ligeiro dez, mais, muitas leguas; e a grinalda phosphorescente estende-se indefinidamente, move-se, estorce-se, enlaça-se embaraçada ao som do movimento das ondas. É uma como serpente monstruosa, que cresce, cresce, trinta leguas, a perder de vista, não acaba nunca... E tudo isto não passa d'uma dança phantastica d'animalculos imperceptíveis, em quantidade infinita de pasmar; e só se reconhece, então, est'outra natureza d'immenso poder, espantosamente rica, porém' estranha á natureza da vida superior regrada, e até certo ponto economica.

No seu organismo da maior simplicidade, representam já esboçados os mulluscos e insectos, e como que os preparam, profetizam-os. Estas miniaturas d'insectos, cujos simulam a organização, e contrafazem os movimentos, unicamente podem ser vistos mediante um forte microscopio.

Mas que vêm a ser estas creaturas entre os infimos minimos? Nem mais nem menos que os *constructores* do globo. De seus corpos e reliquias se formou o solo, que pizamos; suas conchas, apparentes ainda, ou já decompostas em grêda, constituem, na verdade, a base de grande parte da terra. O banco de gesso de Paris a Tours, estendido 'numa area de 50 leguas, a grêda pura, gesso d'Espanha, que geralmente se encontra por toda a parte, é o pó de sua casca. Os mais pequenos foram quem maiores cousas operou!

Em grande porção dos Apenninos, na Italia central, erigiram elles á sua memoria monumento bem superior ás pyramides do Egypto, e todavia mesquinho em comparação das enormes montanhas do Chili, prodigiosas cordilheiras dos Andes, que vem a seus pés o mundo, e á imaginação absorta offerecem moimento magnífico, em que este ser impalpavel, e quasi invisivel, sepultou os restos mortaes da sua especie extincta: — mundo d'outrora escondido na profundeza da vida; e na obscuridade do tempo debaixo do actual, excelso.

Que nos não diria elle, se lhe Deus concedêra fallar, e lhe permittira recordar, o que fez, e vae fazendo por nós!

Aquelles esboços d'animalculos, que com seu pó construíram a crosta do globo, admi-

ravel theatro da vida, quão justas reclamações nos não poderiam dirigir!

Em quanto ainda dormieis, diriam os imperceptiveis constructores, sosinhos por milhares d'annos, preparámos com trabalho incessante a terra, onde havia de fructificar o trigo, e florir a rosa; a nós deveis a vossa nutrição, e nós proprios temos sido os preparadores incançaveis da vossa cultura, e os architectos das vossas habitações!

Não foram por certo os grandes fosseis, rinocerontes, elephantes, mastodontes, que formaram o solo com suas ossadas. O solo é nosso, ou antes somos nós mesmos.

Tuas cidades, teus Louvres, teus Capitolios, de nossas reliquias se edificaram. O mais sublimem ramilhete da vida, no espumoso licôr, com que se espalha jovial alegria á terra inteira, porventura, não porvirá das collinas aridas, onde da poeira branca, em que nos desfizemos, a videira cresce, de nossas existencias passadas recuperando o calor dissimulado? Ampla seria a reclamação, impossivel a restituição! Estas myriades de mortos, nutrindo do seu calcareo os nossos alimentos, têm-se convertido na substancia nossa. O seixo durissimo, a aspera pederneira, viveu, e mantém vidas.

Que grande não foi o espanto na Europa ao descobrir Eremberg — professor de Berlim, que a pedra silicosa, singularmente dura, aspera, e quebradiça, que a tripole com que se pulem os metaes, era formada dos restos d'animalculos, cumulos de cascas d'*infusorios* d'extrema pequenez, e tal que para preencher o peso d'um grão são precisos 180 milhões de seres.

F. O.

(Continúa)

A Violeta.

a meu irmão.

Vêde-a aqui . . . 'sta tão viçosa!..
Como punge dolorosa
O peito na soledade!..
SOROR DOLORES.

Violeta, mimosa florinha,
Que d'encantos reunes sem par!...
És modesta e por isso mais bella,
Tens perfumes, que vem encantar.

Tens mil graças na côr delicada,
Tens primor, que eu não sei descrever;
Nem mais ouzo; perdôa, florinha,
A quem louca por ti quer morrer.

D. Marcia C. C. Zagallo.

A poesia é sem duvida a linguagem harmoniosa dos anjos, balbuciada e mal proferrida por mil profanos, que se hão esforçado por traduzir em palavras vulgares a expressão divina; mas que só o genio ou o sentimento lograram traduzir nas palavras dos homens.

No primeiro caso temos o poeta inspirado, no segundo temos a mulher.

E, sendo a mulher o verdadeiro anjo na terra, é ella melhor do que ninguem quem sabe moldar á phrase vulgar as harmonias angelicaes.

Escutae os melodiosos accentos da donzella de dezoito annos, ouvi-lhe essa ingenua confissão de sympathia, que offerta á florinha da sua predilecção.

Vêde com que admiravel tino a soube escolher singella, pura e recatada, como a sua alma: pensae na expressão do seu proprio sentimento quando lhe diz:

«És modesta e por isso mais bella»

sendo este de todos os encantos da florinha o primeiro, que impressionou a sua alma tão innocente e tão recatada; na soledade das affecções tumultuosas, como a violeta escondida e ignorada no seio do vergel de luxuriante vegetação.

Juntae a todos estes encantos que a donzella sabe moldar em coplas de melodiosa cadencia as harmonias de seus versos, e casar o som de sua voz argentina aos accentos magicos do piano e então ficareis tão extasiados com as duas estrofes, que acabaes de ler, como eu confeço que fiquei, quando tive este prazer pela primeira vez.

A. M. da Cunha Bellem.

Glosa em fórma de dialogo.

MOTE.

*Pergunta certa senhora,
Sem presumir mal algum,
Se um beijo na sexta feira
Fará perder o jejum.*

Padre Mestre aposentado,
Pergunto, e saber desejo
Se perde o jejum um beijo
Sendo á sexta feira dado?
«Eu no Larraga encontrado
«Não tenho o caso até agora;

«Porisso alguma demora...»
Padre não se cance muito;
Eu cá por mim não pergunto;
Pergunta certa senhora.

«Olhe, se ella o beijo deu
«Simpliciter, não peccou;
«Que a lei a ninguem tirou
«Poder de dar o que é seu.
«Comtudo, se fôra eu,
«Beijo não déra nenhum:
«Porém como deu só um,
«Não tem o jejum quebrado;
«E muito mais sendo dado
«Sem presumir mal algum.»

Porém o Padre Melgaço,
Que eu por cá seguido vejo,
Nos diz que um solido beijo
Sustenta mais que um abraço.
«Eu tal distincção não faço,
«Nem distincção verdadeira
«Acho, inda que dar-lh'a queira;
«Nem eu sei qual mais seria,
«Se um abraço em qualquer dia,
«Se um beijo na sexta feira.»

Logo pôde um beijo dar
Muito bem na sexta feira,
Qualquer senhora, ou freira,
Sem 'nisto o jejum quebrar?
«Póde, sim; mas sem formar
«Nesse instante gosto algum;
«Nem ha de dar mais do que um;
«Pois se deu mais, ou fez gosto,
«Como o beijo é já composto,
«Fará perder o jejum. . . .»

o Nauta.

Tu vaes, nauta aventurar-te,
Quando te arrojas ao mar,
Que em breve pôde tragar-te
Em teu fortuito lidar;
Vaes arrostar c'os barrocos,
C'os alcantis de cachopos,
Com o voraz tubarão;
Vaes sujeito a ser sepulto
Em profundo bosque inculto
De fria população.

Os peixes devoradores,
Que habitam valles sem fim,
Onde ha plantas de mil côres

Formando vasto jardim,
São outros riscos, que affrontas,
Das voragens sempre promptas
P'ra quanto possa sorver....
Não fallo, nem dos mais p'rigos,
Que corres sem ter abrigos,
Que te possam socorrer.

Que importa!!..., se de belleza

Um prodigio vaes gozar...
Da sublime natureza
O mais seductor brilhar?!!
As falésias perforadas
Por vagas desenfreadas,
O aureo surgir do sol,
Que ao murmurio perenne
Do cachão é mais solemne,
Que ao trinar do rouxinol?!!

Esses prados inundados
Sempre, sempre, a fluctuar,
Sargaços accumulados
Do norte no alto mar,
Contemplas nauta amestrado
Com teu olho exercitado

Ao passares por alli....
Mas aos encantos da scena
Não bastará minha perna....
Inda não cessam aqui!!...

Que inspiradora belleza,

Que pomposo fulgor!!...
Tem alli a natureza
N'uma noute de luar!...
O astro da noute amena
Manda por brisa serena
Os seus raios espargir
Là nas ondas argentinas,
Que até das proprias boninas
Supplantam meigo sorrir!...

Nem tem menos magestade

Do trovão o rebombar,
Em noute de tempestade
Do tufão o sibilar....
Da virgem que faz viagem
Ver bella, gentil imagem
Entre electrico clarão,
Vel-a triste, compungida
Proferir com voz tremida
A sua terna oração....

Queres, ó nauta, levar-me
Contemprar tanto fulgor,
Nas agoas a balouçar-me,

Encher-me todo de amor?...
D'esta viagem a meta
Será de Mantua o Poeta
Nos Elisios procurar,
Levando sómente a mira
De pedir-lhe a sua lyra
P'r'o Oceano cantar. T. P.

É com prazer que publicamos a poesia o
—Nauta— porque é ella a *estrea* poetica
d'um nosso collega o sr. T. P.

Se a nossa voz tivesse força e authorisação
sufficientes para encorajar o joven poeta nós o
exhortariamos a proseguir na carreira que com
felicidade estreou, e a que o nosso jornal se
vangloria de dar publicidade, por ser uma es-
treá litteraria e mais ainda por ser d'um mem-
bro da nossa corporação.

Prudencia Juvenil.

A astucia, de que se serviu o joven Papi-
rio, para illudir as indiscretas solicitações de
sua mãe, que pretendia saber o segredo de
que seu filho era sabedor, tem sido por dif-
ferentes vezes o objecto de louvores.

Eis-aqui o caso.

Seu pae, na qualidade de senador de Roma,
levou-o ao senado na occasião em que se dis-
cutia um objecto de transcendencia. O joven
Papirio ao voltar para casa foi por sua mãe
interrogado ácerca do que se tinha deliberado
no senado.

O mancebo respondeu, que a este respeito
nada podia divulgar; resposta esta que, como
facilmente se póde imaginar, augmentou a cu-
riosidade de sua mãe. Tendo-se tornado mais
impertinente, foi então que o filho para evi-
tar esta impertinencia e satisfazer-lhe a cu-
riosidade, disse, que o senado tinha discutido,
se porventura era mais conveniente para a re-
pública, que um homem fôsse casado com
duas mulheres, ou se a mulher devia ter dois
maridos.

A mulher do senador, ao saber esta noticia,
imediatamente foi communicar-a ás outras,
e no dia seguinte uma multidão de matronas
se dirigiu á porta do senado, exclamando com
grande alarido, que era mais conveniente o per-
mittir, que as mulheres tivessem dois maridos;
e que se admiravam de ser discutida uma tal
questão sem o voto das mulheres.

Tendo o senado ficado estupefacto, ao ouvir o pedido das mulheres, o joven Papirio levantou-se, e informou-o ácerca do expediente, de que uzara para illudir a curiosidade de sua mãe. Os senadores applaudiram-lhe a prudencia; mam resolveram que d'ahi em diante mancebo algum, salvo Papirio, fôsse admitido no senado.

Trad.

V. A.

Poderá ser absolvido um réu por se allegar em seu favor a mania instantanea?

Continuado do numero 3.

Dir-nos-hão, de certo, que a punição dos crimes não fica tão impossivel como queremos apparenal-o, porque o facto criminoso é precedido quasi sempre de preparatorios, e d'outros factos, que, uma vez abertos os debates, devem ser produzidos em juizo, taes como escriptos, conversações havidas com os cumplices, armas habituaes do delinquente etc.; assim estas provas, pois, levarão á evidencia a improcedencia da defeza do réu. Respondemos, sería assim se, havendo um tão excellente subterfugio, os criminosos procedessem da mesma maneira na perpetração dos seus intentos. É suppor, na verdade, muito pouco habil o homem, que, tendo uma tal excusa legal, se fôsse comprometter com a escolha de cumplices. De que serviria assalariar homens para alta noite arrombarem a porta d'uma habitação e assassinarem o seu dono, quando qualquer, que odeiasse outro, poderia, alto dia, na praça mais publica, dar-lhe um tiro, e excusar-se depois com a mania instantanea?

Dir-me-hão ainda, que lá está o tribunal para conhecer da vida do réu e do assassinado e verificar pelos interrogatorios das testemunhas se haveria ou não inimizade entre os dois. Ainda repetiremos: o criminoso seguiria em tudo uma estrada nova, far-se-hia amigo da sua victima... dar-lhe-hia, algum tempo, provas da maior amizade, e um dia perpetraria o crime, achando em logar da justiça para o castigar, a voz pública para o lamentar, por haver morto o seu melhor amigo. Dir-me-hão ainda que taes actos serão forçosamente reconhecidos, como filhos de mania, quando a sua victima fôr um ente, contra quem se não possa suspeitar odio, ou mesmo inimizade, v. g. uma creança. E quem nos diz, que o malvado não quiz vingarse no filho do odio, que vota ao pae? quem ignora

que o pae quer antes, muitas vezes, a propria morte do que a d'um filho estremeado?

E se deixar-mos os crimes d'assassinios, e considerarmos, por exemplo, os furtos, os estupros, os incendios, etc. força será renunciar a punir réos d'esses crimes, porque, salvas raras excoepções, a premeditação jámais se poderia provar, e os réos seriam sempre postos em liberdade.

Ha pouco saímos d'um tribunal, depois de ouvirmos pronunciar uma sentença de degredo contra um réo criminoso de furto: o accusado achava-se em casa do roubado, trabalhando em seu serviço; viu ao seu alcance algumas libras de que lançou mão.

Onde havia a premeditação d'este crime? nada a provava, nem de tal se occupou o juiz ou o jury, porque effectivamente a verdade ressaltava dos factos, e os factos eram, que tal premeditação não houvera. Este homem entregou o dinheiro ao roubado, logo que foi preso, e, se a mania instantanea fôsse admittida como prova, tel-a-hia allegado e não iria soffrer agora a pena de degredo.

O mesmo dizemos dos estupros, e o mesmo dizemos de todos os crimes, que, tendo por principio um desejo violento, que pôde nascer d'um momento para o outro, ficariam fóra da esphera da acção da justiça, como acções procedentes d'uma mania instantanea. A paixão e o capricho arvorar-se-hiam em primeiro movel das nossas acções, e não encontrariam no coração do homem, onde a honra foi proscrita, o temor salutar da justiça e do castigo. Seriam apanhados unicamente e soffreriam as penas da lei os ignorantes ou estupidos, que não soubessem simular, ou negar audazmente, e, além dos males apontados accrescia ainda este; porque os maiores criminosos, que são em regra homens de talento e acção, ficariam sempre impunes, emquanto que a lei viria só a castigar pobres ratoneiros, ou criminosos vulgares.

Nem pareçam exaggeradas as consequencias, que attribuímos a ser tal excusa sancionada por lei, todos sabem, que, sendo a embriaguez considerada como circumstancia atenuante, a maior parte dos criminosos para ella appellam nas suas defesas, quando não podem negar as provas, que os constituem réos d'um crime: e note-se, que, se neste caso, elles não duvidam carregar com a nota de immoralidade, que a embriaguez sobre elles traz, para fugirem ao castigo; o que sería se podessem allegar em seu favor uma causa, que

os deixa ficar puros aos olhos da sociedade?

Se pois a mania instantanea não é facto incontestado aos olhos da sciencia, e se a mesma admissão como causa excusatoria do crime só trazia os maiores males á sociedade, entendemos, que ella nunca deve alliviar o réo da criminalidade, com que os factos o fazem réo; se porém um indicio, leve mesmo que seja, poder pôr em duvida a sanidade mental do author do crime, sendo esse indicio comprovado pelo testemunho dos peritos, a hypothese varia e o réo deve ser izento de toda a culpabilidade, porque só entes no uso pleno de suas faculdades podem ser responsaveis por suas acções.

Assim e só assim a justiça criminal poderá satisfazer a pesada e difficil tarefa, que sobre ella pesa, sendo justa sem ser cruel e assegurando a paz e tranquillidade aos cidadãos sem fazer gemer desgraçados sob penas immerecidas e deseguaes.

C. O.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do n.º 1.

III.

Em casa do sapateiro.

A necessidade é a mestra da vida, e Ricardo achava-se inspirado por ella, e porisso dava tractos ao miollo para descobrir algum modo de cortar este nó gordio, em que se achava empenhado o seu amor proprio de janota, o seu desejo de rapaz e a sua merecida fama de espirito inventivo para sair de apuros como este.

Ricardo levava um plano!... Certo cão antigo lhe vedava a entrada na loja de mestre Leonel. O Honorio tambem não estaria muito resolvido a fiar-lhe depois d'um miseravel biquito d'umas meias sollas; era portanto preciso ir além da Taporbana mendigar um porto desconhecido: e como era quasi certo que só sapateiro de luxo lhe fariá assim pela primeira vez, resolveu-se a ir aportar á loja de mestre Ignacio no Arco d'Almedina.

Mestre Ignacio era mina ainda não explorada e que porisso dava algumas esperanças de bom resultado ao nosso heroe. Eil-o que chega tremulo de indecisão á porta da loja e pergunta negligentemente a um official. — O mestre está em casa?

— Está sim senhor.

— Póde-se-lhe fallar? — e Ricardo entrou para dentro da loja, comprimindo o coração, que lhe pulsava com mais violencia, do que se estivesse ao pé d'uma gentil donzella.

— Ó! mestre faz favor!... procuram-o aqui, gritou o official.

O momento terrivel aproximava-se: o sr. Ignacio acabava de entrar na loja com aquelle sorriso d'um commerciante de Coimbra, que esperava vender por dois tostões mais caro do justo valor, um por ser para estudante, e outro por ver que havia urgencia na compra.

Disculpe-me a classe commerciante este arrote de sinceridade, com que se não deve offender, porque é a expressão genuina da verdade.

A segunda parte da minha asserção é generica. No commercio como na politica não ha paes por filhos nem filhos por paes, e até se costuma dizer « *amigos, amigos, negocios á parte.* » O negociante vê a occasião de vender bem, aproveita-a instinctivamente, ainda que seja o comprador o seu maior amigo, aquelle a quem elle proprio, em acabando o contracto, abria a sua bolsa e prestaria os maiores serviços.

Então!... a cada um a sua devisa!

Emquanto á primeira parte é privativa de Coimbra. Os filhos de mercurio vendem sempre mais caro aos filhos de minerva do que a outros quaesquer.

Scismei com a razão d'isto, até que uma vez ouvi dizer a um negociante, que aos rapazes se devia vender mais caro, porque era dar-lhe uma util applicação ao dinheiro superfluo, que se iria empregar em cousas mais prejudiciaes, ou menos proveitosas, como batota, licores e bilhar.

Admirei a metaphysica, e concordei!...

Acabada esta digressão justificativa, voltemos á scena palpitante.

Mestre Ignacio cumprimentou, pois, Ricardo com um leve aceno de cabeça, a que este respondeu com outro mais cordeal.

— Diga-me, tem calçado feito, que possa servir para o baile?

— Alguem ha ahí, sim senhor.

— Póde-se provar?

Mestre Ignacio foi correndo as vidraças, onde estava espalhado o calçado e Ricardo, descalçando o já encabichado sapato e a descalcanhada meia preta, dispôr-se á operação.

— Isto é o diabo!... ter de comprar calçado feito!... mas o Albino faltou-me com as botas.

— Veja estas se lhe servem — disse com phlegma glacial o impassivel sapateiro.

— Estão largas — replicou Ricardo, que buscava o momento opportuno de atacar o mestre. — Estão muito largas! Isto é a fortuna! comprar obra feita, nunca assenta bem, mas aquelle diacho do Albino faltou-me.

A tão decantada falta do Albino era uma piedosa mentira, como o leitor sabe muito bem.

— E estas? — volveu o sapateiro!...

— Não entram!... Maldito Albino!... vou-o deixar, fica-lhe sempre o calçado desairoso!... estas botinhas estão muito mais airosas, vou ser seu freguez!...

— Estas agora entram por força.

E effectivamente entravam, e ficavam uma luva!...

Ricardo sem mostrar dar grande attenção a esta circumstancia, que muito o preocupava continuou: — Tambem tenho aturado o Albino, porque é um homem, que espera por o dinheiro quando o não ha.

Vê-se agora para que servia a mentira. Cabia aqui perfeitamente um offerecimento da parte do sapateiro, mas elle não o fez e Ricardo proseguio.

— Por exemplo: agora tinha ajustado pagar-lhe as botas só no fim do mez e falta-me com ellas! se eu fôsse freguez d'outro não me faltava e esperava-me tambem pelo dinheiro.

Não havia nada mais claro!... porém mestre Ignacio olhava attentamente para as botas que, o nosso amigo acabava de calçar dizendo com grande intimativa. — Estas estão-lhe muito bem!...

— Estão! estão! e eu fico com ellas!... mas tenho ainda de ir á Calçada ver se arranjo dinheiro para lh'as pagar, porque o não trago aqui — disse Ricardo, que se não podia resolver a descalçar as botas.

— Sim senhor! — retorquiu estupidamente o rei do serol. O bruto a nada se movia!... quando elle não offereceu n'aquella occasião estava claro que não era capaz de offerecer!... mas o nosso Ricardo, que tambem não era homem capaz de succumbir tão depressa resolveu dar ataque decisivo. Todavia não teve coragem de ouvir cara a cara a resposta fatal, porisso descalçou pausadamente as botas novas e enfiou nos pés os vetustos sapatos, que trazia; comprimindo-se-lhe o coração ao dilatarem-se-lhe, n'aquellas duas barcas, os pés acostumados já á doce compressão do calçado novo.

— Adeus, mestre, até já — disse elle ao sair da loja.

— Viva, meu senhor.

Esta scena tinha sido dolorosissima para Ri-

cardo: nem sei mesmo, se durante ella lhe embranqueceram os cabellos, como a Maria Antonietta na vespera do supplicio; mas o que sei é que o pobre estava em torturas, e de bom grado daria o respeitavel par de orelhas, que lhe adornavam as bochechas, em troca do almejadissimo par de botas. Ao perder a ultima esperanza quasi que chorou, e se por vergonha o não fez, comtudo a voz resentiu-se do esforço, que empregara para reter as lagrimas. O réo que sentado já no alto do patibulo, com a pouco sympathica figura do carrasco aos hombros, faz as suas despedidas ao respeitavel público, não titubiará mais, que Ricardo, ao implorar indirectamente a commiseração de mestre Ignacio com a piedosa bota da falta das botas de mestre Albino.

Infelizmente porém tinha sido debalde todo aquelle sacrificio de dolorosa provação e se o seu talento não arranjar novas artes, está-nos palpitando que não irá ao baile! Veremos.

O leitor ainda tem tempo de se ir preparar para a noite, antes que o nosso heroe chegue a arranjar umas botas. Se arranjar.

(Continúa.)

Um estudante

EXPEDIENTE.

Agradecemos a todos os jornaes, tanto politicos como litterarios, que se dignaram saudar tão lisongeiramente a appareção da *Estréa*, e bem assim aos que nos honraram, trocando as suas acreditadas folhas pela nossa; e a nosso turno saudamos o Viannense, a Liberdade e o Independente cujos numeros temos tido o gosto de receber. Recebemos egualmente o bem elaborado relatorio da gerencia municipal de Coimbra, que o seu illustrado author, o ex.^{mo} sr. D.^o Costa Simões, nos fez a honra de nos offerecer. E aqui tributamos a sua excellencia os nossos sinceros elogios pela perfeição da obra, e os nossos respeitosos agradecimentos pela consideração que nos deu — enviando-nol-a.

Explicação da charada de numero antecedente —
Cabula.

Rectificação á errata do num. 4, pag. 8, lin. 40.^a, não é encobriu — mas sim — encobrem.

ESTRÊA LITTERARIA



N.º 6

JORNAL RECREATIVO



Vol. I

1858 — MAIO — 15

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem. Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mes.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Anuncios de publicações litterarias, *gratís*.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
 { Com estampilha 270 "

-aos Nossos Assignantes.

Com este numero acaba o primeiro trimestre da *Estrêa litteraria*, e com elle a maior parte das suas assignaturas.

A nós, com prazer nos incumbe dirigirmos os nossos sinceros agradecimentos, não só aos muitos assignantes das provincias, que, pela maior parte, não temos o gosto de conhecer, mas tambem aos nossos collegas, a todo o corpo docente da Universidade, e a alguns cavalheiros d'esta terra, a que offerecemos o 1.º numero do nosso jornal, pois a todos nos compete agora tributar os votos da mais profunda gratidão!

Mas a missão da *Estrêa* ainda não está concluída, — a grande obra, que ella intentou levar ao cabo, teria de ficar incompleta, se vós lhe retirasseis a vossa protecção!...

Todavia a confiança anima-nos, e, fortalecidos pela esperanza de que nenhum de vós abandonará a gloriosa empreza, para que uma vez concorreu, nós continuaremos a publicar o nosso jornal, que, se, apesar dos esforços empregados, não poder agradar como publicação litteraria, a todos será grato pelo fim grandioso a que se propoz.

Breves considerações ácerca do mechanismo da nutrição e secreções.

Continuado do numero 4.

Não investigaremos qual o modo como tem

logar a formação livre das cellulas no cyto-blasteme, por ser objecto alheio do nosso fim, além da obscuridade de que se acha revestido.

Representará acaso o nucleo o papel de cyto-blaste, e será condição essencial da formação da cellula, segundo querem Schleiden, e Schwann?

Nascerá simultaneamente a cellula e o nucleo? e o apparecimento isolado d'este deixará de representar repetidas vezes o germe d'uma cellula?

Esta ultima hypothese está mais conforme aos factos.

Ha cellulas sem nucleos; o proprio Schwann o confessa em relação á corda dorsal dos peixes; Robin o confirma, e do mesmo modo Lebert e Reichert.

Se o nucleo precede algumas vezes a cellula, e é o cyto-blaste, como obra elle na formação da cellula?

Será por uma attracção exercida sobre as moleculas, que o rodeam, promovendo uma especie de *crystallisação* de *substancias organicas*, como lhe chama Schwann; ou determinará o nucleo acções chemicas, cujo resultado é a formação d'uma membrana devida á excreção d'uma substancia coagulavel preparada dentro do nucleo, ou á acção d'esta substancia sobre compostos proteicos do cyto-blasteme, produzindo a sua coagulação, ou finalmente o nucleo, tirando ás substancias albuminosas o alcali, que as tem em dissolução, as tornará insoluveis?

No estado actual da sciencia é impossivel decidir qual das hypotheses reúne o maior numero de probabilidades.

F. A. Alves.

(Continúa.)

Origem das leis da amortização.

Corpos de mão morta.

La science n'est qu'une monnaie, qu'on se
passe avec confiance de main en main.

RATTIER.

Inſucti diſcant, et ament meminisse periti.

Houve um tempo, em que os rendimentos da Igreja apenas consistiam nas *oblações*, que a piedade dos fieis lhe fazia, para sustentação do culto e seus ministros.

Todos sabem das cruéis perseguições, que nos primeiros tempos do seu estabelecimento soffreu o christianismo, e se continuaram durante o longo espaço de mais de 300 annos.

A religião de Jesus Christo baixára do céu á terra, a libertar o homem do cativeiro da culpa, e acabar com os erros e absurdos do polytheísmo, que, á excepção dos judeus; se arraigára havia seculos no coração dos antigos povos, especialmente dos romanos. Apesar porém de trazer impresso na fronte o sello da divindade: apezar de ser a filha do Dezejado das nações, do Messias prometido; a religião christã todavia não foi logo por todos abraçada, como o devia ser aquella, que vinha regenerar o mundo, e ligar com um nó insolúvel a terra ao céu, os homens a Deus. Tal era o brilho e esplendor da luz da verdade, que parece deslumbrara os espiritos! É que os antigos habitos, costumes, e instituições dos povos, corroboradas pelo decorrer dos seculos, jámais poderão ser d'um só jacto derrocadas do solio, em que as firmou a enrugada mão do tempo: e a religião christã formava a antithese perfeita do polytheísmo, oppondo á falsa *pluralidade dos Deuses* a verdadeira *unidade divina*: aos prazeres e commodidades da vida, por elle offercidas, o combate das paixões, a humildade, o soffrimento, o perdão das injurias, o sacrificio... exigindo em summa o difficil, mas não menos glorioso triumpho do espirito sobre a materia.

Souo pois contra ella o grito de guerra. O amphitheatro parecia vergar com o peso da multidão, que, mostrando uma alegria, por assim dizer, selvagem, via em breve rasgados pelas feras os membros d'aquelles, que, abandonando antigos erros, e cultos ridiculos, se haviam voltado para o estandarte da nova religião: e correu finalmente, rociando-lhes as palmas do triumpho, o glorioso sangue de milhares de martyres, cujas vozes derradeiras

ainda hoje parecem ecoar a nossos ouvidos, attestando a divindade da religião christã.

Uma época porém mais feliz raiou alfim para o christianismo. O anno de 325 viu subir Constantino Magno ao trono de seus antepassados: e foi, como se sabe, este principe christão, que a historia nos mostra dotado de innumeradas virtudes, e verdadeiramente grande na gloria militar, não deixando todavia de imputar-lhe em parte a queda do imperio, pela mudança da corte de Roma para Byzãncio, foi, digo, este principe quem deu a paz aos christãos: paz, que depois foi algumas vezes perturbada, como aconteceu em 361, sob o imperio de Juliano apostata, que excluiu os christãos da cultura das *bellas artes*, e do accesso ás honras; e no anno de 364, em que appareceu a seita Arriana, favorecida pelo imperador Valente, a quem seu irmão Valentiniano commettera o imperio do oriente, reservando para si o do occidente.

(Continúa.)

A. M. V. da Costa Ribeiro.

Connexão entre todas as artes e doutrinas.

(Continuado do n.º 4.)

Opiniões dos philosophos gregos a este respeito.

Não remontamos, em nossos estudos, a mais velhas edades, porque estamos convencidos, de que os conhecimentos havidos nos paizes, que, em seu desenvolvimento, antecederam a Grecia, são mui pouco importantes para o nosso fim; visto que lhes falta o character verdadeiramente philosophico.

Principiamos pois pela doutrina dos philosophos gregos, que marcam fielmente a epocha, de que data a philosophia, verdadeiramente tal.

O primeiro philosopho grego, que se offerce á nossa contemplação, e que foi, talvez, o primeiro, que observou, que todas as sciencias se prendiam entre si, como por um certo parentesco, foi Platão, natural de Egina, que floresceu pelos annos 430 antes de Christo. Como a primeira aurora litteraria da Grecia, o discipulo de Socrates, teve d'arrostar com as idéas e preconceitos de seus antecessores, ainda bem pouco investigadores.

Com effeito, o genio ardente d'este philosopho levou-o a ponto de poder, facilmente, conhecer a extensão do circulo, em que actúa

toda a força metaphysica do homem, como se deduz dos seus escriptos, politicos e psychologicos.

A cremos a auctoridade de Thomaz, não devemos admirar o epitheto de — divino, que a antiguidade e o modernismo illustrado lhe tem conferido.

Platão, reconhecendo e classificando as faculdades do homem, segundo as suas mais estreitas relações, e considerando as sciencias, como productos d'essas faculdades, não duvidou reconhecer entre elles a mesma relação, que descobria nas faculdades: este principio, formulado e apreciado por este insigne philosopho, foi seguido, ampliado e desenvolvido pelos academicos, ou sectarios da sua escola.

(Continúa.) J. Machado Cabral e Castro.

A pitada inspiradora,

Miscellanea.

L'homme, après avoir embrassé tout le passé, et souffert dans le présent, s'arrête aux limites de l'avenir, et regarde. Derrière lui il a des ruines, autour de lui la confusion, devant lui des ténèbres.

CESAR CANTU. — Histoire Universelle.

Assumptos ha de sobejo para sobre elles se escrever, mas poucos gratos ao paladar de quem escreve, e dos leitores; uns scientificos, para cujos espinhos nem toda a gente está habilitada, quando queira lêl-os; outros, embrulhados nos mysterios da politica, com que grande parte do mundo se enfastia: ha além d'estes alguns triviaes, com os quaes ninguem se compromette, e que, quando não excitam dôr, ou prazer, podem ao menos produzir tal enojo, de que não resulte, nem bem, nem mal.

Na presença d'estas difficuldades o homem destinado a escrever, seja qual fôr o motivo, que a isso o determine, suspende-se, hesita, e não sabe como airosamente se escapará pela tangente; tóma então uma pitada, revolve o arsenal da intelligencia, e um pouco inspirado se arremessa aos mares, ora bravios, ora bonançosos, d'uma variada miscellanea. A discripção d'essas inconstantes, e turbulentas vagas roça o misero, ora os astros, ora os abysmos, se a providencia não decreta, que inteiramente naufrague.

D'este preliminar se deduz o embarço,

com que luto; sair d'elle com decencia excede as minhas forças: agarrar-me-hei ao primeiro cachopo, que occorrer, e será elle a minha táboa de salvação; vamos á obra; diga-se pouco, para não se grangear fastio; *brevis esto et placebis*. Tenho em perspectiva ruinas do tempo passado, a confusão do presente, e as trévas do futuro.

Antes da existencia de muito opulentas cidades, taes foram Heliópolis, Balbek, Palmira, Persépolis, Thebas de cem portas, Memphis, e outras, muitos seculos antes do christianismo as precederam, em que as gerações adamiticas representaram o seu papel no mundo.

Os homens da natureza, vagando nómades sobre a terra, nutrindo-se do parco alimento, que esta lhes fornecia, expostos ás intempereanças atmosphericas, viveram vida anómala, antes que se constituissem em sociedade. A caça, a pesca, a pastoreação foram-lhes meios de existencia. Surgiu a pequena sociedade, que dirigia o chefe de familia; seguiram-se depois as tribus, as nações, e os imperios, cujos destinos foram confiados a superiores chefes, a Reis, a Imperadores. Apareceu a opulencia, e com ella o cortejo de sinistras paixões, e de poucas virtudes. A ambição provocou a guerra; da guerra brotou o exterminio a destruição, a morte. A severa historia commémora ainda as atrocidades d'um Gengiskan, d'um Tamerlão, d'um Alexandre, e d'outros muitos, que os imitaram.

No melancholico horisonte, depois de immensas desolações, raiou uma luz divina, que veio diminuir tanto obscurantismo. Os homens, a quem attingiu tão bemfeitor clarão, tornaram-se melhores. As crenças antigas de principios religiosos, então adoptadas, cederam ás verdades do christianismo: se ainda não teve logar um completo triumpho, uma inteira conquista, os tempos, que devem surgir, apresentarão finalmente esse feliz resultado.

Mas que são hoje esses imperios do mundo, que floresceram outr'ora? Que são hoje essas republicas de Spartha, de Roma, e de Carthago, cuja fama ainda resoa terrivelmente? Aonde existem esses conspicuos heróes, que a ferro, e a fogo fizeram a conquista do nosso globo? Por ahi estão os tumulos abertos, aonde poderão ver-se as ossadas de tantos assassinos da raça humana. Eisaqui as ruinas do tempo passado; sentado sobre ellas póde o amator de antiguidades descobrir com horror os crimes d'outras eras; são taes ruinas, as que ainda nos contristam; lancemos sobre ellas o

manto do esquecimento; e finde aqui o ligeiro quadro, que apenas ouzei palpar.

Que deverei dizer da confusão do tempo presente? Os olhos se afastam do espectáculo, que se nos antolha. Porventura se apresentam acontecimentos novos? Não será tudo, quanto hoje se observa, uma renovação das cousas, que já passaram? Não se avista a ambição com todas as suas furias, caminhando sempre para o complemento de seus projectos? Não se descobre além a vingança, insaciavel de odios homicidas? A guerra de todos os tempos transactos é a guerra, que devora a geração presente; as mesmas paixões, as mesmas iniquidades, que foram em algum dia.

Por que me canço em descrever, o que ninguém ignora? Eu vou separar-me d'um assumpto, cuja só lembrança me contrista, e me faz estremecer; ninguém estranhe, que sobre elle corra o véu do esquecimento. Esquecimento, divindade tutellar, que adoças as immensas amarguras, satélites da existencia humana, sobre tuas sagradas aras meus sinceros votos deposito!

Que resta emfim do meu transumpto? Oh! cercam-me as trevas do futuro. Ennevoado se apresenta com a physionomia do passado. Quem, sem ser animado de espirito prophético, poderá rasgar as dobras de seus negros crépes? Mas no vestibulo de seu templo tem morada a esperança; esta comigo identificada me rarea um pouco essas trevas, cuja negrura espanta o homem, ainda o mais atrevido. A esperança, a unica consolação, que resta ao mortal desgraçado, sabe aplanar os escabrosos trilhos da existencia; a esperança, filha d'uma justa providencia, é o benefico santélmo, que apparece no meio das tormentas ao desesperado navegante. Nas borrasças, ou nas difficeis vicissitudes d'uma vida infeliz é ella o anjo protector, que nos salva do abysmo, a que o infortunio ouza arrojar-nos.

Páro aqui, porque a força das cousas assim o exige, e porque a pitada inspiradora cessou de produzir os seus effeitos. Progredir ácerca de taes objectos fóra temeridade; e a temeridade não assenta bem nos meus habitos, no meu temperamento, o qual conheço mais pela práctica, do que por idéas theoricas, que d'elle tenha. Se alguma vez tornar a occupar-me de miscellanea, tornarei a sorver mais copiosa pitada, e talvez então serei inspirado de maneira, que promova melhor a satisfação, de quem a ler.

Isto de miscellanea tem sido passatempo de

graves, e judiciosos escriptores; que o diga Chateaubriand, que o diga Adisson, e companhia, que no seu *Espectador* disse cousas tão agradaveis, que ainda hoje talvez façam as delicias da nação ingleza. Eu amo este genero de escriptura; e se alguém houver, que lhe faça carêtas, tempére-o primeiro com algum outro acipipe, que lhe dissipe a nausea, que elle possa produzir. Disse. (Z.)

Le 9 Mal.

Porque murió para el placer mi alma?
ESPRONCEDA.

Comme aux saules de la rive
Chuchote le doux zephyr,
Ainsi dans mon coeur arrive
La brise d'un souvenir!...

Souvenir de mon enfance
À la fois doux et cruel
Des regrets de ma jouissance,
De mon chagrin éternel.

Oh! je rappelle cet âge,
Où libre de tout souci,
Je m'amusais au bocage,
De mon bonheur ébloui!...

Et ma mère en sa tendresse
Me caressait en souriant;
Enivrant, dans sa caresse,
Mon coeur de joie bondissant.

Mais la mort, sourde a ma prière,
A fêlé mon pauvre coeur;
Et de sa faux meurtrière
Moissonna tout mon bonheur!

Son haleine éteint la flamme
De mon étoile d'amour!...
Et, en la perdant, mon âme
Fut orpheline à toujours!...

Ma mère!... si de tes charmes
Je n'aurai plus la douceur,
La joie de verser des larmes
Fera seule mon bonheur!... A.

Amor-proprio e amor.

Foi durante os mais brilhantes dias da re-

publica de Venesa, quando o seu poder se achava no maior auge, bem como as artes, que a tornaram semelhante aos mais estados da Italia, em todo o mundo celebre pelas maravilhas, que tem produsido não só em poesia e pintura como tambem em musica; que Paulo Zustema foi encarregado pelo marquez de Bembo da pintura de alguns quadros, para ornar a sua galeria.

Paulo viera de Roma a pedido do marquez, que tinha do joven artista as mais favoraveis informações. Contandó apenas trinta annos, Paulo era bello, de estatura mediana, trigueiro e pallido, olhos negros, bocca pequena, um bigode bem talhado, barba curta e bem encaracolada, e sobre tudo uma testa, que indicava rara intelligencia. Notava-se todavia alguma cousa de selvagem nas suas maneiras, um modo de fallar breve, um olhar inquieto, que lhe não augmentava o numero dos amigos: quando porém qualquer o conhecia melhor, quando era admittido á sua intimidade — cousa admiravel!... amava-o!...

É que então era generoso e nobre; o seu tempo, a sua bolsa, os seus conselhos, tudo lhes punha á sua disposição, sem que contudo as suas faculdades deixassem de estar concentradas na arte a que se dedicara.

Noite e dia, dia e noite, parecia não pensar senão nas suas pinturas.

Em Roma quasi tinha sido considerado como louco, porque de dia não se mostrava contente ao trabalhar no seu gabinete, e de noute fechado em uma casa meia arruinada nos suburbios da cidade, vivia isolado 'naquelle recinto, onde ninguem lograva entrar á excepção de uma velha creada, com quem vivêra desde criança.

Julgava-se por isso, e com bastante probabilidade, que o artista trabalhava n'alguma pintura, em cujo estudo empregava a noute. Raras vezes deixava este retiro antes do meio-dia, e ordinariamente para lá voltava logo depois de uma pequena visita ao seu gabinete, quando se podia esquivar de assistir ás grandes partidas, dadas pelos seus protectores.

Chegando a Venesa, continuou no seu antigo modo de vida, tendo um gabinete no palacio de Bembo, onde apenas apparecia de dia, para, logo que se aproximava a noute, e que não havia grande reunião, se embuçar no seu capote, pôr a mascara, e, apertando na mão os copos da sua espada, partir, tomando uma gondola até chegar a uma rua es-

treita, onde, favorecido pela sombra das altas casas, desaparecia na escuridão.

Ninguem notava este modo de vida. Paulo cumpria o seu dever; era politico, affavel e respeitoso para com o marquez, galanteador para com as damas e nada mais!... nem o mais pequeno esforço fazia para ganhar a affeição d'aquelles, que o cercavam: todavia o mundo não se apercebia d'isto!...

Havia, porém, uma pessoa a quem este character singular e excentrico (tudo o que tem a apparencia de originalidade chama-se excentrico!) fez sentir um profundo interesse.

O marquez tinha uma filha, que havia casado aos deseseis annos por interesse, com o velho tio do Doge presentemente morto. Clorinda era uma linda viuva de vinte e um annos, que, dotada de um character firme e resolute, determinára casar segunda vez, não á vontade de seus parentes, mas á sua. Desde o primeiro momento que viu Paulo, sentiu por elle uma predilecção favoravel; que todavia foi accete, respeitosamente pelo artista, mas com friesa, deixando até poucas vezes de trabalhar para entreter conversação.

Clorinda pediu que lhe dêsse algumas lições, para augmentar os poucos conhecimentos, que tinha de pintura; ao que elle annuiu, sem se mostrar constrangido, mas sem accrescentar nem uma palavra ás observações necessarias á lição.

Paulo parecia estar todo absorvido na sua arte!... Num dia em que a filha do marquez viera com a sua creada particular passar na galeria, ora lendo, ora pintando, ella contemplara com grande attenção e por espaço de uma hora o artista, que até alli não dera uma palavra. De repente Clorinda levantou-se e exclamou!

— Como é bello!...

— Não é, signora?

— Muiissimo bello — replicou ella, ao mesmo tempo admirada do modo do artista e do enthusiasmo, com que alludira á sua criação.

— A vossa approvação me honra muito — disse Paulo, descanzando a sua palheta e encruzando os braços para contemplar a pintura (um Cupido e Psyché) com o mesmo extasis!...

Éra o rosto de uma mulher, de uma rapariga timidamente apaixonada e terna, de uma belleza deslumbrante, que tinha movido Clorinda. Com dourados cabellos, que ondulavam brillhantes ao sol, com uma testa branca, pequena, mas em extremo bem feita, com uma

bocca e uma barba moldadas pela mais perfeita estatua grega, com lindos olhos azues, fixos com admiravel ardor no deus tyranno, era de uma belleza divina!...

— Ah? — disse Clorinda, suspirando — vós os pintores sois temiveis inimigos da mulher!.. Quem olhará para a realidade depois de admirar um tão bello ideal?...

— É realidade! — replicou o pintor — reproduzo o que se me offerece á memoria.

— É impossivel!... Éra necessario combinar a belleza de cem mulheres 'nesta bella producção.

— Não!.. — disse o artista, com gravidade — aquelle rosto existe; vi-o nas montanhas da Sicilia. Já muitas vezes o tenho pintado; porém nunca tão bem.

— Eu daria o mundo para admirar o original — replicou Clorinda. — Adoro uma mulher bella; é o primor d'arte da creação!... é a primeira das obras de Deus!...

— É, signora! — volveu Paulo. E continuou com o seu trabalho. E. O.

(Continúa)

Recordações de Coimbra.

... j'etons un regard
Sur l'avenir et le passé.

LAMARTINE.

Poucos, — bem poucos são aquelles, a quem é dado transitar nas alamedas do presente, sem que venha a serpe venenosa do soffrimento erguer-se de altivo collo debaixo da folhagem vecejante, que tapeta o caminho do mancebo!...

Nesta quadra da vida, a imaginação como que capricha em crear mil phantasmas torturantes, cujo braço de ferro tenta esmagar o coração, que palpita nas abobadas do peito, com toda a seiva da vida!...

Então vem o amor, essa chimera, que, embalando ainda o mancebo no seu leito de infancia, o vae acompanhar ás vezes até á sepultura do coração, desbotando-lhe, uma por uma, as rosas da existencia, para depois o entregar fanado e emmurhecido a outro despota mais tyranno — o calculo.

E o presente, embora risonho e prasenteiro, desliza-se na juventude, indifferente e deslembado como os primeiros fulgores da estrella do norte ao que espera, para se engolphar 'numa noite de extasiado meditar, que a lua venha, com todos os seus brilhos, surgir bella

e donairoza no cume do seu throno de montanhas!...

A recordação vaga do passado, as aspirações hyperbolicas do porvir, taes são as impressões que se refletem no coração do mancebo, a quem o presente é sempre odioso no seu marmoreo positivismo!...

(Continúa)

A. M. da C. Bellem.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do n.º 3.

IV.

As respeitaveis bochechas do avô de Ricardo.

O nosso heroe tinha saído desalentado do theatro, onde se passára a scena mais dolorosa da sua vida!...

Dirigindo-se a sua casa, arremessou a batinha para cima da cama, e começou a passear com passos agitados!...

O sapateiro tinha sido insensivel, e pelas apparencias continuaria a sel-o; era porém necessario tentar até ao ultimo recurso! — e já que não se atrevera a dar batalha campal, face a face, devia ensaiar um bloquio áquella fortaleza, chamada vontade do sapateiro, atacando-a com um bilhete, em guiza de bombardar; porisso dirigiu-se para a meza, buscando um papel para escrever.

Mas oh! dôr!.. nem uma pobre mortalha de cigarro encontrava o triste, para poder ser emissaria das suas lastimosas supplicas! Percorreu todos os livros (que não passariam de seis) folha por folha, em busca do tão desejado bocadinho de papel, e nada!...

Foi então que a ultima folha das Ordenações pagou, por aquella embaraçosa falta. Rasgou-a e escreveu precipitadamente.

« SR. MESTRE.

« O meu correspondente, quando lá fui, não « estava em casa, tinha saído para a quinta e « só vem á noite; porisso rogo-lhe o favor de « me mandar as botinhas, porque não achei « nenhuma, que me ficassem tão bem, e eu « ámanhã, sem falta, pela portadora lhe manda- « rei o importe. »

« Ricardo P. de Aboim. »

Dobrou o encantado papelinho, e gritou, chamando — Sr.ª Maria... ó sr.ª Maria.

Esta senhora Maria era a servente de Ri-

cardo, da qual não faço agora particular menção, porque espero ter a honra de mimosear o leitor com um capitulo especial, que destinarei a esta entidade zoologica tão interessante no intrincado fio da vida academica.

A senhora Maria appareceu com a sua capoteira pela cabeça, limpando as mãos ao sujissimo avental, que trazia á cinta, e batendo o compasso das passadas com o chinelo no rachadissimo calcanhar.

— Leve isto ao Ignacio do Arco d'Almedina e tome sentido na resposta.

A velha (porque a senhora Maria era velha) resmungou por entre dentes:

— Agora não posso, que estou a fazer o jantar.

— Ande! vá!... deixe tudo e vá depressa.

— Não pôde esperar um *tudo-nadila*?

— Não! Ha de ser já.

— Mas se *entrementes* se pegar a carne bote as culpas a quem *quizer nanja* a mim!

— Ande, mulher! vá depressa.

— Só para isso tem o senhor pressa, *qu'antés* para me pagar o que me deve..... — rosnou finalmente a velha, ao virar as costas, com uma intonação semelhante á do rafeiro, que, não querendo ter o encommo de agredir o seu adversario, mostra-lhe, rosnando, que está vigilante.

E foi-se!... Ricardo ficou, ou antes não ficou no seu quarto!... O seu espirito acompanhava passo a passo a vetusta servente pela rua das Covas abaixo! A sua impaciencia revelava-se na volubilidade dos seus movimentos; chegava á janella, assobiava, acendia um cigarro para o tornar logo a apagar, puchava pelo mesquinho bigode, mettia os dedos pelo cabello e acabava por se vingar das pobres unhas, que ficaram roídas até ao sabugo.

Meia hora se passou 'nesta tormentosa agitação, até que em fim escutou na loja os passos de sr.^a Maria. Impaciente e anhellante, saltou d'um pulo os deseseis degrãos, que o separavam da velha desejada e que devia trazer-lhe a tremenda resposta.

O coração pulava-lhe com violencia nas angustiosas contorsões da duvida, e o sangue gelou-se-lhe nas veias, ao ver, ou melhor, ao não ver as suspiradas botas na mão da velha.

A palavra tolheu-se-lhe nos labios, e apenas pôde balbuciar. — Que disse o homem?...

— Que o não conhecia ao senhor e que porisso não podia estar a fiar.

Ricardo estava branco como a cal da parede!

— Mas que, em fim, — proseguiu a velha,

— se o senhor lhe mandasse já metade, que lhe esperava pela outra até ao fim da semana.

Duas correntes electricas, contrarias e oppostas atravessaram n'aquelle momento o coração de Ricardo. Estava como um entrevado, a quem, tendo imposto a obrigação de andar dez legoas por seu pé, viessem depois dizer, que era bastante andar cinco!... Aquelle palavra *metade* fazia-o sorrir de alegria porque a difficuldade era tambem metade da primitiva; mas, oh! dór! — se, pelo que temos exposto, era tão absoluta a impossibilidade d'elle arranjar seis pintos, como metade só, que são tres!!... O nosso desalentado amigo voltou para cima, rosnando. — Ora o diabo!... E esta!...

Machinalmente abriu a gaveta, revolvendo as cartas do namoro e da familia! — O pobre lastimava, lá no sear interior, que seu pae não fôsse um Descartes ou um Napoleão, que sua amante não fôsse uma Staël ou uma Lafayette, para vender por uma boa duzia de libras cada um d'aquelles autographos.

As cartas da sua *Ella*, tão eloquentes, tão cheias de inspiração, bebida a longos tragos nas paginas de Eugenio Sue, não valeram nem cinco réis!.. não terem outro prestimo na terra das letras, senão o de se trocarem a palitos, e 'nesse mesmo ainda lhe serem preferidas umas Pandectas, ou um Digesto velho!.. que profanação á litteratura, ao sentimento e ao bom gosto!...

Mas o peor é que aquillo era uma lei immudavel contra a qual não havia o rebellarse!...

Ricardo continuava na sua pesquisa. Um retrato acabava de lhe cair debaixo das mãos.

— Ah!... — Exclamou elle com um accento de alegria.

É sabido, até pelos garotos da eschola, que D. João de Castro, portuguez da gemma, empenhára, 'num momento de apuros, os cabellos da sua propria barba; que muito era que Ricardo em momento de equal, se não maior apêrto, mandasse tambem para o prego as respeitaveis bochechas de seu avô?

E ainda o nosso heroe levava a vantagem ao nobre D. João, pois que, sabendo, que o antigo vice-rei da India tinha contraído um grande emprestimo sobre os taes cabellinhos; elle, que andava a fazer de *pega*, rastolhando na gaveta tudo quanto valesse alguns cinco réis no prego, não aspirava a mais do que tres pintos sobre todo o meio corpo de seu avô, que fôra, nem mais nem menos, coronel

ESTRÊA LITTERARIA



JORNAL RECREATIVO



1858 - JUNHO - I

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Anuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
Com estampilha 270 .

Breves considerações ácerca do mechanismo da nutrição e secreções.

Continuado do numero 6.

O movimento inicial, que 'num liquido amorpho accusa a presença das forças da vida, é a produção de vesiculas, e de cellulas.

Os elementos do ovulo são cellulosos, e granulosos: — a analyse microscopica do vitello, e vesicula germinativa, assim o confirma; e se nos deixarmos arrastar pela opinião de Schwann o ovo é uma cellula primaria, representando a mancha germinativa, o nucleolo; a vesicula do germe, o nucleu; a membrana vitellina, a parede de cellula; e o vitello, o seu conteúdo.

Cellulas delicadas e justapostas, constituem os primeiros esboços do embryão; os diversos systemas organicos formam-se dos folhetos cellulosos do blastoderme. Ha um tempo em que a cellula é o unico elemento anatomico de todos os tecidos do embryão. O desenvolvimento progressivo lhe faz perder este aspecto celluloso, e se ha tecidos, que permanecem 'neste estado, outros reconhecem elementos anatomicos d'ordem diversa. Mas nem por isso a cellula deixou de ser o solido organico, que primeiramente appareceu no blasteme. E de necessidade assim devia ser.

Certos principios immediatos dos órgãos não se encontram no sangue, posto que ahi se achem os principios constituintes. É necessario uma elaboração prévia antes de formar os elementos anatomicos, que lhe compete.

As cellulas, em consequencia dos phenomenos metabolicos passados no seu interior, resultado talvez d'uma acção catalytica do nucleu sobre a substancia que o cerca, são as partes mais competentes para operar a elabo-

ração indispensavel aos principios immediatos, que tirados do sangue devem ir formar os elementos anatomicos dos diversos tecidos.

A sua formação é pois o facto principio do desenvolvimento de tecidos d'ordem superior.

A nutrição d'um órgão exige como condição essencial a formação do elemento cellular no blasteme derramado entre os seus intersticios. Mas, como nem todos os tecidos são formados de cellulas, é necessario, que este elemento se modifique, ou seja substituido por outro mais permanente, e analogo ao dos órgãos.

Como se opera esta transformação? Novas difficuldades apparecem; novos obstaculos sobrevêm á resolução do problema.

Continúa.

F. A. Alves.

Origem das leis da amortização.

Corpos de mão morta.

Continuado do n.º 6. ¹

Não é nosso intento escrever a historia das perseguições, com que tanto foram opprimidos e cruelmente atormentados, especialmente na era de Diocleciano, ou dos martyres, aquelles, que, vendo compridas as profecias, e realisadas as figuras do testamento antigo, creram em Jesus-Christo, e reconheceram 'nelle o Unigenito do Eterno, enviado por seu Divino Pae ao mundo, a estabelecer entre o Creador e a crea-

¹ Em o numero antecedente, pag. 2, col. 2, L. 18, deve ler-se: em que a seita ariana, que apparecera no reinado de Constantino, negando a divindade de Jesus-Christo, e por causa da qual havia sido convocado o concilio de Nicea, foi mui favorecida, e adoptada pelo imperador Valente, etc.

tura uma sempre duradoura alliança, contra a qual jámais prevalecerá o *espírito das trevas*.

Assumpto é esse, digno por certo de melhor aparada penna, e que mal se compadeceria com a estreiteza e limites da *Estréa Litteraria*, se porventura, esquecendo-nos de quanto elle é superior ás nossas debeis forças, nos propozessemos tratá-lo aqui.

Occupando-nos pois de tão barbaras perseguições, tivemos sómente em vista fazer, em certo modo, sentir qual a influencia, que sobre os rendimentos da Igreja tiveram até ao tempo, em que Constantino, vencido Licinio, seu ultimo competidor, nas batalhas de *Andrinople* e *Chrysopolis*, ficou, por morte d'elle, senhor unico de todo o imperio.

Como soberano christão, fôra um dos principaes cuidados d'este celebre imperador extirpar a antiga superstição, e adoçar, quanto possível, os costumes do povo romano, infiltrando-lhe no coração sentimentos de humanidade, e piedade christã.

Já se achava abolido o antigo e ignominioso supplicio da cruz, ora convertida em symbolo d'um amor infinito, qual o de Deus para com os homens: e já o christianismo, de seita desprezada, e tão obstinadamente perseguida, passará a ser a religião do imperio romano, theatro, por tanto tempo, de lastimosas scenas!

As Igrejas deixaram então de ser consideradas como *associações illicitas, e prejudiciaes* ao Estado, ás quaes não era permittido, sem infracção da L. 8, Cod. *de heredib. instituendis*, deixar alguma herança, legado, ou fazer doações; sem embargo do que, muitas d'ellas haviam começado a possuir bens de raiz desde o meado do seculo 3.º por quanto: acceso o facho da guerra, tanto externa, com os barbaros do Norte, que no reinado de Decio caíram pela primeira vez sobre o imperio romano, como interna, entre novos competidores no poder, os quaes, para assim dizer, a cada momento surgiam; era tal a confusão, e desordem das coisas, continuando ainda depois do cativo de Valeriano em poder dos Persas, que facil foi ás Igrejas escaparem á entorpecida vigilancia da citada lei.

Agora porém, que se achavam favorecidas pela L. 1, Cod. *de SS. Eccl.* a qual lhes concedia o direito de adquirir por testamento quaesquer heranças, ou legados, que lhes deixasse alguém; porisso mesmo que permittia a cada um a faculdade de, por sua morte, dispôr de seus bens, como lhe aprouvesse, a favor das Igrejas, nas palavras: *Habeat unusquisque*

licentiam sanctissimo catholico, venerabilique concilio decedens bonorum, quod optaverit, relinquere, começaram a adquirir livre e desasombadamente mui grande abundancia de bens immoveis, ou *de raiz*.

Muitos foram, além d'este, os differentes meios pelos quaes as Igrejas foram augmentando cada vez mais as suas riquezas, a ponto de dar cuidado aos imperantes civis o extraordinario poder da *ordem ecclesiastica* nos seculos da meia idade: e entre elles alguns apparecem, que bem mostram até onde chegaram as *ideas do tempo*, para não dizermos talvez o abuso commettido pelo clero d'aquellas remotas eras, servindo-se da religião para promover os seus interesses.

(Continúa)

A. M. V. da Costa Ribeiro.

Connexão entre todas as artes e doutrinas.

Opiniões dos philosophos gregos a este respeito.

(Continuado do n.º 6.)

Os academicos, a exemplo de seu fundador, opinavam, que o estudo das humanas letras e da philosophia comprehendia as artes e disciplinas.

Em verdade a metaphysica, a logica, a dialectica, que, entre nós, se consideram, como doutrinas particulares e diversas, entre elles eram tidas, como constituindo uma só sciencia, uma só doutrina, que nas escholas era designada pelo nome de philosophia.

A musica, a eloquencia e a poesia, segundo o pensar d'elles, não tinham um valor real, sem que os musicos, os oradores e os poetas se tivessem, primeiramente, dedicado ao estudo da philosophia, que, em seu cogitar profundo, olhavam como mãe, ou principio gerador de todas as artes e doutrinas.

É assim, que os gregos davam á mocidade as primeiras tinturas da sciencia, que, com o caracter d'universalidade, se encontram no foco da perfeição, na razão convertida em principios, na philosophia.

Do exposto concluímos legitimamente, que os philosophos gregos, de melhor renome, reconheceram, theorica e practicamente, a connexão doutrinal e scientifica, em todas as suas relações e aspectos differentes.

Em apoio da importancia practica d'esta doutrina, vem a historia politica e litteraria

grega, que nos mostra, que sob esta atmospheria moral, excellentemente elaborada pelos philosophos progrediu e floresceu a Grecia; porém, por uma fatalidade terrivel, que é o condão dos individuos e das nações, não tardou muito, que esta atmospheria se desembellezasse pelas nuvens tempestuosas e fulminantes, que o genio desregrado d'Aristoteles, disseminou a mãos largas, com grande desproveito das sciencias.

Certamente Aristoteles, de Stagyra, ainda que, por algum tempo, fôsse discipulo de Plão, não seguiu a opinião de seu mestre. O Stagyrita, que floresceu no tempo de Alexandre, rei da Macedonia, esforçou-se por separar completamente todas as sciencias, umas das outras; e por isso, não se contentando com a simples distincção doutrinal, ensinou, que as sciencias deviam ser estudadas particular e exclusivamente, e não como partes da philosophia: d'onde proveiu, que os seus sectarios estudavam, rejeitando as outras partes da philosophia, ou só dialectica, ou só physica, ou só metaphysica, ou só ethica, etc. Foi d'este modo, que, na philosophia, e, em geral, nas humanas disciplinas, se extinguiu a antiga côr, suavidade e belleza.

Em verdade os monumentos litterarios d'esse tempo, que podemos haver, mostram, que, depois de Alexandre, o estudo e respeito do vinculo, que ligava todas as artes e sciencias entre si, era absolutamente nenhum, porque os escriptores apenas, se occupavam em colligir ditos, factos, e narrações memoraveis, desprezando suas relações d'affinidade scientifica.

(Continúa.) J. Machado Cabral e Castro.

ODE

AO EXCELLENTISSIMO SR. VISCONDE DE CONDEIXA.

Illustre Magalhães, Visconde excelso,
De teus caros parentes e d'amigos
Sinceros eu te vejo rodeado,
E feliz te contemplo!

Do grande Oceano tens sulcado as aguas,
Sempre feliz das ondas acatado;
E logo que os pés firmas sobre o solo
A terra quer ser tua!

No vasto Imperio do Brazil tens sido
Dos dous Povos irmãos o doce laço;
Do grande Gama a nau por teu esforço
Veio ancorar no Tejo.

E a Patria agradecida a frente amavel
C'um diadema te cingiu de gloria!
Gloria que ha de passar do pae aos filhos,
Pois são imagens tuas.

Tua virtude grangeou-te a Esposa,
Que tanto te ama, e tanto os filhos preza;
O seu merecimento a faz brilhante
Qual 'strella matutina!

Tua virtude pois o ceu premea,
Porque, nobre Visconde, emquanto brindas
Amigos e parentes não te esquecem
Os pobres desvalidos.

Ah! se os ricos da terra assim soubessem
Da riqueza gozar, a humanidade,
A tempo soccorrida, menos victimas
Déra a crueis contagios!

S. de A. e S.

Este senhor por occasião da cholera no anno de 18.. estabeleceu á sua custa em Sernache um Hospital de cholericos; e foi nobremente imitado por alguns outros cavalheiros.

SONETO.

Verdes hontem, já hoje amarellecem
As lindas folhas do fronteiro arbusto;
D'aquelle tronco, na apparencia adusto,
Os brios vegetaes desaparecem.

Os circulos da seiva se esvaécem
'Nesse arbóreo colosso audaz, robusto;
Este ar ambiente levará sem custo
Eterno gèlo aos seres, que adormecem.

Eu já despido, eu já depauperado
Do sangue vivo, caloroso, e forte,
Idoneo aos fins, que preencher me é dado;

Eu decadente, eu victima da sorte,
Planta sem seiva, em terra derribado,
Vejo sem trepidar sorrir-me a morte.

A. P. Zagallo.

Da franqueza.

A franqueza — fonte da verdade, e insignia do homem honrado, é a melhor garantia da

nossa palavra, e penhor de nossos pensamentos.

Não carece de testemunho para ser crida, e seus protestos são incontestaveis.

Em si encerra todas as virtudes — não é mentirosa, nem lisongeira, nem embusteira, nem falsaria, nem vil, e abjecta, nem traiçoeira, e corrupta.

Promette, e não falta; inculca-se e tenta, sem ser fementida.

Tem por devisa a sinceridade, que a todos capta benevolencias, e por padrão a honra, que a ninguém engana, e para os probos bem merece.

É lhana e simples, sem atavios, nem composição; e na singelesa está o seu merito.

Patentea-se sem reбуço; e não foge para a occultas florir, porque no público mais brilha e fructifica.

Não teme os vituperios e cizania, e sanha do vicio, mas embala-se na virtude e probidade.

Nasce do coração puro, não viciado, entra-nha-se na alma sã, e illibada, e vem pousar nos labios sem affectação, e com criterio

Já teve culto na terra, e todos á porfia a veneravam.

Hoje parece ter d'ella fugido!...

E justo é que assim seja; pois desde quando a *malignidade* descobriu o segredo de lhe chamar *impostura*, não poderia ella cá em baixo achar quem a comprehendesse, e uzasse.

Eu penso que houve boa obra em d'aqui ir refugiar-se no céu, onde se conserva illesa, e sanctificada para não ser presente ao triumpho da *falsidade* e polluida pela *perversidade*.

Ext.

A minha filha.

Goza nina tranquilla, descuidada.
ZORRILLA.

É triste a vida, quando o peito é ermo
De affectos puros, que ventura dão;
Quando se busca ao soffrimento um termo
A paz dos anjos anhelando em vão!

É triste a vida, quando em cada seio
Somente achamos desleal traição;
Quando nos diz o coração «não creio...»
Descri de affectos, que mentidos são...»

E então ao peito de affeições vasio
Só resta um lume de immortal condão
Pois venha embora da descrença o frio;
Não morre a ardencia do gentil volcão...

É sancto o affecto, que te offerto agora
Em doce brinde, com prazer loução!..
Mate-me as crenças, o cynismo embora,
Que esta não póde derribal-a... não!...

A. M. da Cunha Bellem.

Recordações de Coimbra.

Continuado do n.º 6.

... Se reduce
A parer's noi felicitá
Ogni lor felicitá

METASTASIO.

v.

Enganosas são sempre para o mancebo as apparencias de felicidade! O presente, se não é para elle apenas um jardim de monotona indifferença, frequentes vezes se torna um escolho de variado soffrimento!...

E então a mente, exhausta de se balouçar 'num mundo ideal e phantasmagorico, debalde procura nas realidades do presente encontrar um abrigo onde repouse, até erguer de novo outro arriscado vôo, através das nevoas do porvir, 'nessas regiões desconhecidas, habitadas só por sonhos e por aspirações, arrojadas sempre e sempre irrealisaveis.

Tal como o viajante, que, descuidoso, subiu ao cume de escarpado rochedo, e que, alli, ao contemplar o vasto panorama, que aos seus olhos desdobra a natureza, esquecendo que o sol ia a mergulhar a frente no oceano, vê desdobrar-se-lhe o tenebroso véu da noite antes, que tenha descido os precipicios, assim o mancebo, que, ao cair do zenith dos seus sonhos de acordado, se encontra abandonado e só, nos tenebrosos precipicios do presente, maldiz a sua ambição de ter subido tão alto; porque então cada passo que dá, vacillante e tremulo, na senda estreita, entre despenhadeiros incomensuraveis, são mil dores a rasgarem-lhe o coração, que ha pouco se expandia de jubilo, é o desalento a dominar-lhe essa alma, onde ainda ha pouco vecejava o orgulho de se vêr tão elevado!... é sempre e sempre o positivismo da realidade a recompensar por horas de soffrimento os poucos instantes de chimerica ventura, que a imaginação lhe concedeu!...

Tal é a vida do mancebo, tal ha sido a minha vida!...

A. M. da C. Bellem.

(Continúa)

Amor-proprio e amor.

Tradução.

Continuado do n.º 6.

As mulheres nascidas no clima da Italia, de baixo d'um ceu azul, e n'aquelle ar, que res-

pira poesia, pintura, musica e amor não são guiadas pelos mesmos impulsos e sentimentos que as do norte mais frio e mais effectivo.

Clorinda não esperou receber as adorações de Paulo! Ella o amou, e a sua paixão augmentava de dia para dia. O talento indubitavel do artista, seu semblante intelligente, suas feições nobres e maneiras distinctas despertaram na alma da joven viuva as afeições de ha muito adormecidas!...

Era Clorinda uma mulher de entendimento superior e que muitas vezes se rira dos devaneios de Petrarca, Dante, Ariosto e Boccaccio. Agora comprehendia-os!...

Quam profundo era esse sentimento só então o sabia!...

Mas Zustana ficava sempre impassivel a todos os seus encantos, á sua amisade, ao seu tom condescendente, bem como ao seu talento e belleza. Admirando-a e respeitando-a muito, elle via tudo menos o seu amor.

Não fôra ha muito tempo, que a bella viuva começara a notar a saída do palacio tão cedo, o seu modo mysterioso de ir, e a circumstancia de nunca voltar senão no dia seguinte ao nascer do sol, que sempre o via a trabalhar. De repente apoderou-se d'ella a idéa, de que o pintor, em Veneza tinha alguem, que estava de posse de seu coração e a cujos pés elle fá todas as noites confessar o seu amor. O ciume apoderou-se d'ella!...

Passou uma noite a reflectir; suspeitou de tudo, que se lhe apresentou ao entendimento, e, levantando-se com febre e doente, n'aquelle dia ficou no quarto a sós com os seus livros e com a sua ardente imaginação.

Uma hora depois do anoitecer, Paulo com o chapéu carregado sobre os olhos, embuçado na sua capa e de mascara, se encaminhou para uma gondola, que o esperava e partiu. Outra gondola que se achava do lado opposto do canal, com as cortinas corridas, apenas a do artista se pôz em movimento a foi seguindo. Zustana, que nunca depois de sua chegada a Veneza fôra espreitado ou seguido, não deu attenção a isto.

A sua gondola, parou, como costumava, deixando-o desembarcar e continuando depois o seu caminho. Da outra, que a acompanha sem desconfiança de Paulo, saltou um homem tambem embuçado, de mascara e de chapéu de plumas, que, caminhando juncto da parede, o seguiu.

Surprehendido e admirado parecia o incognito ao ver as paredes sujas e lojas baixas

(pela maior parte de fatos velhos, de trapos e de outros objectos de pouca importancia); mas, com o receio, de perder de vista o pintor, seguiu-o de tão perto, que, quando este desapareceu de repente, avançou rapidamente a tempo de observar, que elle tinha entrado 'num corredor escuro e subia com passos vagarosos uma escada de caracol frouxamente allumiada. O estranho seguiu-o cautellosamente, palpando com as mãos o caminho, e parando sempre que sentia parar o artista. Zustana, quando chegou ao cimo da escada, mettu uma chave na porta; — viu-se uma luz e elle desapareceu!

(Continúa)

E. O.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 6.

V.

De que serve uma batina.

« Quem tem capa sempre escapa. » É este um ditado, que se julga mais velho que a proverbial Sé de Braga; mas que eu, em profundo estudo sobre um livro antigo de author anonymo (porque os antigos tambem já amavam o anonymo), descobri ter-se originado das immensas garantias, que offerece esta parte do habito escholar.

Na realidade, a capa é para o seu dono abrigo tão seguro como a casca para o caracol, que sem ella ficaria reduzido á humilhantissima posição de lesma; assim como o estudante, do mesmo modo, sem capa, não passaria de uma lesma social, inhibido de viver a sua vida privativa e excepcional talvez, porque não poderia então affrontar impunemente os temporaes da opinião pública.

De facto, um estudante rebuçado na sua capa, com o seu gorro enterrado até aos olhos, parece-se e confunde-se com todos os seus collegas, que trajam de igual maneira; e assim pôde atrever-se a executar essas *partidas valentes*, segundo a phrase academica — e que traduzido em vulgar quer dizer — *disparates monstruosos*; porque, depois, na absoluta impossibilidade de se attribuirem taes actos ao seu proprio author, attribuem-se ao corpo colectivo chamado academia

O academico renuncia pois ao direito de paternidade da sua gentileza, e escapando á merecida censura, recebe apenas o quinhão, que lhe cabe do stygma lançado sobre toda a clas-

se, e do qual, dividido por mil pessoas, toca um bocadinho tão pequeno a cada um que não encommoda coisa alguma!... É assim que a academia mata gatos a deshoras, apaga e quebra os candieiros da illumination pública e faz arruaças á porta de meia duzia de lamechas, que se digna alcunhar com o epitheto de c...; dizendo-se ao outro dia, que a academia fez isto ou aquillo, quando novecentos noventa e seis dormiam socegados nas suas camas e apenas tres ou quatro percorriam as ruas com seus innocentes brinquedos!...

Ora, se a capa tem tantas vantagens, a batina não deixa de ter menos, apesar de ser mais sisuda, de modo que o estudante, quando se dispõe a ir para essas pandigas nocturnas, se desembaraça d'ella trocando-a por garrida jaleca á hespanhola ou rafada quinzena, que serviu de palio rico na sua aldêa durante as tres ultimas ferias grandes, e que hoje não presta senão para envergar, ás noites, por debaixo da capa, que nas troças livra de ser reconhecido.

A batina é uma coisa, que se poderia assemelhar á batina ou loba, que usam em toda a parte os ecclesiasticos, mas que se lhe não assemelha pelas immensas metamorphoses por que tem passado.

Todas as phases do progresso têm influenciado no modo de ser d'este habito, e até a moda caprichosa, que o grande Marquez de Pombal suppoz jámais poderia invadir a batina, modesta filha dos conventos, até a moda perverteu a pobre louça, que, de honesta e singella, se tornou coquette e garrida a ponto que talvez nem o seu instituidor a conhecesse!...

Em tempos antigos, era a batina uma especie de sotaina de pano preto, comprida até abaixo do joelho, adornada por diante com a sua abotoadura fingida e botões de crina e aberta por de traz — por um singular capricho — até á cintura, para dar entrada ao corpo. Depois a batina começou a soffrer transformações; e a abertura mudou-se para diante (e esta foi rasoavel), os botões de crina foram substituidos por grandes e janotas botões de duraque, as mangas alargaram-se á moda e forraram-se de sedas e setins de varias côres, finalmente até feições lhe fizeram na cintura com os seus dois botões á moda de casaco; e maneira que hoje, se acaso julgaes vêr saír uma batina debaixo da capa escholastica; é engano! sãe um perfeito casaco, com que o estudante se pôde apresentar em público, sem receio dos

incidentes, que lhe podiam sobrevir outr'ora, quando as batinas eram abertas por de traz, mórmente 'numas certas chamadas de avental, que não eram mais do que um avental de cozinheiro de pano preto e com mangas, ou uma especie d'aquella farda bordada de Porthos, que só tinha frente.

Ora imagine o leitor como ficaria um estudante, se um outro imprudente d'Artagnan lhe arrebatava a capa, especialmente se elle tinha as calças ou as ceróulas rotas 'num sitio, onde é muito frequente o romperem-se e onde se lhe pregam por isso os fundilhos!...

Mas... benevolo leitor, aqui humildemente te vou implorar que perdões esta longa digressão, em que entrei pelo interesse de te fazer conhecer as variantes por que tem passado o habito academico desde os primitivos tempos da batina-batina, até ao modernissimo da batina-casaco; e eu, feita a promessa de emendar-me, proseguirei muito direitinho no importantissimo assumpto, que prometti tractar 'neste capitulo e do qual não arredarei nem um passo!... Attenção pois, que eu principio!...

Atando o fio á minha historia, começarei por lembrar aos meus piíssimos leitores a posição critica, em que deixámos o nosso amigo Ricardo Pereira de Aboim, ás duas horas da tarde do dia do baile e sem ter nem cinco réis para comprar um par de sapatos.

Orã imaginai-vos 'naquelles assados, e vêde em que torturas não estaria aquella pobre alma, sem achar meio de saír de tão apertado trance.

A sr.^a Maria já tinha posto o jantar na meza, mas Ricardo ainda lhe não tocára; a sua mente achava-se muito preocupada para que a attenção se podesse applicar aos feijões com repollo!...

Outra personagem tinha entrado no quarto e sentára-se á mesa sem tugir nem mugir. Era esta uma mulher de 25 annos pouco mais ou menos, soffrivelmente bonita, chamada Carlota, e que era filha da sr.^a Maria.

Não é preciso explicar ao intelligente leitor que papel desempenhava Carlota em casa de Ricardo; é bastante que elle saiba, que Carlota estava mal com o nosso estudante por este querer ir ao baile, porque é da natureza d'estas vestaes o quererem bestificar um pobre, que as atura, a titulo de bem entendido ciu-me!... E quem sabe se ella teria um presentimento?... talvez!...

A boa da rapariga estava amuada desde o

dia antecedente e não tinha fallado ao seu Ricardo; mas agora a voz do estomago foi mais imperiosa que a do brio, e por isso, como visse que elle se não resolvia a vir jantar, bradou-lhe com certo humor:

— Então, Ricardo, vens para a mesa?...

Ricardo acordou da abstracção em que estava mergulhado, levantou a cabeça e disse:

— O sr.^a Maria!...

— Meu senhor!... respondeu esta.

— Leve-me esta batina ao Simon e peça-lhe tres pintos sobre ella até ao dia 27 — disse Ricardo desenhando a batina.

— Sim senhor, — respondeu Maria — mas é preciso fazer ahi um bilhetinho.

Ricardo chegou-se á mesa, rasgou a ultima folha de outro livro e escreveu:

« Pedem-se tres pintos sobre essa batina até ao dia 27 ás 5 horas, podendo dispôr d'ella no caso de se não tirar 'nesse dia.» Deitou-lhe arêa, dobrou e entregou á velha, que já tinha posto a sua capoteira pela cabeça e mettido a trouxa debaixo da ponta da mesma.

Carlota não tinha dito nem palavra! mas ao vêr sair a batina não se pôde ter e exclamou!...

— Tambem tu tens vontade!.. com que has de sair amanhã?...

— Saio só com a capa.

— É bonito!... E tudo isto para que? para ir ao baile!... olha tu que lá vaes, não vaes lá por bom! não se me dava de apostar em como já tens algum namoro! E eu que o sonhasse!.. Mas tu já não és o mesmo que eras antigamente, já sáes de casa sem dares cavaco, sem dizeres para onde vaes e sem me contares o que fazes!... A mim bem me tinham dito!... mas, olha que se eu adivinhasse que tu que tinhas algum namoro não té deixava ir, inda que eu cuidasse de ser feita ás postas!... Havia ter que vêr! eu aqui a levar vida negra para v. m. ir namorar para o baile!..

A ladainha promettia ser eterna. Ricardo tinha escutado com resignação evangelica, mas a paciencia estava a esgotar-se:—Oh! mulher, deixa-me — disse elle com tom aspero!

— Bem sei! bem sei! não lhe faz conta ouvir as verdades!.. O senhor tem dinheiro para ir ao baile e não tem dinheiro para me comprar um vestido!... olhe! já a Joaquina me disse, que eu que era uma tolla de estar comsigo, porque me não dá nada! só lhe falta não me dar de comer, e esse mesmo! sabe Deus o que Deus sabe!... Se não fôsse minha mãe trazer-lhe o pão e outras coisas fiadas, e eu

ter o cuidado de pagar adiantado ao Jacob, não sei como isto havia de ser.

— Ricardo replicou:

— O mulher, não me apoquentes! então que queres? não és tu senhora do dinheiro todo que recebo?...

— E olhe que é uma fartura! não ha duvida! Já até o sr. Carvalho reparou em eu não ter senão dois vestidos de seda e disse-me, que eu fazia muito mal em estar comsigo, que era uma tolla, que o senhor não me adiantava nada!... Olhe como a Gertrudes já tirou o pé do lodo com o rapaz com quem está!... esse sim, que já lhe deu tres vestidos e um cordão!... E elle que me andou a desinquietar para ir para elle!...

— E então por que não foste?...

— Ainda o pergunta!... olhe que havia de ficar arranjado sem mim!... se o não estimasse tanto!... sempre sou bem asna em me estar a apoquentar!... mas então que hei de fazer! sou tão sua amiga!...

Carlota comprimira tanto as glandulas lacrimaes com as costas de mão, que duas lagrimas lhe deslisavam pelas faces! Ricardo sensibilisara-se. O parvo não via, que estava a ser disfructado 'naquella scena de pathetico romanticismo!...

— Pois sim! mas eu tambem faço-te tudo o que tu queres, é bem que me não constranjas agora 'nisto — lhe volveu este com ternura.

— Mas não me faz a vontade 'nisto, 'numa coisa tão pequena! — tornou Carlota com rispidez.

— Não posso!...

— Diga antes que não quer.

— Não é isso, filha, valha-te Deus. Não posso faltar ao baile.

— Então por que?... é lá preciso para alguma coisa?... pois, olhe, passava-se lá bem sem o senhor!.. se lá vae é porque muito bem quer, porque tem vontade de ir, porque me não quer fazer o que lhe eu peço!..

— Escuta mulher! Bem vêes que tive um cartão a convidar-me, e então hei de ir por força, quando não parece mal; tu bem sabes.

— Então que tem que falte?.. vem-lhe cá tomar satisfações?...

— Não; mas o doutor é meu amigo; a familia d'elle é muito conhecida da minha em Lisboa, e elle, não contenté em me mandar aqui convidar, encontrou-me hontem na rua e matou-me o bichinho do ouvido a dizer-me que não faltasse, que lá esperava por mim, que ficava triste, que se púnha mal comigo se eu

faltasse! Em fim apoquentou-me tanto, que me obrigou a dar a minha palavra de honra!.. Pois então porque é que eu me tenho apoquentado, para arranjar dinheiro para ir, senão por isso? pois por meu desejo decerto que não é.

Carlota sorria-se de prazer! tinha engolido a pilula!...

Ricardo, apezar de completamente dominado por essa mulher, mentia-lhe o mais amorosamente possível; e ainda assim lhe ficava em divida das muitas que ella lhe pregava!...

A sr.^a Maria acabava de entrar, trazendo na ponta da sua capoteira os tres pintos em cobre, que mr. Simon lhe emprestara até ao dia 27.

Ricardo bradou victoria!...

Eis de que serve uma batina.

(Continúa.)

Um estudante.

CHARADA.

Ver-me-heis em toda a cabeça }
Quer do heroe, quer do vulgar: } 1

Mas só do heroe a cabeça }
Tu me verás ir adornar. } 2

Intento a minha cabeça
Com uma borla adornar;
E querendo um gráu p'r'a cabeça,
Estou sempre a receiar
Que alguem lhe dê na cabeça
De um gráu por ora me dar. C. B.

AGRADECIMENTO.

Encetamos hoje o segundo trimestre da Estrea, favorecidos pelos nossos assignantes, que já nos deram a certeza de renovar as suas assignaturas, e confiados, de que os que ainda nos não manifestaram a sua decisão, não hesitem em seguir tal exemplo. Aquelles senhores a nossa sincera gratidão; e a estes não duvidamos já de antemão dirigir os nossos agradecimentos, tal é a confiança, que nos anima.

Faltariamos tambem a um dever, se não aproveitassémos esta occasião para dedicarmos os votos do mais profundo reconhecimento ao nosso particular e obsequioso amigo o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, digno administrador da Imprensa da Universidade, pelo assiduo empenho com que se tem esmerado na regula-

ridade e nitidez d'esta publicação, augmentando assim não só o credito do estabelecimento, que tão intelligentemente dirige, como tambem os muitos motivos por que se torna crédor de nossa dedicada estima.

EXPLICAÇÃO DO ENYGMA E DA CHARADA DO NUMERO ANTECEDENTE.

A do enigma veiu já publicada no n.º 450 do Conimbricense por um delicado curioso a quem hoje dizemos que foi perfeitamente advinhado, assim como já o foi tambem por muitos dos nossos leitores; para satisfazer porém ao uso e á exigencia de alguem, que nem se dêsse ao trabalho de o adivinhar, nem lêsse o citado jornal — aqui o damos:

A Camões.

Foi Gama entre os heróes maior que um nune Albuquerque era um Deus na hora extrema,
E pela nação Castro a vida arrisca,
Sem que desabe a crença, sem que trema.

E outros inda mais ha assim como estes
A quem cerca a victoria como seus lustres
A ponto que o Universo se embebece
D'esta ganhada fama e acções illustres.

Mas Camões sobre todos patriota
Se o capacete põe vence os alfanges
Se empunha a lyra vae o nosso nome
Da fama na trombeta além do Ganges.

Lapa dos Esteios 6 de Setembro.

A da charada é — **Sabbatina.**

EXPEDIENTE.

Aos nossos assignantes de fóra de Coimbra, pedimos desculpa da demora que houve na remessa do n.º 5 e 6, a qual proveiu de causas, que não podémos remover: porém de hoje em diante promettemos ser exactos na remessa dos numeros nos dias 1 e 15 de cada mez.

A estes senhores lembramos tambem, que, se por maior commodidade sua quizerem mandar satisfazer os importes do 2.º trimestre das suas assignaturas — o poderão fazer em estampilhas de 5 réis, dirigindo-se a A. M. da Cunha Bellem — Coimbra.

ESTRÊA LITTERARIA



N.º 8

JORNAL RECREATIVO



Vol. I

1858 - JUNHO - 15

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradece-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Annuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
{ Com estampilha 270 »

Breves considerações ácerca do mechanismo da nutrição e secreções.

Continuado do numero 7.

A mudança que certos elementos anatomicos apresentam na sua conformação, volume, etc., sem alteração na natureza denomina-se *metamorphose*.

Todos os elementos anatomicos dos vegetaes são dotados d'esta propriedade: primitivamente spheroidaes, chegados a um certo gráu de desenvolvimento se tornam polyedricos, alongados, ou achatados, e pela sua reunião formam os diversos tecidos, e órgãos das plantas.

Mas não é só nos vegetaes que acontece isto. Ha certas partes dos animaes, que se denominam *productos*, cuja origem se deve buscar em transformações d'ordem identica. O epithelio das mucosas, a epiderme são resultado d'uma simples *metamorphose* de cellulas.

Este modo d'origem de tecidos, que os modernos concedem só aos *productos*, era por Schwann generalizado a todos os elementos anatomicos.

A fibra muscular, os tubos nervosos dependiam d'uma *metamorphose* de cellulas, do mesmo modo que os *productos*.

« Ha partes nos animaes que os anatomicos chamam *constituíntes*. Os caracteres d'animalidade lhe são proprios. A cellula não fórma *directamente* estes tecidos. Para o seu apparecimento ha substituição, e não *metamorphose*. Formadas as cellulas no *cytoblasteme*, elaborados dentro d'ellas os principios immediatos necessarios dos órgãos, e que só ahi se encontram, dissolvem-se 'neste mesmo *blasteme*, e os elementos definitivos apparecem como consequencia d'uma geração nova, effectuada no *blasteme*, resultante da liquefação. Só os ani-

maes têm este modo de geração, e desenvolvimento, e unicamente nos elementos anatomicos dos tecidos constituíntes. »

Tal é em resumo a modificação, que Robin apresenta á theoria cellular de Schwann, compondo-a de duas — a da *metamorphose*, e a da substituição.

Será racional e fundada em factos esta alteração? Que necessidade haverá de se dissolver novamente a cellula, que se havia formado? Não constitue ella um gráu d'organisação mais elevado do que o do *blasteme*? A natureza havia de retrogradar na marcha da organisação, que deve tender a aperfeiçoar cada vez mais?

Continúa.

F. A. Alves.

Connexão entre todas as artes e doutrinas.

Continuado do n.º 7.

Opiniões dos philosophos romanos sobre a mesma materia.

Transplantadas da Grecia, as artes e as letras foram cultivadas pelo genio ardente dos Romanos, os quaes, recebendo-as, as conservaram, e, d'algum modo, desenvolveram, segundo o caracter scientifico, de que Aristoteles as revestira; porém, como este caracter não era o proprio, para o progresso da intelligencia, os talentos principaes, que Roma viu surgir de seu seio, deviam seguir diverso rumo, fazendo renascer, principalmente com relação ás sciencias propriamente moraes, as idéas tão fecundas, como logicas, de Platão. Foi assim, que Cicero, abandonando, como insufficientes e

poucos solidas, ás idéas dos philosophos Gregos do seu tempo, se encostou a fontes mais puras como Xenophonte e Platão, onde formulou a sua doutrina mais pura, principalmente a philosophica. Cicero, pois, coherente com as idéas de Platão, reconheceu, que existia uma certa relação entre todas as artes e disciplinas, como elle mesmo confessa no exordio do discurso em favor d'Archias, em que diz — *que todas as artes, que se referem á humanidade, têm um certo vinculo commum, e se ligam entre si, como por um certo parentesco*. Ainda que diga sómente — artes — isto não nos deve causar confusão, porque, primeiramente, não se pôde conceber, que a relação, de que tractamos, se limite, simplesmente, ás artes, attenta a sua genealogia scientifica, e, em segundo lugar, o mesmo philosopho affirma a estreita e intima relação de todas as artes com a philosophia recommendando este principio de Platão — *que todas as doutrinas e artes se auxiliam reciprocamente*: por consequencia temos a nosso favor o testemunho de Cicero, que, como rhetorico, dialectico, philosopho, e jurisconsulto, é muito respeitavel.

E na verdade, segundo Plutarcho, Cicero pôde ser considerado, como um genio, verdadeiramente, encyclopedico, porque, levado pelo desejo d'aprender, estudou, com especialidade, a jurisprudencia, a eloquencia, a philosophia, e em geral todas as outras sciencias, que, em maior ou menor gráo, concorriam para a intelligencia d'aquellas; circumstancias estas, que nos auctorizam, ainda mais, a sua confiança e a veracidade e importancia do seu testemunho

A mesma senda pisou Quintiliano, declamador e rhetorico, que floresceu nos fins do primeiro seculo da era christã. Quintiliano, um dos admiradores de Cicero, concebeu e ensinou a sua doutrina na relação, que nos occupa.

Dos escriptores romanos aquelles que desprezaram a doutrina acima expendida, foram M. Terencio Varrão, Aulio Gelio, Valerio Maximo, e, com especialidade, Plinio. Na verdade, as produções d'estes escriptores, longe de participarem da natureza das de Platão, Cicero e Quintiliano, são systematisadas sem ordem, e, pela maior parte, sem critica; porém, se elles não nos favorecem em suas doutrinas, não deixam de ser, comtudo, inferiores aos outros, e por isso a sua auctoridade tem menor importancia.

Continúa. Joaquim Machado Cabral e Castro.

Ação dos acidos, como refrigerantes, na economia.

I.

Inculcas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ó leitores.

BOCAGE

É pela vez primeira, que ousamos aventurar-nos a offertar sobre as aras da publicidade algumas idéas scientificas! Aqui não valem os ornatos do estilo, nem os atavios da phrase, quando na essencia não ha um valor intrinseco na exactidão e clareza das idéas! É portanto arriscado e temerario o nosso passo, quando sabemos que o erro ou a inexactidão uma vez esculpidos indelevelmente pelo magico poder da typographia são, no futuro, um phantasma sinistro, que nos persegue sem cessar; uma sombra como a do remorso, que, de continuo, nos cospe nas faces a injuria pungente de sua gargalhada infernal!.. Conhecemos tudo isto e ousámos affrontar as procellas da imprensa scientifica, porque sabemos que ha dois pontos, áquem e além dos quaes não vae a satyra penetrante das gerações futuras!... é condão que pertence ao que nasceu muito bom ou ao que nasceu muito mau. A nossa estrêa scientifica não está decerto no primeiro caso....

Os acidos são inquestionavelmente uns d'aquelles compostos chimicos, que mais, no campo pharmacologico, figuram, como quem tão variadas acções apresenta, segundo os seus differentes grãos de concentração. Ninguém por certo desconhece os effeitos d'uma gota de acido sulfurico, por exemplo, sobre a pelle para que duvide da sua acção desorganizadora na superficie das mucosas intestinaes; e todavia ninguem igualmente ignora que algumas gotas d'este mesmo agente n'um copo de agua, convenientemente edolcurado, produzem uma bebida agradável, que acalma sensivelmente a excitação produzida pelo calor, pela carreira, etc.

Entre estes dois extremos, variados cambiantes offerece a acção dos acidos, segundo são mais ou menos diluidos, mais ou menos proximos da grande concentração absoluta, em que os seus effeitos como desorganizadores, como escharoticos são a todos bem sensiveis.

Será d'esse effeito tão simples e por todos apreciado, do acido diluido convenientemente, que nos occuparemos; pois que, talvez, não havendo ninguem que tenha deixado de experimentar o prazer recebido n'essa sensação refrigerante d'uma limonada, quando o calor os

incommoda, talvez, dizemos, muitas pessoas nem sequer pensassem na causa que lhe originava tão agradável sensação e a tenham confundido com essa outra, que se experimenta ao tomar, em tal estado, uma bebida fria, um sorvete por exemplo.

Bem notavel e frisante é comtudo a differença no modo de obrar d'estes dois agentes. As bebidas frigorificas refrescam o individuo, roubando-lhe ao organismo o calorico pelo proprio contacto; as acidulas actuam immediatamente sobre as fontes do calor animal; e, não lhe roubam o calorico desenvolvido, mas obstam ao desenvolvimento d'elle.

Qual é porém esse modo de obrar, conhecido apenas pelos seus effeitos?... como modificam os acidos as fontes do calor animal? como lhe paralysam quasi a sua actividade? em qual d'ellas obram de preferencia?...

Eis o que varias theorias têm tentado explicar!...

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

AO EX.^{mo} E REV.^{mo} SR.

D. Manoel Joaquim Barradas

MERITISSIMO BISPO ELEITO D'ANGOLA E CONGO
ETC., ETC., ETC.

ODE.

Do Deus eterno a Providencia augusta,
Creando o homem, lhe destina a sorte;
Do mundo os cargos, prelazias, thronos,
Ella reparte.

Talento, genio, e virtude, e graças,
Sublimes dons, a poderosa dextra,
Na tenra infancia, te infundiu, ó Principe
Da sancta Egreja.

Cristaes d'essa alma, virtuosa, grande,
A luz guardavam: e essa luz patente
Hoje fulgura radiante e bella!
É luz do mundo.

E Deus, que as luzes segregou das trevas,
Te destinára, como o sol ao orbe,
Para em Loanda allumiar as almas
Obscurecidas.

Missão divina valoroso abraça.
Derrama luzes, que se illustrem todos
Esses teus filhos, que adoptaste agora:
Filhos ditosos!

Do Céu os tramites, a senda augusta,
Lhes prega, eximio Orador sagrado,
E, mui zeloso, lhes aplanas os obices
Com esse baculo.

Sim, corre, vóá, Jehováh te chama,
E os filhos clamam, que não tem sustento;
Embora sintam os Elvenses todos
Saudade immensa!

Da patria tua, inexpugnabil Elvas,
Oh! não te olvides, que te foi tão grata;
Da plaga adusta, preciosas benções
Diffunde, esparge.

Elvas, 29 de maio de 1858. M. J. Pires.

SONETO.

Ceguei do dia á tarde; assim da vida
Á tarde chego; e que fazer me resta?
Olhos vólvo ao passado; elle me attesta,
Que frivolo assaz foi em longa lida.

Essa arvore não vês envelhecida,
Sem folhas, que nem sol, nem frio cresta?
Outr'ora seiva, brio da floresta,
Hoje cadaver, a morrer convida.

'Neste valle abundou fertilidade;
Hoje em magra aridez, sólo escabroso,
Nem para abrólhos tem fecundidade;

Mas cypreste além sóbe inda frondoso,
Que só nas ruinas, só na soledade,
Marca o fim do caminho ao desditoso.

A. P. Zagallo.

A un bel oiseau

BORDÉ SUR L'ALBUM D'UN JEUNE POÈTE.

Nal a'entendra ce maet rossignol

LAMARTINE.

Que dis-tu dans ton ramage,
Que dis-tu, gentil oiseau,
Qui ne chantes sous l'ombrage
Du tilleul ou de l'ormeau?...

Seras tu de jeune femme
Messager plein de douceur,
Qui viens enivrer une âme
Des accents de son ardeur?...

Seras tu de la tendresse
Le don le plus précieux,
Exprimant, dans ta caresse,
D'une amie les tendres feux?...

Oui! je crois! Dans ton silence,
Bel oiseau, tu dis plaisir,
Tes charmes disent jouissance,
Ton essor cache un desir!...

Et ta voix, qui semble muette,
Personne ne la comprend,
Hormis le jeune poète,
Qui s'inspire de ton chant ...

Celui seul sait ton langage,
Ton secret peut diviner!...
Que tu as son coeur pour cage
Et l'amour pour géolier.

Le 29 avril 1858. A. M. da Cunha Bellem.

Nova religião sentimental.

Le monde marche.

E. PELLETAN.

O mundo marcha, a humanidade aperfeiçoa-se, o progresso é uma verdade incontestável! Tudo com o maior affan se pôz a caminho e força o passo no empenho d'em breve tocar a meta das aspirações humanas. E como, se não temerem de cançar a meia jornada, largam velas á ancía do desejo, redobram de esforço; e eil-os vão a toda a pressa em demanda da almejada felicidade confiados na mui certa *perfeetibilidade indefinida*, e á porfia de quem mais correrá empregam o ultimo de suas forças 'nessa carreira veloz, precipitada, e irresistivel e galgam com azafama furiosa montes, valles, precipicios, e abysmos; que, a não ser tão longe o termo de seu proposito, haveria grande medo de que o pobre do infinito, como tomado d'assalto, fôsse galgado de dois pulos. Este nobre intento tão digno do elevado desvanecimento d'uma geração esperançosa, perante a qual os velhos tempos d'outrora, pécos e mesquinhos, fazem vergonha de trazer a cór do pejo ao rosto, não pôde restringir-se aos estreitos limites das elevadas questões da politica social. A propria religião, os mais intimos sentimentos moraes devassados, hão de soffrer a metamorphose da nova epocha, que vae raiar.

Desça a divindade do seu throno excelso no ceu empyreo! dissipem-se esses acanhados e

myopes preconceitos da sã moral, que outros *deuses* mais altos se alevantam! outra religião, outra crença, nova fé, melhores preceitos, lhe tomam o passo! Velhos tempos d'outrora! vossos desvarios não se herdaram, pertencem ás eras ominosas do obscurantismo e da cegueira! Hoje temos todas as alampadas do universo acesas, e não os sós do firmamento, de que falla o antiquado Genesis. Hoje tudo é luz, foram-se as trevas, e um mancebo imberbe tem mais sciencia infusa, do que os mais abalissados genios da tropega antiguidade. Porque este seculo é o *seculo das luzes*, e todos são *luzeiros* da nova era do progresso! Senão vêde...

Desde o começo do mundo tem apparecido varios legisladores, que entre muitos desvarios se creram tambem prophetas, e começaram de ensinar doutrinas, e a estatuir religiões, cada qual mais abstruza, cuja infinidade cança a paciencia, e farta a imaginação, resumindo-se todas debaixo da denominação geral de pagãs. Além d'estas um povo solitario, e sequestrado do resto do mundo nos desertos da Arabia pelas suas tribulações, entra em commercio directo com a Divindade, e cria a religião do Deus unico; da qual derivaram a *christã*, e a *mahometica*. Todas as religiões pois se podem reduzir ás quatro principaes, pagã, judaica, christã, e mahometica. Não bastou porém aos peraltas e tafues, graves pensadores e esperanza viva d'esta epocha emphaticamente intitulado de civilisação, o que nos herdaram nossos avós; e de seu moto proprio arvorados em prophetas do progresso sensual, (*novos Epicuros* não escarmentados das aberrações d'um Saint-Simon, ou Fourier, que pretenderam instituir a philosophica religião humanitaria, e socialista!) ahí os temos a estatuir a *sua religião*, a que chamarei — *sentimental*...

Ora como tudo quanto de taes cabeças pôde sair não tem cruces, nem cunhos, e muito menos é possivel ser verdadeira creação de suas intelligencias estereis, ella é um arlequim composto de retalhos tirados ás outras.

Participa da pagã em dirigir as suas adorações a uma infinita multidão de *deuses*, quaes são os bons acepipes, bons vinhos, e bons manjares; as damas, a muzica, a opera, a comedia, o passeio, o jogo emfim tudo o que pôde divertir, e fazer passar vida alegre: — da judaica, pois bem como os judeus escarnecem da devoção, e aborrecem os crentes da fé viva, assim tambem esses autochratas da moda sustentam cru guerra e zombam, muito cheios de si, do pae

impertinente, da escrupulosa mãe, do tutor severo, do irmão melindroso, e de pedagogo recto: — da mahometica, porque apenas cuidam, e sempre sonham com o paraizo das *bellas, voluptuosas nymphas, encantadoras deidades*; pondo toda a sua bemaventurança nos prazeres terrestres: — emfim da christã conservam unicamente o *baptismo* da agua por fóra; mas porisso em bodas, saráus, bailes, jantares, e festas, com profusas abluções em honra de Bacho pertendem compensar o effeito d'aquelle com o *baptismo* de vinho por dentro. Tem o seu *papa*, é *belzebut*, *cardeas* são os devassos, *capella* o *botequim*, *cathedral* a *hospedaria*. As *perigrações* fazem-nas aos *amores*; de *indulgencias* lhes bastam os *olhares ternos*. A sua *biblia* é um *baralho*, de *evangelistas* lhes representam os *quatro reis*, d'*apostolos* as *damas*, e os *valetes* de *doutores* da lei. São preceitos seus os *peccados mortaes*, e de *confissão* lhes servem as *declarações d'amor*. Nas *canções amorosas* entoam *psalms*, em prendas ás amantes commutam as *esmolas* dos pobres. D'*oração* lhes vale a *comedia*, as *gazetas* suppreem *evangelhos*. Sua *bocca* é armazem de *bagatelas*, e os ouvidos de *vituperios*. Os encomios, que tecem aos seus crimes, e o alarde da sua prostituição, a que chamam *romantismo*, passam para os *novéis* por *actos dos apostolos*, e o *noviciado* d'estes serve de *deleite* aos depravados. Chamam *bemaventurados* aos socios mais perdidos e aos creados *anjos da guarda*.

Emfim como é ao serviço do *mundo*, *carne*, e *diabo*, que passam a vida, e porque a devassidão os impossibilitou com velhice precoce de serem uteis para alguma coisa, lá lhes prepara *Lucifer* reconhecido, em signal de gratidão, o *inferno* para *hospital de invalidos*. E. *le monde marche mais... c'est vers l'aby-me!*... — Eugène Huzar.

Extr.

Recordações de Coimbra.

Continuado do n.º 7.

De dia em dia as lagrimas saudosas
De afflictos corações estão regando
Marmorosas campas, urnas luctuosas.

BOCAGE.

VI.

Mil vezes hei levado aos labios a taça das amarguras, mil vezes mesmo a tenho esgotado até ás fezes!...

Ir inda na infancia desfolhar funereas rosas sobre a campa, em que meu pae dormia o som-

no do justo; confundir o pranto magoado, que dos olhos me brotava, com as sentidas lagrimas, que se deslizavam nas faces de minha mãe; comprimir o coração, que me pulsava no peito infantil ao som dos dobres do funereo sino tal ha sido o primeiro trago de fel, que hei libado ao despontar da vida!... Mas o amargor do absintio não estava inda exgotado!

Haviam apenas os maternas carinhos lo-grado enxugar as lagrimas, que dera á memoria de meu pae, quando um novo golpe veiu dilacerar esta alma predestinada talvez para o soffrimento! Esses mesmos carinhos, esse amor sem igual, porventura o unico, que ao manco era consagrado, devia-o tambem perder... e de novo ir plantar goivos em volta da campa, que me roubava minha mãe!...

São estas duas perdas, que nada pôde consolar!... são dois soffrimentos que jámais se mitigam embora venham novos affectos arceiga-se n'alma, embora novas crenças dêem vida ao coração paralyzado nos paroxismos febrís d'uma angustia sem limites!...

Ainda porém não deviam terminar aqui as frequentes libações no caliz dos soffrimentos!... novos tragos de fel me estavam reservados!... era mistér chegar a taça aos labios e exgotal-a... não d'uma só libação... mas lenta... mas pausadamente!...

E o destino compriu-se!...

A. M. da Cunha Bellem.

Amor-proprio e amor.

Tradução.

Continuado do n.º 7.

O estranho parou irresoluto apenas um momento. A casa estava edificada em róda d'um pateo quadrado semelhante a um poço; ahi havia um terraço. Retirando-se sem fazer bulha, o desconhecido achou-se ao ar livre, e caminhando como o ladrão nocturno, chegou a um logar donde se descobriam perfeitamente as janellas das casas em que Zustana acabava de entrar.

Um gemido, um suspiro deu a conhecer no estranho a condessa que desfallecera encostada a um pilar: este gemido, fóra occasionado pela descoberta, que acabava de fazer.

A casa para onde estava olhando achava-se illuminada brilhantemente e ornada com elegancia, ao lado d'ella (pois que Clorinda podia ver

tudo, como se houvera entrado) havia um pequeno quarto onde, juncto á cama, estava sentada uma velha arranjando uma criança para trazer a Zustana. Nos braços do pintor estava uma linda rapariga, simples e elegantemente vestida... o original da Psyché, que a filha do Marquez tanto havia admirado! Clorinda agora entendia tudo!... aquella imagem que ella julgára ser objecto da bella imaginação do artista era a cópia do original amado!...

A criança, um lindo menino com quasi um anno d'idade, foi trazida a Zustana para a beijar. Então, todos os seus modos selvagens desapareceram; então não era mais do que o artista, o creador, o genio d'arte; mas o homem. Sorriu-se, passou a mão pela face da criança, deixou-o apertar-lhe os dedos com as suas mãosinhas e riu-se com verdadeira alegria, depois voltando-se para a mãe arrebatada de prazer abraçou-a ainda uma vez e trouxe-a para uma mesa proxima da janella aberta.

—Que progressos tendes feito hoje? — perguntou o pintor alegremente.

—Vêde, — respondeu a joven mãe, apresentando-lhe um livro escripto e fallando aquelle dialecto de camponesa Siciliana, algum tanto aspero. — Penso, que finalmente posso escrever uma pagina muito bem.

—Excelente! — continuou o pintor sorrindo-se. — Oh! a minha Eleonora é uma perfeita fada! letra melhor nunca eu a vi! Já não é necessario dar-vos mais lições.

—Mas na leitura, — disse a joven menina, fallando, como um timido estudante, — nunca vos poderei agradar.

—Sempre me agradaes — exclamou Zustana — mas deveis evitar o mais possivel esse vosso accento de estrangeira.

—Farei toda a diligencia, — disse Eleonora com ardor; e tomando um livro começou a ler com a imperfeição d'uma principiante, porém com tanta pressa, com tanta graça, com um desejo d'agradar tão evidente, que, quando concluiu a lição, Zustana apertou-a ardentemente contra seu coração, e exclamou com os olhos abraçados d'amor e n'um tom apaixonado — Minha Eleonora, quanto vos adóro!

Continúa.

E. O.

Um dia em que M. de Nesmond arcebispo de Toulouse orava a Luiz XIV, faltando-lhe a memoria teve de se calar. Então o rei lhe disse com bondade. «Muito estimo senhor que me desseis tempo de saborear as bellas coisas que me diziais.»

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 7.

VI.

Retrospecto.

Em quanto Ricardo manda a toda a pressa buscar os taes decantados sapatos, enquanto trata dos atavios e adornos, que o devem tornar um *dandy* na *soirée*; vamos nós levar o leitor aos lares paternaes do nosso amigo, e, atrazando o ponteiro do tempo, vamos devassar-lhe os segredos do berço, quasi surprehendel-o em fraldas e coeiros; quer dizer, vamos estudar o seu passado... a sua biographia.

Ricardo tinha tido um pae e uma mãe, como todos nós, ou antes, como a maior parte de nós; pois que, além d'aquelle celebre ratão da fabula, que teve duas maes, muitos conhecemos nós cá n'este mundo de agora, que têm a honra de ter dois paes...

Fique pois sabido que Ricardo não era d'esses: tinha um só pae e uma só mãe, santo homem e santa mulher, que tiveram aquelle filho e uma filha, em Lisboa, na rua da *Rosa das partilhas* n.º 35; o que lhes dava direito a chamarem-se *alfacinhas* da *gemma*, coisa em que Ricardo tinha muita honra, especialmente quando os provincianos o cassoavam por isso.

Seu pae, o sr. Manuel Pereira de Aboim podia ter muito dinheiro, se o tivesse ganho ou algum lh'o deixasse; mas como não aconteceu nada d'isto, e elle era bastante honrado para o furtar, seguia-se que o sr. Aboim não era rico; nem antes do casamento, nem depois; porquanto a noiva trouxe-lhe muito amor, muita virtude, mas a respeito de dote... *nentes*. Uma filha d'um coronel de milicias que poderia trazer de dote?... Alguma barretina velha, ou alguma farda de morcego, que apenas servisse para as mascaradas do entrudo!...

Ora o sr. Manuel de Aboim, á falta d'outro emprego, era procurador de causas, o que lhe rendia para viver n'uma honesta mediocridade, tendo a sua sopa, vacca e arroz ao jantar e ao domingo — e só ao domingo — batatas fritas ou salada para prato do meio.

O nascimento do nosso Ricardo foi um verdadeiro dom do céu; — e seu pae, que via n'elle um arrimo para a velhice, deliberou, desde logo, fazel-o doutor, para o que tractou immediatamente de collectar todos os seus clientes presentes e futuros com uns tantos por

cento em cada folha de autos, que lhe passasse pelas mãos!...

Se fôsse attendida a opinião de sua mãe o rapaz seria padre: seu pae, que queria ver o fructo do dinheiro gasto na formatura, e que não formava o filho só por luxo, queria que elle fôsse para medicina, mas o rapaz, chegando a Coimbra para não desconsolar nem um nem outro, matriculou-se em direito.

Ricardo brincou muito em pequeno; pulou muito, fez travessuras do arco da velha, de companhia com sua irmã e com um rapaz, que morava no andar superior das suas casas — no primeiro vindo de cima. — Este rapaz era filho d'um honesto empregado público a quem os atrasos de pagamento e os revezes da fortuna tinham reduzido a uma parcimonia forçada, que se parecia muito com a inopia, de modo que só lhe era permittido habitar no mencionado primeiro andar, começando a contagem do telhado! ..

Ambos quasi da mesma idade, Ricardo e Carlos (que assim se chamava o visinho), entraram junctos n'um collegio da rua do Loreto para aprenderem o *b-a-ba*, e, entre os receios da milagrosa sancta dos cinco olhos e os folguedos do sucto, afóra alguma gazetita que faziam para irem juntos grotar para os *Arcos das aguas livres*, assim passaram os primeiros annos da sua vida; ainda juntos entraram nas aulas das *Merceceiras* para estudarem varios preparatorios, até que em fim, contando Ricardo quinze annos, seu pae resolveu mandal-o para Coimbra. O rapaz choramingou ao despedir-se da mãe e da irmã, deu um beijo no pae, um abraço no amigo e partiu, confiado á direcção d'um bom veterano. Carlos viu-o partir com as lagrimas nos olhos: além de ir separar-se do socio de sua infancia, via com inveja que este ia ser doutor, emquanto que elle, por não saber em que se occupar, ia tornar-se *litterato*!...

Assim pois, emquanto Ricardo escanhoava, nas margens do Mondego, as já aprendidas regras de Genuense e Quinctiliano, o seu amigo, sobre as ribas do Tejo, traduzia *livremente* comedias de Scribe e extasiava-se deante das paginas traduzidas d'uma traducção de Schiller ou de Shakespeare!...

Ricardo fez os preparatorios, matriculou-se e foi seguindo o seu curso; e o seu amigo, esse lá estava em Lisboa, a repartir o tempo entre o cavaco dos botequins, as locubrações poético-romantico-litterarias; e á noite ia beber inspirações sentimentaes nos ultimos actos d'algun drama, graças á modesta senha, que

comprava com as economias réstantes da despesa da casa, que a mãe sollicita carinhosamente lhe dava para os seus *menus-plaisirs*.

Ricardo apenas chegou a Coimbra levou o seu gráu, soffreu muita cassoadá, muito enclão e mais *tuti quanti* soffria um caloiro que vinha entregue a um bom veterano, n'esses melhores tempos, que lá vão. Mas o que nem gráus nem cassoadas lhe podéram tirar, foi o maldito sestro de querer fazer figura, — e de pimpar de lord, janota e, o que ainda foi peor, de endinheirado. Ricardo tinha uma modestissima mezada de doze mil reis; mas nem por isso desanimou! Com a boa eschola de Lisboa, logo que pôde affrontar impunemente as cassoadas, correu botequins e bilhares, arvorou triumphantemente o charuto na bocca, travou relações, vomitou chalaças e bons ditos, e eil-o um *bon vivant*, um espirito forte a *la moda* de que se não podia já prescindir em qualquer pandega ou cavaco de botequim!...

O nosso heroe fez-se conhecido de todos os seus patricios notaveis por fidalguia, talento ou riqueza, dizendo depois, por toda a parte, que eram já seus intimos amigos, de Lisboa, que eram relações estreitas de familia e outras pafacoadas que taes; — o caloiro portanto teve bem o cuidado de occultar a verdadeira profissão do senhor seu papá e, por um bem entendido orgulho, intitlou-se filho d'um honrado negociante retirado do commercio, que disfructava pacificamente as suas rendas... pacificamente!... o pobre Manuel de Aboim que « andava sempre em corropio do letrado para a audiencia, da audiencia para o escrivão » emquanto que seu filho « não lhe escapava funcção » gastando á larga como se effectivamente fôsse filho d'algun barão de fresca data.

Como Ricardo arranjava dinheiro para aquella sancta vida, isso é mysterio, que pertence á moderna geração academica, muito mais illustrada e desenvolvida moralmente, que a dos tempos do *Palito metrico* que lá vão; — é e será sempre mysterio, mas que nem por isso deixa de ser a verdade real e conhecida. — O estudante, quanto menor mezada tem melhor figura faz em Coimbra! — eis o axioma!... Vêem-se ás vezes filhos de millionarios, que têm letra franca, que tiram por mez suas dez, doze moedas, andarem sempre sem uma de *xis*, não gastando em desperdícios notaveis, não passando até do miseravel cigarro *bregeiro* e por fim deixando ainda em cada anno um *deficit* dos seus cem mil réis a pagar!... e por outro lado pandegos, que têm ás vezes só doze e até dez mil réis de me-

sada, que as familias não têm onde caíam mortas, para lhe poderem mandar *extraordinarios*; e elles vivem, e elles luxam, e elles despendem em tudo o que lhes appetee e se se perguntar donde veio o dinheiro ninguem o sabe, nem elles mesmos talvez!... E não se pense que é para estes frequente o transe, que relatámos de terem de empenhar a batina, ou mendigar o crédito d'uns sapatos!... a qualquer d'esses, todos estão promptos a fiar, todos emprestam, porque elle soube engodal-os a primeira vez com a esperança d'um lucro certo, garantido pelos seus mentidos haveres, e depois com o receio sempre de desgostar um crédor de quem estão dependentes, as verbas do emprestimo vão-se succedendo umas ás outras sem segurança alguma, que valha em juizo, mas correndo sempre apóz a esperança ou receio de não perderem a primeira somma emprestada, se escandalizarem o devedor com uma recusa!..

Ricardo porém era ainda uma excepção ao estudante typo, que acabamos de descrever, heroe de *bico amarello*, que, se não é muito vulgar de encontrar na academia, não é comtudo tambem um ente da nossa imaginação: — é um ser que tem existencia verdadeira ainda que um tanto raro!...

Ricardo soffreu uma pequena metamorphose no seu modo de vida e era agora uma variedade d'este genero caracterizado pelo estudante amancebado, que não vive com luxo, que não entra em certas e muito dispendiosas pandegas, que tem, como vimos, de empenhar a batina algumas vezes, mas que, em geral, vive bem, sustenta a sua bella mais os seus caprichos e que a final se se perguntar donde lhe vem o dinheiro para tudo aquillo ninguem o saberá dizer!... mysterio, que talvez nem elle mesmo decifre!...

Effectivamente o filho do sr. Aboim, n'uma das suas orgias nocturnas do segundo anno, tinha levado Carlota para sua casa: ficou com ella ao dia seguinte por gosto, no outro por descuido, no terceiro por indifferença, no quarto por capricho, pois um dos seus companheiros lhe ponderara com calor de mais que fazia mal em guardar aquella rapariga comsigo; — e finalmente ao quinto dia ficou com ella por habito, chegou a tornar-se-lhe uma necessidade, e acabou por lhe ter esse sentimento bastardo e hybrido, tantas vezes experimentado pelos mancebos, e que eu, na minha crassissima ignorancia de physiologia dos affectos do coração humano, ouzo chamar, á falta d'outro nome, — capricho material; — sentimen-

to que não é o amor, mesmo o que se sente pela amante com quem já saciámos o fogo dos desejos, que não é a amizade que se dedica á espoza, mesmo a mais indifferente, depois que longo tempo de posse tem esgotado todos os recursos do gozo; mas que, a final de contas, é uma propensão para essa mulher, de quem a razão tenta persuadir-nos, que nos devemos affastar... mas emque a voz da razão não é escutada, ou, embora convencidos por ella, nos fallece a coragem para quebrar essa ligação, que presiste as vezes mesmo mau grado os sentidos corporeos, porque essa mulher é feia, porque não tem os encantos que nos poderiam attrair e captivar!... E todavia nós não amamos essa mulher e receamos que ella um dia nos abandone, e todavia trememos deante de sua ira e se ella um dia se mostra agastada, nós curvamo-nos á sua vontade, porque um sentimento, que não é o amor, que não é o encanto, que não é a amizade, mas que é um sentimento tão forte com todos estes prendeu essa mulher ao nosso destino!...

Fatal abjecção do espirito humano!... Quantas vezes conhecemos que essa mulher é digna de nosso desprezo, quantas vezes mesmo a detestamos, e comtudo aviltamo-nos a ponto de commetter infamias e baixesas por ella!... Entendam lá o espirito e o coração do homem!...

Tente desembulhar este dedalo quem quizer; que eu antes prefiro ir com os meus leitores ver como Ricardo se arranjou para o baile, que são quasi horas de entrar.

Continúa.

Um estudante.

CHARADA.

Agua sou sempre corrente — 1

Agua sou sempre inquieta — 2

E d'agua branda torrente

Viço e frescor me acarreta.

M. S.

A explicação da antecedente é — **Caloiro.**

EXPEDIENTE.

Tendo-nos até hoje declarado muito poucos senhores que recusam renovar a sua assignatura, consideramos como assignantes todos os que assim expressamente o não fizeram e como tal lhe continuamos a enviar o nosso jornal.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

ESTRÊA LITTERARIA



JORNAL RECREATIVO



1858 - JULHO - I

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Anuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
{ Com estampilha 270 "

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Tomamos a liberdade de lembrar aos srs. assignantes, que tenham a bondade de mandar satisfazer as suas assignaturas, para não soffrerem interrupções na remessa, como têm soffrido, por difficuldades em se fazer o expediente.

Breves considerações ácerca do mechanismo da nutrição e secreções.

Continuado do numero 8.

Não julgamos por extremo philosophico o modo de pensar antecedentemente exposto, nem os factos o confirmam. O tecido muscular é da ordem dos *constituíntes*, segundo Robin. Os fasciculos primitivos dos musculos no embrião de dois mezes são representados por fibras da largura de $0^m,002$ a $0^m,005$ com dilatações no seu trajecto correspondendo a nucleos oblongos. No quarto mez a sua largura é de $0^m,0063$ a $0^m,011$, e uniformes em toda a sua extensão. Pela sua secção transversal vê-se que as fibrillas não enchem o espaço occupado pelos tubos primitivos; acham-se agrupadas na periphèria d'estes tubos, constituindo um cylindro contendo no seu interior uma substancia homogenea: os tubos primitivos se acham envolvidos por um sarcolemme formado talvez pela reunião da membrana das cellulas, ao mesmo tempo que o interior da cellula fórma as fibrillas musculares.

O tecido nervoso está em caso identico, posto que seja da ordem dos *constituíntes*.

Os tubos nervosos devem a sua origem a modificação directa das cellulas embryonares: a

cór cinzenta e a fórma nodosa, que elles apresentam nos primeiros periodos da sua existencia confirma a doutrina de Schwann a este respeito. E se isto se dá na formação dos tecidos o mesmo deve acontecer no seu desenvolvimento e nutrição.

A composição, primeiro acto da nutrição, suppõe a saída do blasteme para fóra das paredes dos vasos, o apparecimento de cellulas, a metamorphose d'este blasteme, operada talvez dentro das cellulas, e a formação dos elementos anatomicos identicos aos dos tecidos, tanto normaes como pathologicos com que o blasteme estava em contacto, bastando 'nuns casos a modificação na fórma, volume, e disposição das cellulas, 'noutros sendo necessario modificações taes, que a cellula se transforme 'noutra especie d'elemento anatomico.

O acto de composição suppõe um outro inteiramente opposto — o da decomposição. Se assim não fósse os órgãos cresciam indefinidamente. As difficuldades na explicação d'este segundo tempo são eguaes, se não superiores ás que revestem o primeiro.

Tal é a doutrina que os physiologistas mais acreditados adoptam ácerca de nutrição, cujo processo se póde considerar uma repetição da geração.

F. A. Alves.

Continúa.

Acção dos acidos, como refrigerantes, na economia.

Continuado do n.º 8

Quando no campo physiologico dominava exclusivamente a doutrina de Lavoisier ácerca da respiração, isto é; quando se considerava

esta funcção como uma combustão, em que o oxigenio do ar, se combinava com o carbono excedente do sangue para formar o acido carbonico, resultando tambem a formação da agoa do excesso de oxigenio em combinação com o hydrogenio, era a este phenomeno vital, que se concedia a principal influencia no desenvolvimento do calor animal, e, consequentemente, se explicava a acção refrigerante dos acidos pela propriedade, que tinham os alcalis livres do sangue, de favorecer singularmente a destruição das materias organicas debaixo da influencia do oxigenio — *combustão lenta*; — e pela propriedade, de que os acidos gozavam de, combinando-se com aquelles alcalis, diminuir os efeitos da principal origem do calor animal — a mesma combustão lenta.

A observação, porém, de que preexistia acido carbonico formado; de que se desenvolvia agoa nas respirações feitas em atmospheras sem oxigenio; junctas ás faceis considerações de que no pulmão não havia um gráu de calor sensivelmente superior ao dos outros órgãos, de que o sangue das veias pulmonares tambem não tinha mais elevada temperatura que o das arterias do mesmo nome; de que nas pequenas edades (em que o numero de movimentos respiratorios, n'um dado tempo, é incomparavelmente maior) se nota uma pequena calorificação; de que a temperatura diminué depois do jejum e augmenta depois d'uma impressão moral; tudo isto, dizemos, chamou a attenção dos physiologistas, e fez caducar a theoria de Lavoisier, arrastando com ella o exclusivo dado á respiração no desenvolvimento do calor animal!...

A doutrina de Bouchardat ácêrca do modo de obrar dos acidos, que se baseava na theoria acima expendida, ficava pois assim prejudicada; accrescendo ainda que as experiencias de Wokler, Berselius, Golding e Orfila, nos vieram demonstrar, que os acidos apenas obram livres no canal intestinal, onde se combinam com os princípios alcalinos da bile, succo pancreatico, etc., formando compostos soluveis e insoluveis, proprios para serem absorvidos ou eliminados pelo mesmo canal, de modo que, passando ao sangue, como á urina, n'este estado de combinação, elles não lhe poderiam ir destruir a alcalinidade, neutralizando-lhe suas bases; e por conseguinte a interpretação, dada por Bouchardat ao facto da acção refrigerante dos acidos, não só é inadmissivel por estar em opposição com as doutrinas physiologicas hoje professadas, mas ainda o deveria ser mesmo

quando no emporio das sciencias campeava a erronea theoria de Lavoisier, se se tivesse conhecido das tão singelas observações chemicas acima enunciadas!...

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

Dos falsos prazeres.

Quid valet hic mundus?

« Veiu o homem do pó, e ao pó ha de volver não sem, no longo perpassar d'infidos annos, ter mil vezes maldito a hora que o viu nascer e a vida amargurada que arrastou na terra.

« Quer trilhe indocil a estrada dos prazeres, quer siga austero a ardua senda da virtude e sabedoria; lá está no fim em vez de marco miliario, onde repouse d'improbos, e acerbos trabalhos que levou na vida, sorvedouro insaciavel, precipicio insondavel, em que é misto despenhar-se impellido por força irresistivel, sorte immutavel.»

Desgraçada condição humana!... Nada ha mais aprazivel para o insensato, que d'aqui não vê a eternidade, e que goza á larga na terra dos prazeres seductores, e traiçoeiros que lhe ella offerece para encanto dos sentidos, satisfação do pensamento, e perdição da alma, do que seguir ávante, por esse mundo além, a estrada da felicidade; alcatifada de flôres, ornada d'innumeras maravilhas, saídas das mãos do Creador para ostentação do seu poder infinito.

Que formoso panorama alli se não devisa!

Que louçania e graça por ahi se não desprende!

Que deleitosa perspectiva a nossos olhos elevados se não afigura tentadora!

Mas está lá a perdição! Dois passos, não mais, corridos 'nella, e a maldição de cima te perseguir o desventurado, que, em seu cego e ledo engano, não, previu o desastroso fim, que o espera.

Oh! tu! cuja ambição se resume na fruição dos deleites terrestres! se teus sonhos dourados em anhelos vehementes te pintam á se frega imaginação divinaes prazeres d'infinita delicia; mentirosos desejos da mente tresvariada não te illudam, e a enganosa esperança te não embale com fagueiras promessas, do que, se te promete d'embusteira, de mesquinha não no póde cumprir. É a estrada dos prazeres encantadora! Segue-a, e caminha: ávante, attenta bem.

— Verde e copado arvoredado d'opulento pomar, assoberba a uma e outra borda a magnifica estrada, que vaes trilhar. Por entre as folhas se lobrigam sazonados fructos appetitosos, que, offerecendo ao viandante traidores regalos, alardeam em suas galas as cambiantes côres da garrida iris; despertam desejos, e apuram tentações, de se lhe não poder fugir... cõhe um; parte-o; e que topas? cinza por dentro, como nos pomos de Sodoma!

— Além corre fresca fonte, crystallino arroyo, cuja lympha mais pura, que limpido olhar de virgem candida, com somnolento cicio derivando fugitiva, se desliza por entre os lubricos seixos d'um leito semeado de preciosos aljôfres, e guarnecido de ternas e meigas boninas.

Submersa em dôce gosó, com os espiritos d'aspirar salutaes perfumes embebecidos, juncto d'ella, em suaves enleios dos sentidos, cede a natureza ao prazer curtas horas de repouso.

Não bebas d'ella.... É sangue, se lhe tocam labios polluidos de torpes profanações.

— D'alli se desdobram á vista deslumbrada, formosas campinas de vegetação esplendida.

Brando tapete d'aveludada relva, recamado de variegadas flôres, moldando, combinadas com fino gosto, ás accidentadas ondulações do solo o mais engraçado matiz, por toda a parte de luxuosas louçainhas as cobre.

E ao corpo alquebrado de fadiga, ardendo em o abafadiço calor d'estuosa calma, magestosos alamos frondosos promettem contra os ardores d'um sol adusto benefica sombra de grato frescor em leito voluptuoso d'amena delicia.

Ao menos alli vê a imaginação os regalos do descanso.

Não te deites... Ha por lá, escondidas nas hervas, venenosas viboras, escorpões mortiferos, que roubam a vida com horrosos tormentos!

— Acolá assomam, nos confins do horisonte, lindas e poeticas collinas, por onde brincam as musas; e as nymphas em seus folguedos lhes transpõem contentes os vecejantes cumes, deslembradas do ramalhar da folhagem do bosque, e do aprazivel murmurio das fontes, para vir aos valles desafiar amores, despertar ciumes, nas delicadas e mimosas florinhas — quaes donzellas em dia festivo de noivado enfeitadas das pudibundas côres, que lhes realçam a peregrina formosura encantadora. D'ellas, ao bafejar da brisa, suavissimos aromas, que enlevam a mente extasiada, e intorpecem os sentidos ebrios de prazer exquisito, se exalam rescen-

dentos com o balouço airoso das petalas perfumadas.

Não vades lá... É logar defeso, a quem prazeres corruptos almeja e nutre impuros pensamentos!

— Além na encosta não vês magnificos palacios encantados? e ao derredor d'elles bosques espessos de copadas laranjeiras? D'aqui se devisam, bruxuleando por entre as folhas verdes, os pomos aureos. Quem não dirá serem os jardins hesperios!...

Habitam dentro os Faunos nos bosques, Venus, e os amores nos paços!...

E com alegres dansas, innocentes, e cantos maviosos, se passa por lá a vida no extremo gozo da felicidade terreal.

A libar dos deoses o nectar delicioso se afoagam opiperos manjares, saboreando em tragos amiudados a verdadeira ambrosia.

Melodiosos hymnos, harmonias divinaes d'inimitavel poesia, que ás espheras superiores d'angelical deleite arrebatam os sentidos com inefavel prazer, compassadas se ouvem a espaços de silenciosa pausa, interrompida apenas por brincos e folgares de galante e intima jovialidade.

É o paraizo, aonde o tempo corre breve, jubiloso, e descuidado, em extasi supremo de suprema ventura.

Mas... não te é dado penetrar no sanctuario privilegiado dos queridos do destino.

Fiques embora absorto d'assombrado a contemplar maravilhas, que nem de vista podes por momentos gozar!

Passa adiante, e não pares, que te não pára a vida, rapida escoada na ampulheta inexoravel do tempo.

A idade avança, a mocidade perdeste-a, e os membros lassoos cançam, vergando sob o peso dos annos, e de vagabundos extravios; e em anhele ancioso d'appetitosos regalos enfraquece a razão, que desvaira no infindo penar de não cumpridos desejos.

Agora, que vaes chegando ao logar das provações na terra; onde as almas fortes prepararam com sobrehumano valor em remissão das culpas a felicidade celestial d'eterna duração; repara, e vê: — quam perto na incerta e tortuosa senda da vida aos prados viçosos succedem desertos aridos, ás collinas frondentes escarpados pincaros de serranias bravas; como a amenas fontes, em que brincavam amores, se substituíram abysmos profundos, habitados só pela torva morte em solidão medonha.

Não tentes escapar á sorte fatal, nem atraz

volvas o pensamento, se desejas fugir ao maximo martyrio das accusações severas da inexoravel consciencia. A condemnação, traze-la estampada na fronte maldita com o indelevel ferrete de reprobo.

Avante, avante, segue e caminha. Não vês ao longe humilde cabana de miseravel aspecto, que se enxerga d'aqui? Está só no meio d'inhospito ermo.

Não a abriga copado freixo, que o solo é safaro, o sol queima, as fontes seccaram, e ao redor tudo está arido, como coração de precito... Alli te diriges. 'Nella habita velho decrepito, descarnado, macilento, d'olhos encovados, tez livida e tostada, d'alma tisonada, e de coração mirrado; com os cabellos erriçados, raros, brancos, ... é horrivel de vêr... é asqueroso... é immundo!... e chama-se... a *miseria!*... o paiz em que mora... o do *remorso* e das *lagrimas!*

Fica ahí, não vás mais longe; senão topas logo com a *desesperação!!!*... Que por ordem do Céu te esperam ambos para hospedar-te, e a ti só, em remuneração da tua insensata troca das virtudes pêlos prazeres.

Extr.

A SAUDADE.

(26 de Maio de 1838.)

... absens absentem audique, videtque.
VIRG. AEN. L. IV.

Dos louros a pousada
A branca pomba deixou,
E o sorriso dos prados
Pelas montanhas trocou.

A bonina côr de rosa
De saudade impalidece,
Dobra seu colo mimoso,
E de pesares fenece.

Dôces hymnos não entôa
Da floresta o cantor,
Só a floresta repete
Nenias, cantos de dôr.

Cansou o penar
A ave mimosa,
E as montanhas
Busca gostosa.

Se eu tivera
O dom de voar,
Eu 'nellas tambem
Iria habitar.

Anonymo.

Tendo ha pouco recebido esta bella produção lyrica do sr. M. J. Pires — gostosos nos demos pressa em a publicar, já pela deferencia e consideração que nos deve o author, já pela estima e admiração que votamos ao talentos collega a quem tal mimo poetico é offerecido.

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

Francisco de Paula Santa-Clara.

Et Poreille, attentive au charme de vos vers
Croit de Virgile même entendre les concerts.
FRANÇOIS DE NEUFCHATEAU.

Para ti natura prôvida
Sorriu-se na tenra idade,
E de ingenho, estro e bondade
Desde logo te dotou!
E tua estrella, mui lucida,
Brilhando no firmamento,
Te infundi esse talento
E, benigna, te inspirou.

A juventude, tão férvida!
(Estação tão perigosa!)
É para ti qual a rosa
Purpurea em lindo botão;
Os espinhos tem por ambito;
Mas encanta a louçania!
Se tudo n'ella é poesia...
A poesia é teu condão.

Esse trabalho, tão plácido,
Sacrificado ás Camênas,
Não faltando em Lusa Athenas
A teus deveres cumprir,
Revêla um genio mirifico,
Amante da soledade:
E se assim és 'nesta idade,
Que virás ser no porvir?!

De virtude o teu espirito
Adornado e de sciencia,
Já do Pindo á eminencia
Vejo brilhante subir,
E d'alli, com passo alipede,
Deixando as Musas saudosas,
Vens de Themis as famosas
Ordenações a ouvir.

És no dever tão sollicito,
Que por elle deixas tudo;
Choram Musas... ao estudo,
Tu jámais has de faltar!

Na vacação escholastica,
Fugindo da ociosidade,
A mui fervente saudade
Vaes então a mitigar.

Tu nos alegras, agillimo
Teu alaude pulsando,
A tua voz, echoando,
É do mais fino metal:
Toda a gente fica extatica,
Ouvindo tal melodia,
Não é humana poesia,
É um canto angelical! (-)

Elvas, maio de 1858. M. J. P.

Amor-proprio e amor.

Tradução.

Continuado do n.º 8.

Foi 'numa tarde de verão que um mancebo, de mala ás costas, um par de pistolas á cinta, um bordão que o ajudava a trepar os outeiros e montanhas e a atravessar as torrentes, estava no cume d'um monte, contemplando uma pequena mas deliciosa planície, em parte um ameno prado, e em parte uma terra de pastagem; aqui arvores, allí uma corrente tortuosa; pequenos outeirinhos, verde e gramíneos campos; além uma suave montanha, da qual pendia uma arvore de sombra, e tudo isto, allumiado pelo risonho sol da Sicilia, que aviventava toda a natureza e esparzia sobre ella seus dourados raios.

Depois de admirar por muito tempo aquella deliciosa paisagem o mancebo desceu vagarosamente um caminho tortuoso que conduzia ás margens do rio. De repente ouviu o tinir do chocalho das ovelhas, o ladrar dos cães e olhando ao redor de si para descobrir d'onde vinha o som, 'numa extremidade da terra de pastagem, a pequena distancia da corrente, viu o rebanho e a pastora sentada debaixo da sombra d'uma copada arvore.

Então caminhou immediatamente para ella sem lhe conhecer ainda a idade e a belleza. Era uma rapariga de deseseis annos, a mesma delicada e excellente *creação* que depois tanto commoveu Clorinda no quadro da Psyché e nas aguas-furtadas de Veneza. A vista do artista estava deleitada, o coração do homem estava cheio d'emoção. O pintor fallou-lhe, e ella

respondeu com timidez, mas com doçura: esquecido da pergunta que havia feito, fallou-lhe na belleza do paiz, no prazer de habitar em tal estancia, nos deleites de sua vida tranquilla e placida, e acabou por lhe perguntar se poderia obter um quarto para sua residencia emquanto completava uma serie d'esboços. A rapariga que o escutára com attenção e interesse quasi por meia hora, durante a qual elle estava trabalhando com o seu lapis, lhe replicou então que seu pae lhe offerceria um asylo em sua pequena casa, se elle se contentasse com uma habitação muito má e uma comida muito ordinaria. O mancebo accitou com muitos agradecimentos e depois mostrou-lhe o seu album.

— Virgem Sancta! — exclamou ella quando se reconheceu.

— Agrada-vos? — disse o artista, sorrindo.

— Oh! está bello! Como podeis vós fazer isto com um lapis? vinde depressa, que eu vou mostrar a meu pae!...

O mancebo seguiu-a conduzindo vagorosamente o seu rebanho, e bem depressa se achou em frente d'uma pequena casa com jardim, que ella lhe designou como pertencente a seu pae. Contemplando alegremente o desenho que tinha na mão a joven pastora, incapaz d'ocultar os seus sentimentos, entrou na sua casa correndo, em quanto Zustana, sorrindo, tomava o cajado da ligeira pastora, e, ajudado pelo fiel cão, conduzia para casa os pacientes animaes. Em dez minutos Eleonora tornou a apparecer, acompanhada de seu pae, seu irmão e irmã, vulgares camponezes sicilianos que não tinham semelhança alguma com esta perola extraordinaria occulta aos olhos dos homens no bello valle d'Arnola, mas que todavia estavam espantados pelo retrato, e receberam o artista com rude hospitalidade.

Zustana passou a residir com elles; procurou agradar-lhes e alcançou-o. Depois de muito poucos dias tornou-se o companheiro inseparavel d'Eleonora: Saíam junctos, elle para pintar, ella para olhar pelas suas ovelhas e ambos para conversarem. Paulo achou-a sem educação alguma, ignorante de tudo, sem saber ler nem escrever, e d'uma imaginação mesquinha, como devem ser taes naturezas.

Porém, havia 'nella um fundo de doçura e uma facilidade em comprehender que dava a conhecer que sómente circumstancias a tinham feito o que ella era. Paulo amou-a!...

E. O.

(*) Alludindo ás suas poesias latinas.

Continúa.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 8.

VII.

Novo meio de transporte para um baile.
entrada triunphante.

São oito horas da noite! Por um capricho d'estes que a natureza tem muitas vezes, dignou-se enviar uma trovoadas a toldar o bello céu de Coimbra, e as nuvens que se agglomeravam desde as tres horas, romperam as catadupas do céu ás seis da tarde, e desde então não cessara de chover. As ruas estavam um charco; e mal poderia atrever-se a affrontar os lamaças o asselvajado sapato dos da Beira, quanto mais o delicado e aflambrado par de botinhas, que eu tenho decantado em altisonantes capitulos.

Decididamente ha dias aziagos!

Não vos tem succedido muitas vezes, ao sair de casa, escorregares na escada e descido os degrãos com os lombos? não vos tem acontecido, n'esse mesmo dia, logo ao virar da esquina, topares, cara a cara, o vosso mais implacavel crêdor? ir a comprimentar uma senhora e machucar contra um pedregulho o vosso callo morgado, o que desafia os risos da cruel e quasi as vossas lagrimas? não teres dado dois passos sem que vos entre um mosquito para um olho ou uma pulga para debaixo da solla do pé? ir-vos a encostar ao mostrador d'uma loja, quebrares-lhe o vidro?... voltares a casa, não encontrares a carta, que esperaveis, ou, o que ás vezes é peor, enconral-a sem estampilha?... não vos tem succedido tudo isto? pois então accreditai no influxo malevolo d'algum astro tyranno, que, n'esse dia, vos olhou com maus olhos!!

Eu creio nos dias aziagos.... porque Ricardo é um exemplo! Ter de lutar ao mesmo tempo com a opposição de Carlota, e com a falta de tres pintos, já é o resultado do peor influxo, que o mais maligno de todos os cometas poderá ter sobre elle; mas, apenas limpando o suor de vencer tal lucha, ver-se assaltado por uma serie infinita de pequenas miserias, é a prova mais frizante de que esse dia era dos taes!! Foi ao cabelleireiro para fazer a barba e penteiar-se, e o cabelleireiro promettia não acabar de frizar os freguezes, que já lhe obstruíam a loja! Ora pelos motivos, que o leitor sabe, Ricardo não podia ir a outro cabellei-

reiro que não fôsse aquelle, porque só elle o escanhoava a crédito! Foi ao Lemos comprar umas luvas de pellica branca, e por muito milagre achou um par, filho unico, e que lhe era larguissimo; assim mesmo teve de contentar-se com elle e dar graças a Deus de o achar no Lemos, quando não, teria outra dança com as mãos como a que teve com os pés; e finalmente quando elle suppunha ter aplanadas todas as difficuldades, desaba-lhe uma corda de agoa, que quasi lhe gelava a esperança de poder ir ao baile!

«Umas galochas! uns tamancos... inclusivamente uma sege!...» reflectirá agora o meu intelligentissimo leitor!... «Alto lá, meu amigo!... Saiba primeiro se em Coimbra haveria para alugar uma sege, mesmo no caso de Ricardo ter dinheiro para tal! Ora, bem averiguado que em Coimbra não ha semelhantes meios de locomoção a alugar, e que mesmo umas capoeiras, com fóros de eternidade, que servem de vehiculo ás bellas, são emprestadas sempre e só se aluga a veloz junta de bois, que deve esforçar-se por arrastar aquelle *coupé* mais leve do que um dos primeiros omnibus da companhia.... averiguado isto, digo, fica a Ricardo, como unico recurso, o levar tamancos ou galochas; mas o que o leitor tambem não sabe é que, para ir de casa do nosso amigo para a *rua larga*, tinha de passar pela *rua dos Grillos*, *mac-adamisada* ou antes descalçada de novo, e portanto o lameiro era tão profundo, que um janota todo inteiro se poderia sumir n'elle, quanto mais uns tamancos!..»

Grave era pois o apuro! mas a força inventiva, que nunca desampara o homem nos momentos criticos, descobriu-lhe que o unico meio alugavel de não ir com os pés pelo chão era ir escarranchado n'um burro!!...

Effectivamente é novo, ir n'um burro para um baile!... mas Coimbra é a terra das grandes invenções. Um proprietario, que morava perto da sala do baile e que trazia obras nas casas, mandou com as taboas, que tinha armanadas, fazer da sua porta á do salão, uma ponte, por cima da qual passou elle e sua mulher.

São lembranças, que nem todos têm!... Ricardo, á falta de taboas, mandou chamar o Resteiro, seu freguez, pediu-lhe um burro fiado, e, á noitinha, aproveitou uma aberta para demandar o desejado porto, atravez do revoltor mar do lodaçal dos *Grillos*, navegando a bordo d'um jerico!

Coimbra é uma terra completamente exco-

pejonal! Aqui os divertimentos honestos e legitimos hão de sempre ser suffocados pela troca dissoluta e nojenta; pois que, embora meia duzia de rapazes queiram caminhar na senda do progresso, meio cento ou mais hão de tractar sempre de ferir com o ridiculo esses agradaveis passa-tempos e fazel-os baquear aos tiros das suas *espirituosas* partidas!... É de pasmar que á porta do theatro, do baile ou do concerto se encontrem duzias de estudantes, todos embuçados e incognitos, fazendo troca em alta voz a ponto de se ouvir no salão, entendendo com quem entra, etc. Este abuso, que, no meu modo de entender, provém só e unicamente do pessimo regulamento da policia, chama-se a *pan-dega*, e se hoje tem diminuido um tanto, annos houve em que tocou os limites do indecente.

Ha ao fim da *rua larga* e formando angulo recto com esta, uma viela solitaria e mal calçada, chamada *Entre-collegios*; sobre ella deita a sala do baile, cuja porta é a ultima da *rua larga*, ou a primeira para quem desemboca de *Entre-collegios*.

É este sitio, escuro ainda hoje, e escurissimo antes da illuminação a gaz, que os pandegos escolhiam para theatro das suas proesas. Era d'ahi que escarneciam as damas, que entravam, os directores, que vinham recebê-las ao amplo patamar, a musica, que tocava á sua entrada, e muitas vezes até a mais chegavam os seus improperios.

Ora o nosso amigo, disposto a fazer o seu transporte para a sala, lembrou-se que o albardão lhe sujaria as calças, e por isso, e mesmo para evitar os salpicos, que do patinhar do orelhudo animal lhe podessem saltar para as pernas, mandou cobrir o apparelho do jerico com uma coberta de paninho vermelho, que elle tinha deixando ficar d'um lado e d'outro as pontas de comprimento tal, que podesse embrulhar as pernas para as resguardar da lama. Montou pois o valente animal e partiu!...

Com o receio de soffrer desastre no mal calçado *Entre-collegios*, veio antes pela *rua de S. Pedro* desembocar ao meio da *rua larga*. A noite estava escura como um prego, mas serena; n'aquella occasião não chovia; mais de trinta pandegos, de caras tapadas, e com os classicos candieiros de metal amarello de tres bicos, estavam escondidos em *Entre-collegios*, e quando alguém ia a entrar, vinham formar-lhe duas álas de luzes! Por infelicidade o nosso azinonauta foi bispado ao longe e logo a rapaziada correu para elle com a sua illuminação. Ricardo fez-se vermelho como a sua coberta, mas sem dar ca-

vaco foi caminhando entre as duas álas de luzes, debaixo do tiroteio da mais incisiva chalaça. Chegou á porta! O infeliz tinha enrolado de tal modo a coberta ás suas pernas e saltou com tal precipitação, que se achou no limiar da porta envolvido n'aquella saia vermelha! Os musicos, que mal esperavam um homem de saia encarnada, demais a mais em cabelo, (porque Ricardo não levava chapeo por o não ter e por não amarrotar a cabelleira) supposeram que era uma senhora e romperam logo em torrentes de estrepitosa melodia; a tal reclamo accudiram logo os directores, que vieram ver Ricardo, acabando de se desembaraçar da sua involuntaria metamorphose! Uma d'estas gargalhadas, expansivas e insultuosas rebentou da multidão! os musicos calaram as suas harmonias e os directores indecisos não sabiam que fazer!

As chufas mais grosseiras partiram do meio d'aquella turba multa, a quem, como aos reprobos, era vedada a entrada d'aquelle eden, mas que se vingavam em amargar alguns instantes aos ditosos, que iam gozar uma noite de delicias.

— Pois não! toquem a essa lesma! — gritava um.

— Não vêem que vae de saia! — vociferava outro.

— Devia entrar de braço dado com o burro! — exclamava, com vóz de pipia, um terceiro.

Aos chascos succederam as indecencias, a estas a algazarra confusa. Entrou um lente! Como por seducção magica cada um, com o medo de ser reconhecido, calou-se, e aquella molle de vultos dispersou toda para *entre-collegios*, para ir esperar outra victima.

E no dia seguinte talvez dissessem que se tinham divertido muito n'aquella noite... Mentiam descaradamente ao bom senso e porventura tambem á sua consciencia.

Continúa.

Um estudante.

Com prazer accedemos ao pedido que se nos faz de transcrevemos da *Instrucção publica* o seguinte artigo, tanto mais, que a obra em questão é um esboço historico de summo apreço para a classe a que temos a honra de ser aspirantes.

Nobliarchia Medica.

Por mais vasto, e rico que seja o campo da Historia, tão habeis, e avidos têm sido os cei-

feiros, que n'elle tem entrado, que apenas aqui, ou alli deixarão ficar alguma espiga, que ou por descuido, ou como inutil, escapou a seus olhos lynces; como o que fica depois da colheita é propriedade de quem o apanha, aproveitamos o que os outros deixarão, e não pequena gloria nos resultou d'esta nossa, ainda que á primeira vista de pouco momento, comtudo de insano trabalho. E não é esta a primeira vez, que nós offercemos algum fructo da nossa colheita, já o fizemos em outra obra, que intitulámos *Nobreza litteraria*, que tantos elogios tem merecido, não só em Portugal, como no estrangeiro: uma noticia dos ayos, educadores, e mestres dos Senhores Reis, Rainhas e mais pessoas reaes portuguezas, de que tivemos noticia, desde os Senhores Reis de Leão até hoje, ninguem pôde duvidar ser um grande esclarecimento para a nossa historia civil, que por certo é muito pobre d'estas noticias.

Hoje, com a maior satisfação, appresento o fructo de quatro bem trabalhados annos, na presente memoria, a que dei o titulo de *Nobiliarchia Medica*; comprehende ella uma noticia succinta dos medicos, e cirurgiões da Real Camara dos nossos Reis, desde o Senhor Conde D. Henrique, até Sua Magestade Fidelissima que Deus guarde; dos physicos môres, e cirurgiões môres do reino, armada, exercito, e provincias ultramarinas, de que se acham documentos de indubia fé, na Torre do Tombo, e outros monumentos respeitaveis, pelo crédito, que merecem; não omittindo uma noticia da origem dos estudos da Medicina em Portugal, assim como da intruducção da Pharmacia, n'este reino, uma idéa do seu progresso, e privilégios, que lhe foram concedidos. Confesso que uma obra d'esta natureza, devia ser tratada por pessoa, competente na materia; mas como as obras de erudição, nem sempre requerem conhecimentos especiaes, nem eu procuro mais, do que dar o catalogo dos facultativos da ordem acima referida, não duvidei emprehender este trabalho, que na verdade supre muito á excellente Memoria do *Dr. José Pinheiro de Freitas Soares*, inserta no tomo XI das memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e isto em quanto ao numero, no mais em nada me posso comparar com o illustre Escripior.

D'este modo poderá qualquer, depois de mim, livre dos maiores embaraços archeologicos, tecer uma historia completa da Medicina, considerada em todos os seus ramos, em Portugal, ficando-me a gloria de contribuir, quanto

cabe em minhas debeis forças, para um fim tão util.

Esta obra sairá com a maior brevidade possível; não se fará por subscrição, mas as pessoas, que quizerem, poderão mandar os seus nomes, em carta franca de porte, ao Collegio de Nossa Senhora da Conceição, rua da Esperança n.º 101 A, dirigida ao Author.

Francisco Antonio Martins Bastos.

Publicou-se o n.º 7.º da *Revista de instrucção publica*, contendo — aviso — BRAZIL — Ministerio do imperio; relatório da instrucção publica — (continuação.) — PORTUGAL — logares de instrucção publica a concurso no mez de dezembro de 1857 e janeiro de 1858. — Associação promotora da educação popular — Relatório. — A instrucção primaria em Portugal pelo sr. D. Antonio da Costa, IV. — Methodo-Portuguez: — artigo extraído do Jornal da Associação industrial Portuense — extracto d'uma carta de Macahé (Brazil) — O rapto de Europa, vertido de Mocho por A. F. de Castilho.

Publicou-se tambem o 1.º numero do *Recreio Juvenil*. Desejamos longa vida ao novo collega.

ENIGMA.

Haver sem mim o mundo não podera,
Nem fim podera ter, nem brilho ou gloria;
Thronos, c'róas, amor, feitos, victoria,
Honras, louvores, justos, nada houvera;

Monarcha, a não ser eu, o rei não era,
Nem dos povos vivera na memoria;
E o Papa, sem um nome ter na historia,
Nem pontífice, nem Pio se disséra;

Sem mim do sol o brilho se não vira,
Não existira a morte e seu juizo,
Nem de nada, sem mim o orbe saíra;

O fim darei ao céo, ao paraizo,
Sem mim o proprio Deos não existira,
E o zero todavia eu symboliso!...

Aos senhores assignantes que no primeiro trimestre não satisfizeram o importe das estampilhas, não continuaremos a mandar o jornal franco de porte por que suppomos que assim o querem.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 10

Vol. I

1858 - AGOSTO - I

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem. Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Anuncios de publicações litterarias, *gratis*.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
{ Com estampilha 270 .

AOS SENHORES ASSIGNANTES.

Temos estranhado que os senhores assignantes, nomeadamente, do Porto, Lamego, Braga e Viana, não tenham mandado satisfazer o importe do 2.º trimestre d'este jornal, depois de nossos reiterados pedidos e de lhes facilitar-mos o meio da remessa, acceitando o valor em estampilhas de 5 réis.

E é tanto mais para estranhar este descuido quanto, além de ser uma bagatella insignificante o importe da assignatura, é elle applicado a um fim muito especial, que torna quasi culpoza qualquer negligencia.

Assim esperamos que todos os sr.s. queiram mandar satisfazer de prompto as suas assignaturas—para não termos o trabalho de o mandarmos pedir mais especialmente a cada um pelos jornaes da localidade.

Recordações de Coimbra.

Oh! laissez-moi toute ma vie
T'offrir mon culte,
LAMARTINE.

(Continuado do n.º 8.)

VII.

Coimbra, terra gentil e seductora, vou deixar-te!

Vou deixar-te, formoza princeza do Mondego, que, mollemente reclinada nas tuas collinas, te miras donairoza no espelho de suas aguas transparentes!...

Não me vae n'alma essa pungente saudade, que experimenta o mancebo namorado quando constrangido abandona as praias do seu nascer.

Não! Eu parto, levando no peito o sentimento, que o soldado, cubiçoso da gloria, offerece á sua patria quando d'ella se ausenta para acudir ao chamamento do clarim!...

O teu vulto me apparecerá em sonhos, não vaporoso e feiticheiro a fazer-me meiguices, mas augusto e magestoso a trazer-me recordações.

Aqui me desabrochou a vida de mancebo, a vida do coração; e aqui a tenho visto transformar de dia para dia 'nessa existencia em-murchecida e crestada pelo soffrer, que me paralyzou a vida no embryão da juventude!...

Coimbra!.. no teu seio repouzam os restos mortaes d'esse anjo de amor, que os meus primeiros prantos enxugou; d'essa mulher divina, que me acompanhou no perigrinar da vida, como cherubim caído do throno de Deus para me guiar entre os abysmos que bordam a senda de existencia.... Coimbra no teu seio, dormindo o somno do justo, repousa minha mãe!...

Templo sancto de Deus! eu vos saudo, pun-gido de respeito e de saudade por esse archanjo querido, que em vossas naves tem o seu leito mortal!! — Salve! templo sagrado, templo ligado á minha existencia por tão sacrosanctas impressões!!..

O vosso augusto bronze, funereo e triste, me ha dito que minha mãe baixára á terra fria!... e depois o vosso ministro, esse mesmo que recebêra o ultimo alento de minha mãe, ha lançado a bençam no voto que me ligou a minha esposa!... e ainda o mesmo sacerdote banhou com as sanctas aguas do baptismo esse filho tão querido, que faz hoje as delicias do meu atribulado existir!...

Templo de S. João de Almedina! eu vos saudo!.. Venerando ministro do Senhor, possedeis vós, recebendo o espirito puro e sancto

de minha mãe, infiltra-o em minha alma na bençãa matrimonial que sobre a minha cabeça haveis lançado; podesseis vós inutil-o no animo do infante, que de vossas mãos recebeu o nome de christão!...

Ministro do Senhor eu vos saúdo!...

Coimbra, terra gentil e donairoza! a vós se acha ligado o meu existir pelas mais augustas recordações de minha alma, pelos transe mais sollemnes do meu soffrer, pelos effluvios mais doces da amizade.

E desta brota com toda a seiva do agradecimento o sagrado affecto da gratidão!...

Coimbra aprasivel e risonha! adeus para sempre!...

Conclue.

A. M. da Cunha Bellem.

Ad Joseph Maria Baldy,

ODE.

... illum laudibus cuncti canent
Magnamque terrae nomen ignotae audient.
SENEGA = Troas — v. 391 — 392.

Quem Musa claris tollere laudibus
Efferreque audes, jam populos super,
Latasque gentes, gloriae alis
Evebitur: merito beatas
Edoctus artes, Palladis is ferae
Lustravit arcem, militiã simul
Ac Marte puber, dein senexque
Consilio valuisse fertur.
Vidi ducem, ejusque ingenii vim, eos
Novique mores, ut (fore enim reor
Et nesciant virtus mori et laus)
Per titulos memoresque fastos
Famam tenerent ob merita Helvii,
Quam rexit urbem; munus in astra gens
Tollat tuum, Baldy, Helviorum
Gloria, Lusiadumque nomen.
Primis ab annis hic Sapientiae
Arcana, rebus principium unde sit,
Sub mente volvit: tum Mathesis
Ductus amore adeo praeire,
Qui secum adirent; aereos poli
Tentasseque ignes: quid spatii sit his
Metiri; eorum qui ordo, Lusus
Noscere traditus est Athenis,
Ut (cuncta paucis affero) neminem,
Plus qui docendo profuerit, diu
Scholae viderent. Gentibus nunc
Jura dat, Oceano refuso;

Rerumque fraenos sub duce, quem fides
Certatim et ingens roborat undique

Virtus, regi gaudet Madeira,

Insula dives opum, potensque.

Salve, salutem qui populis diu

Aegris jubendo restituis: Ceres

Quem frugibus, dulcisque donant

Laetitiã atque mero Lyaeus.

Laetus sub umbra plectrum apud Helvius

Pulsavi; amicum carminibus Tibi

Mittam vale, vatesque multis

Te celebrem memoratum in oris.

Helvii, Idibus Juliis, anno 1838.

Franciscus Paula Sancta Clara

Sancta sinceridade.

Sancto Thomaz leccionava:

Quando 'numa occasião,

De apostillar enfadado,

Disse um manhoso ratão:

xxx

— Venha vêr, meu Padre Mestre,

(Ah!) um boi que vae voando!!!—

E o sancto para a janella

Foi-se mui crente chegando.

xxx

Os Frades, que assim o viram,

— Como crê? é impossivel!

Padre Mestre, lhe disseram,

Voar um boi não é crível. —

xxx

— Mais possivel me parece,

O nosso sancto lhes disse,

Que voar um boi podesse,

Que um religioso mentisse.

Julho de 1838.

M. J. Pires.

A Byron.

Filho dos ceus e do inferno

Byron no mundo surgiu,

Astro de luz e de trevas

Mysterioso fulgiu.

xxx

Anjo, pairou nas alturas,

Demonio, o mal conheceu;

Poeta, cantou delicias,

Homem, chorou e soffreu. T.

IMPROVISO.

NA LAPA DOS ESTEIÇOS.

Como é bello tudo aqui!
CASTILHO.

'Nestes enleios d'eternal verdura
O peito encontra bem gentil prizão,
Aqui a vida tem maior doçura,
Tem almo gôso, divinal condão;

'Neste recinto de escondidas fadas
Brandos affectos dar calor nos vem,
E entre as boninas de verdor cercadas
Fogem as magoas que nossa alma tem:

Nas meigas trovas do cantor plumoso
Bem doce enlevo de prazer sorri,
Tudo respira este encantado gôso,
Que nossos peitos embriaga aqui!...

Salve! recinto de encantado enleio,
Que n'alma deixas impressão dos ceus!
Se de saudade me trasborda o seio,
Minha alma deixo 'num saudoso adeus!

A. M. da Cunha Bellem.

Amor-proprio e amor.

Traducção.

(Continuado do n.º 9.)

Paulo estava ha quinze dias em Arnola, e tinha levado a effeito o seu pensamento. Em uma bella manhã, pouco tempo depois de tomarem a posição costumada, disse elle á pastora. — Eleonora, amo-vos, com um amor que é a minha vida, adoro-vos; vós sois para o artista a imagem ideal do amor; a vossa alma sómente precisa ser cultivada para ser tão amavel como o vosso corpo. Quereis ser minha espoza? Quereis tornar a minha casa a vossa casa, o meu paiz o vosso paiz, a minha vida a vossa vida? Eu sou artista, trabalho para a minha subsistencia mas já começo a ser rico. Fallai? quereis ser minha?

—Quero, — respondeu a joven, que não sabia occultar seus sentimentos de orgulho e alegria.

— Mas vós não me conheceis. Eu sou cioso

e desconfiado, sou soberbo e sensitivo. Vós sois bella, sois amavel, outros vos disputariam a mim: eu assassitaria o Papa, se elle vos procurasse; mataria o imperador se elle vos offerecesse uma prenda. Vós sois uma simples camponeza; aquelles que me rodeiam poderiam rir-se da vossa falta de conhecimentos do grande mundo, poderiam escarnecer-vos por não terdes os dotes e os vicios das senhoras das cidades, e eu desafiaria o primeiro que se risse ou escarnecesse de vós. Portanto, se podeis ser minha e fazer-me feliz, é mister viver longe dos homens, para mim sómente: é mister não conhecer outra existencia senão a minha, abandonar toda a sociedade, toda a communicacão com os vossos semelhantes; é necessario que eu sómente seja o vosso mundo, a vossa vida, todo o vosso ser.

— Serei o que mais vos agradar — disse docemente a joven camponesa.

— Esta pintura não vos atemorisa?

— Amar-me-heis vós sempre? — perguntou ella com timidez.

— Em quanto existir, minha arte, meu idolo, minha deusa! Eleonora, em quanto em mim houver um sópro d'existencia.

— Fazei de mim o que quizerdes — replicou a joven menina.

Um mez depois estavam casados, e seus paes ensoberbecidos, com razão, pela elevada posição a que sua filha havia chegado. Elles foram no outono a Roma onde Paulo tinha tudo preparado para a sua mysteriosa existencia por intervençãõ da sua ama fiel e afeiçoada. Paulo consagrava a Eleonora todos os momentos não dedicados á sua arte, e ao mesmo tempo começou a educal-a systematicamente. Achou nella uma attenta e diligente discipula, e, na occasiãõ em que fallo, Eleonora possuia todas as vantagens intellectuaes que se alcançam pela prática contínua com um homem de talento.

Mas Paulo Zustana fóra de sua casa era um homem diferente e infeliz; vivia em continuo receio de que o seu thesouro fôsse descoberto; via com uma impaciencia secreta, os muitos defeitos que ainda haviam no seu idolo amado; conhecia a impossibilidade de a conservar sempre na mesma habitacão; e elle que desejava ardentemente fazel-a gozar do ar e liberdade, receava que ella fôsse vista por homens poderosos e de poucos escrupulos e temia o ridiculo por ella ser filha de camponezes, e pela sua educaçãõ imperfeita! D'aquí provinham as excentricidades no character de Paulo.

Conclue.

E. O.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

(Continuado do n.º 9.)

VIII.

No baile.

—Minha Senhora!.. uma noite de baile é para mim o oasis vecejante que me sorri no meio d'esta aridez da vida academica, deserto de laborioso transito, no qual só ha o descansar 'nestes magicos oasis, os quaes, para em tudo serem verdadeiros, até são habitados por seductoras huris.

—Então não gosta da vida de Coimbra?

—Sim e não, minha senhora! Quando me vejo em luta aberta com os revezes que soffre o estudante, quando penso que estou longe da minha familia, e que a minha imaginação se vê suffocada pelo positivismo das aulas, das sabbatinas, das dissertações e finalmente do estudo e só do estudo, abomino, detesto Coimbra, mas quando, mais feliz, posso esquecer as horas do enfado em doce companhia então não trocára um momento de minha existencia por longos annos do viver das mais faustuosas cidades.

—Ora esta! o Sr. não gostar de Coimbra!...

—Perdão! minha Senhora, eu não disse que não gostava de Coimbra... disse apenas que quando não tinha companhias tão seductoras como agora, soffria muito... chegava a ter saudades da minha terra.

—O Senhor é do Porto?

—Não! minha Senhora, eu sou de Lisboa.

—Ah!...

—Parece que lhe causou uma impressão desagradavel ouvir que eu que era de Lisboa!... V. Ex.ª não gosta dos rapazes de Lisboa?

—Nem de todos!... Diga-me quem é aquelle rapaz que além está a conversar com a D. Leonor Seabra.

—É um rapaz brasileiro!.. mas!.. o dever nos chama, é V. Ex.ª!... o seu *vis-à-vis* espera-a.

A senhora D. Constança devia romper o *en-avant-deux* da ultima marca da primeira contradansa. O cavaco que acabamos de relatar occupava o intervallo em que os pares das cabeceiras tinham desempenhado as suas evoluções choreographicas. O outro interlocutor é pessoa nossa conhecida—é o Sr. Ricardo.

A senhora D. Constança depois de ter avançado à *petit pas*, e recuado do mesmo modo, executado as suas pirnetas e mesuras, feito e desfeito o seu *traversée*, voltou ao seu posto

em quanto Ricardo a imitava dançando com a dama sua *vis-à-vis*: Este voltou de novo ao seu logar, deu o braço a D. Constança e levou-a á sua cadeira, situada entre outras muitas que da direita e da esquerda eram occupadas por varias senhoras de todos os tamanhos, edades, côres e feitios, sem que no meio d'aquella serie não interrompida de senhoras houvesse uma cadeira de vasio onde podesse um homem ir como intruso sentar-se para cavaqueiar já mais de perto com qualquer dama.

Aquella monotonia das senhoras dispostas em linha de atiradores era inexpugnável!... por isso Ricardo cruzou as mãos atraz das costas, caminhou para uma extremidade da sala, encostou-se á umbreira de uma porta e dispoz-se a fazer uma minuciosa analyse de todo o salão e de tudo e de todos.—analyse a que eu convido o leitor a assistir, pois descobri o daguerreotypo do pensamento alheio, com que não é difficil devassar a consciencia do meu amigo Ricardo, conhecer o que lá se passa e expôr aqui chã e claramente o resultado da sua judiciosa analyse, com tanta exactidão como o espelho reproduz os defeitos da dama *moyen-âge* que o consulta.

Mãos á obra, pois, que Ricardo já franziu o sobrolho, assestou a lunetinha de um só vidro e começou a dar desenvolvimento ao orgam da analysibilidade cuja bossa deve estar talvez... aonde?... Gall que o diga!... Eis o resultado dos trabalhos da tal bossa:

Continúa.

Um estudante

CHARADA.

Sou anteposto a monarcha, — 1

Sou um verbo e appellido. — 1

Entre os nomes de cidades

É o meu bem conhecido. M. J. P.

EXPLICACÃO DO ENIGMA DO N.º ANTERCEDENTE.

Letra — O. —

Somos authorisados a declarar que os artigos publicados até ao numero 6, com assignatura F. O. e os dos numeros seguintes com . . pertencem ao nosso collega Agostinho Antonio do Souto.

ESTRÊA LITTERARIA



JORNAL RECREATIVO



1858 - AGOSTO - 15

Correspondencia, tanto de redacção como de administração, ao Redactor A. M. da C. Bellem.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que à redacção forem enviados.

Publica-se duas vezes por mez.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Annuncios de publicações litterarias, gratis.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
{ Com estampilha 270 "

Recordações de Coimbra

(Continuado do n.º 10)

VIII.

De quem me devo queixar?
De vós que podêis ser,
Não vos sabe alma culpar,
Fica sómente o soffrer,
Se mais fica é suspirar.

SÁ DE MIRANDA

Ao deixar Coimbra para sempre não ha ninguem que lhe não entõe o seu *adeus de despedida*, não ha ninguem que não recapitule todas as impressões que aqui recebeu, já tristes, já alegres; já de amizade e gratidão, já de profundo desprezo ás offensas recebidas. — O *adeus a Coimbra* é necessariamente o epilogo de todas as *recordações*, que, n'alma do mancebo, pôde deixar gravada esta terra!... é a vóz do agradecimento ou o grito da maldição, que o passado nos desperta!... é o indispensavel tributo a amigos e inimigos, — de reconhecimento áquelles, e a estes do mais orgulhoso desdem!...

Coimbra, — onde mil circumstancias fazem ao estudante, ás vezes, tragar paciente a offensa — onde, para se não ser alcunhado de servil (por esses que só propalam o favor recebido, para se elle tornar assim o nucleo de novos favores), é mister receber silencioso o obsequio; — Coimbra offerece, n'esta aridez da vida, a sorrir-nos um oasis de independencia, no dia seguinte ao da formatura. — Então se pôde cuspir a affronta como se pôde tambem pronunciar o agradecimento, sem que os labios tremam ante o stygma maldito de servilismo!..

Este *adeus a Coimbra* é um amalgama monstruoso de todos os sentimentos!.. Saudades e

desprezo a esta terra, eis aqui o mote!... Os mil obsequios recebidos aqui... os muitos amigos que aqui contei, tudo me impõe o dever de uma eterna gratidão; mas a offensa que tambem envolveu ás vezes o obsequio, — como em sudario de vistosas galas se envolve o putrido cadaver, — essa não pôde esquecer nunca!

É tão doce dizer « eu tive amigos!.. » é tão doce expressar solemnemente a gratidão no momento em que os laços da dependencia se quebraram... que eu, n'este momento solemne, vejo obscurecer a reminiscencia das offensas, para só lembrar innumeraveis provas de afeição.

Pôso-o dizer com orgulho! — No meu perigrinar academico achei n' alguns cavalheiros amizade sincera e desinteressada. D'esses foram especialmente Olympio Nicolau Ruy Fernandes e Augusto Cezar Barjona de Freitas.

Pôso-o dizer com prazer!... Entre os condiscipulos tive amigos! — Se de alguns recebi offensas, esqueci os seus nomes; e hoje, que a custo lhes saberia dar preferencia, porque os confundo na minha gratidão, consagro um logar de escolha a esse mancebo a quem offertei o melhor ramilhete dos affectos d'alma, a quem dei gratidão, amizade e sympathia, — a Manuel Francisco de Medeiros Junior... e, se me fóra ainda possivel a escolha de mais dois, esses dal-os-hia talvez a Agostinho Antonio do Souto e Sebastião José Rodrigues de Freitas!..

Além dos condiscipulos, com muitos collegas convivi. — Carlos José de Oliveira, Antonio Silvestre do Rego e Pedro Augusto do Couto Zagallo são tres nomes em que eu ciffro a elite das minhas afeições.

Egual fortuna não tive com todos os meus mestres. D'entre tantos, a quem sempre dei esse respeito que se casa com a nobreza, sem que a

servilismo se pareça; fazendo-me apenas justiça como mestres, muitos, como homens (com magoa o digo), envenenaram os obsequios com o orgulhoso alarde de que os revestiram...

Mas mesmo assim eu não serei ingrato a esses obsequios e, para o provar, aqui deixo estampados os nomes, que eu no coração guardarei indelevelmente.... mas não!.... que pareçam sepultados comigo como comigo morrerão as desfeitas recebidas!...

À classe dos artistas, a quem também devo provas de decidida sympathia, de amizade mesmo, envio agora igualmente um adeus saudoso, um agradecimento sincero!...

E é tão doce gravar aqui estas expressões, para um dia as reler, quando a mente, cansada de novos soffrimentos, venha repousar à sombra d'esta recordação!... E a memoria, que jámais esquece os factos quando a luz da gratidão os allumia, parecerá com prazer-se então em encontrar estes marcos sensíveis, que lhe recordem..... que lhe despertem bem ao vivo todos os amigos, que o coração jámais poderia esquecer, embóra mesmo podesse a memoria fatigada confundir no olvido os seus nomes, a recordação as suas feições, a reminiscencia os factos particulares que a elles nos ligam e pelos quaes lhe devemos eterna gratidão!...

Para o venturoso, a quem as galas da vida sorriem sorriso de felicidade, não ha o doce prazer de considerar cada amigo como uma divindade tutelar, que no ermo da vida lhe vem affagar a dôr: para elle não ha essa elevação d'alma do que soffre para o que o allivia, do que padece para o que o conforta. Esse prazer é só concedido ao sem ventura, e eu, que assim o experimentei mil vezes, mil vezes me hei elevado ao Creador a agradecer-lhe quasi de me haver feito infeliz.

A. M. da Cunha Bellem.

Paciencia degenerada.

Cuidam os homens, dizia
O grande sancto Agostinho,
Ser um acto de paciencia,
E é um costume damninho,

O dizer, quando aggravados,
—Eu não me quero vingar:
Deus, que pune e que premeia,
Elle os ha de castigar. —

Cuidas tu que tens paciencia?
A mente em error te pôz!
Ficas juiz do teu proximo
E fazes de Deus algôz!!!

Elvas, Julho de 1858.

M. J. Pires.

Hymno da faculdade de Medicina.

OFFERECIDO AO CURSO DO 5.º ANNO.

Χάρμα μίγ' ἀνθρώποισι, κακὸν θελάκτηρ' ὀδυράων.
HOMERO (Hymno de Esculapio).

Da sciencia na lide affanosa
Verdes c'rôas buscamos ceifar,
Que nos vem uma esperança formosa
No horizonte da vida brilhar;

'Nestas mentes, que inflamma a sciencia,
Brandos sonhos nos vem a sorrir,
Que se abrasam os peitos na ardencia
Dos desejos de um aureo porvir.

côro.

E nas lides do estudo uma palma
Todos nós aspiramos colher
Que nos brotam nos intimos d'alma
O desejo, o ardor do saber.

Somos jovens! sonhamos da gloria
Alcançar o tropheu sem equal,
Que nos vem off'recer a victoria
Verdes louros de c'rôa immortal:

E dos grandes, dos sabios o trilho
É pharol, que nos dá meiga luz,
Deslumbrando nossa alma c'o brilho
Da sciencia, que á gloria conduz!...

côro.

E nas lides do estudo uma palma etc.

Se do paço dos reis té á choça
No soffrer todo somos eguaes,
Que missão ha mais nobre que a nossa,
Que na dor traz allivio aos mortaes?

Eia! pois! trabalhar n'esta empresa
Com affan, com prazer, com ardor;
Pois no mundo não vale a riqueza
Quando falta a saude, o vigor.